



# UM DÁLMATA DESCONTROLADO





VEREDAS

**ÍNDIGO**

# UM DÁLMATA DESCONTROLADO

ilustrações:  
Davi Calil

2ª edição

 MODERNA

© ÍNDIGO, 2015  
1ª edição 2007

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petri de Almeida Leite  
EDIÇÃO DE TEXTO Marília Mendes  
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza  
DIAGRAMAÇÃO Cristina Uetake, Isabela Jordani  
ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO Davi Calil  
COORDENAÇÃO DE REVISÃO  
REVISÃO  
COORDENAÇÃO DE BUREAU Américo Jesus  
TRATAMENTO DE IMAGENS  
PRÉ-IMPRESSÃO  
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wilson Aparecido Troque  
IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Índigo  
Um dálmata descontrolado / Índigo ; ilustrações  
Davi Calil. -- 2. ed. -- São Paulo : Moderna,  
2015. -- (Coleção veredas)

ISBN

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Calil, Davi.  
II. Título. III. Série.

14-11362

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*

**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904  
Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2790-1300  
Fax (11) 2790-1501  
www.modernaliteratura.com.br  
2015



DE ACORDO COM AS  
DI - NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS



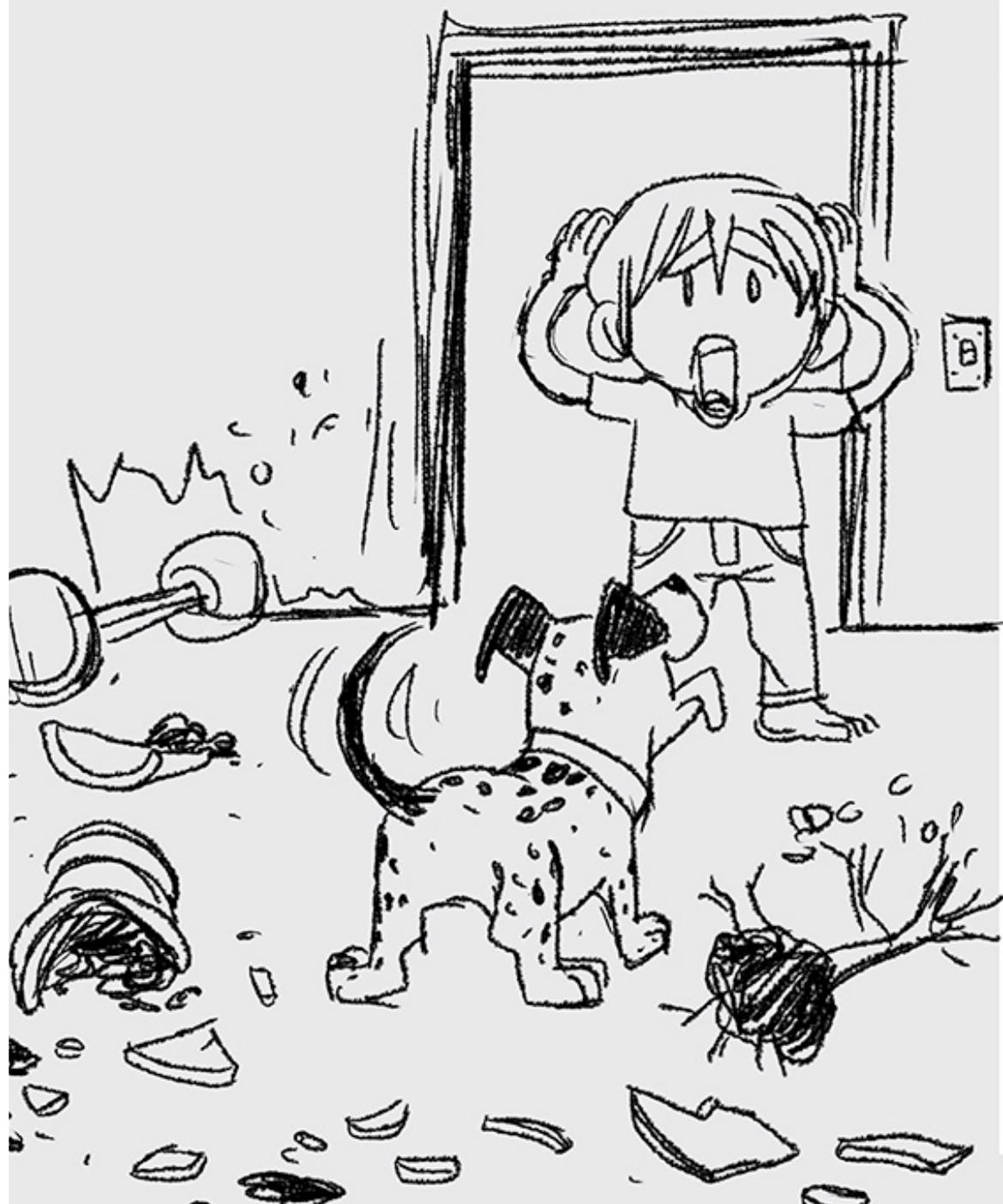
*Para Valentina, minha gata descontrolada.*



*Este livro ainda estaria na minha cabeça se não fosse por Eva Furnari, Laerte e Zeco, que me apoiam desde o começo de tudo.*

*Agradeço à Branca, uma beagle-fox-paulistinha muito louca. Por fim, um muito obrigada para a verdadeira Valentina, inesgotável fonte de inspiração.*





# SUMÁRIO

- 1. A incrível capacidade destruidora dos dálmatas X
- 2. S.O.S. Seu Barba ..... X
- 3. Conan ataca ..... X
- 4. O treinamento do Seu Barba..... X
- 5. A primeira tentação de Conan ..... X
- 6. Pai precoce..... X
- 7. Demonstrações de amor ..... X
- 8. El adestrador de perros ..... X
- 9. Separados pelo destino..... X
- 10. Decifrando gatos ..... X
- 11. Fraternidade animal..... X
- 12. Um acidente imperdoável..... X
- 13. Monstro tem um plano..... X
- 14. Sabedoria ancestral ..... X
- 15. Passagem de comandos ..... X
- 16. Traumatismo estudantil ..... X
- 17. Receita para um cérebro atlético.....X
- 18. Tudo sob controle ..... X
- Epílogo ..... X



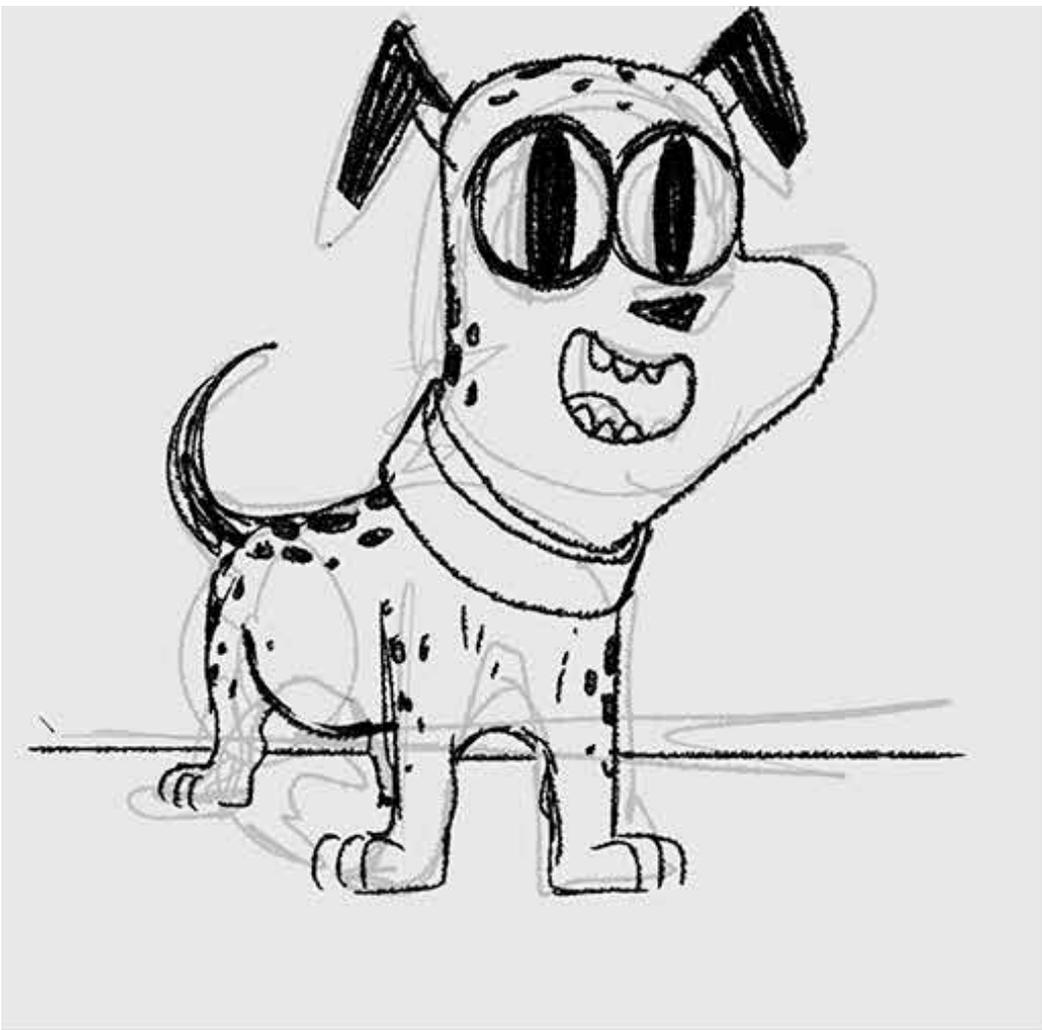


# 1. A incrível capacidade destruidora dos dalmatas

- Eu já sei como essa história vai acabar. A criança jura que vai cuidar do bicho. Promete levar pra passear, dar comida. Só que no fim, sobra pra quem?

Essa que acabou de falar é minha mãe, a Dona da Casa.

- Você está sendo muito radical. Eu confio no Ígor.



Ígor sou eu. Tenho onze anos de idade.

- Pois eu não!

Minha mãe nunca confiou em mim.

- Não se preocupe, filha. Se o Ígor quis tanto um cachorrinho, é porque vai cuidar do bicho.

Se tem alguém no mundo que confia em mim é a vó Ursula. Apesar de chamar minha mãe de

filha, ela não é mãe da minha mãe. Ela é mãe do meu pai. Mas meu pai não mora mais conosco. Então minha vó começou a chamar minha mãe de filha. Antes, quando minha mãe e meu pai eram casados, minha vó não chamava minha mãe de filha. Agora que não tem nada a ver, ficaram assim: mãe e filha. Vai entender...

Quanto ao que vó Ursula acabou de dizer, ela tem razão. Eu vou, sim, cuidar muito bem do Conan, meu cão. Ele ainda é filhotinho. Não sei de onde a Dona da Casa tira essas ideias. É óbvio que vou alimentar Conan. Como eu poderia deixar meu próprio cão morrer de fome?

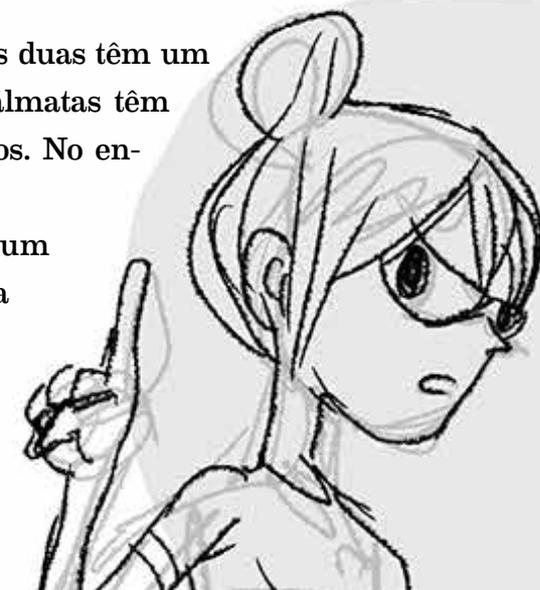
- Não vou cuidar desse cachorro. Nunca gostei de cachorro. E sabe o que eu descobri? Que dálmata é uma das espécies mais rebeldes que existe!

- Que nada.... Dálmatas são ótimos - respondeu vó Ursula.

Quanto a isso, as duas têm um pouco de razão. Dálmatas têm fama de bagunceiros. No entanto, são ótimos.

- Vou contratar um adestrador - disse a Dona da Casa.

- Adestrador?!





Nesse ponto da conversa eu não podia continuar escondido na quina do corredor, dando uma de homem-invisível. Nessas horas ou nos intrometemos ou os adultos começam a tomar as decisões mais estapafúrdias. Adestrador... Minha mãe só podia estar louca.

– Não precisa de adestrador! Eu mesmo vou ensinar tudo que ele precisa saber – eu disse, invadindo a sala.

– A-hã... - minha mãe respondeu.

Odeio esse “a-hã”.

– É caro, mas vale a pena. Já conversei com donos de dálmatas. Colocando tudo na ponta do lápis, compensa.

– Colocando o que na ponta do lápis? – perguntei.

– O prejuízo dos móveis que ele vai comer, tapetes, sapatos, colcha de cama, porta, rodapé, perna

de cadeira. Com um adestrador evitamos tudo isso.

– Ele não é um crocodilo! – protestei.

– É um dálmata, dá na mesma. Vamos dividir o pagamento do adestrador em três. Um terço pra cada uma de nós, o outro terço pro Seu Barba.

– O que é que o Seu Barba tem a ver com isso? – perguntei.

– Oras, o “presente” foi dele e da sua vó.

A Dona da Casa já havia pensado em tudo! Falava como se Conan fosse um doente na família, desses que ficam tomando remédios caríssimos e fazendo tratamento nos Estados Unidos. Daí a família tem de fazer reuniões para encontrar um jeito de pagar as despesas. Conan devia ser um motivo de alegria para todos nós.

– Mas ele é um motivo de alegria pra nós! – disse.

– A-hã. Então, Ursula, o que você acha?



- Vou falar com o Barba.

Seu Barba é o namorado de dois meses da minha vó. Não que ele tenha dois meses de idade. É que eles estão namorando há dois meses, então vó Ursula gosta de dizer que tem um namorado de dois meses. Mas antes de se tornar namorado da vó Ursula, ele já era meu amigo. Conheci Seu Barba quando comecei minha busca por um bicho de estimação. Ele tem uma loja de animais exóticos. Foi lá que consegui comprar meu primeiro bicho, uma coelha chamada Jéssica. Eu não tinha dinheiro suficiente para levar a coelha, mas como Jéssica estava grávida, Seu Barba me deu um desconto. Infelizmente, a Dona da Casa não foi nada solidária com minha coelha-mãe-solteira e mandou que eu a devolvesse. Em vez de devolvê-la, troquei Jéssica por um iguana, o que foi maravilhoso. Ele se chamava Kléber e foi um dos bichos mais inteligentes que já conheci. Mas isso também não funcionou. A Dona da Casa acabou descobrindo o esconderijo dele. Então troquei Kléber por Godorico, um sagui. Foi aí que tive minha primeira decepção com os bichos. Godorico fugiu. Isso foi muito duro para mim. Eu me sentia culpado. O jeito foi começar uma criação de escargots. Entre todas essas idas e vindas de bichos, vó Ursula começou a namorar

com Seu Barba. É nesse ponto que estamos.

- Então é isso. Vejo vocês à noite.

Dito isso, a Dona da Casa se foi, bolsa no ombro, pastas debaixo do braço e o futuro do Conan decidido, sem que eu, vó Ursula, ou Conan, o maior interessado no assunto, pudéssemos dar nossa opinião. Na minha casa é assim.

Depois que a Dona da Casa saiu, eu só conseguia pensar numa coisa: na incrível capacidade destruidora dos dálmatas.

- Nunca conheci mulher mais exagerada que sua mãe - disse vó Ursula.

- Será que os dálmatas fazem tudo aquilo que ela falou? - perguntei.

Conan pulou no meu colo. Como é que um bicho tão carinhoso poderia se transformar num devorador de pernas de





cadeira? Ele era agitado, mas até aí, todos os filhotes são agitados.

– Vem com a vó, vem Sean Conan.

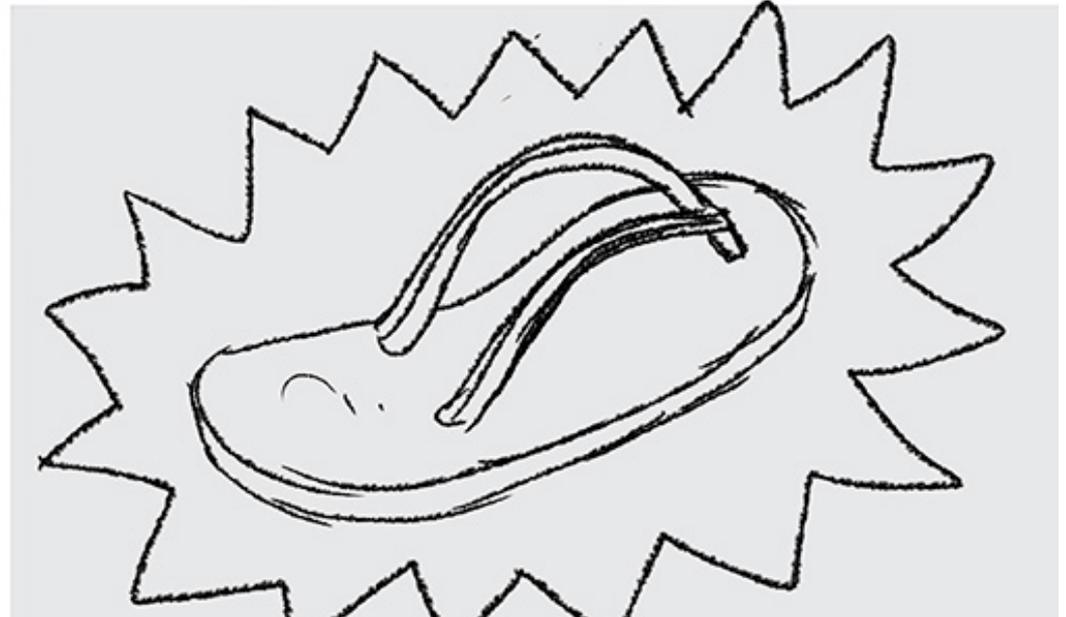
Não gosto nadinha quando vó Ursula chama Conan de Sean Conan.

Sei que é por causa de um ator da geração dela, que se chama Sean Connery, mas mesmo assim. Seu Barba também não vê a menor graça no apelido de Sean Connan.

Bem nessa hora, Gabriela minha irmã, entrou na sala. Ela andava de castigo porque tinha dado uma chinelada no Conan. Achei o castigo muito merecido. Apesar de não morrer de amor por cachorros, a Dona da Casa tem princípios de justiça. Um deles é combater o maltrato de animais. Isso não significa que ela defenda o bom tratamento de

animais. Explico. Ela acha errado usar animais para testes de xampu em laboratório, mas também acha errado dormir com animais na cama. Ou seja, ela se opõe a tratar mal os animais e a tratá-los excessivamente bem. No senso de justiça da Dona da Casa, o animal deve ter uma vida mais ou menos. Aqui em casa funciona assim. Conan pode viver conosco. Isso é bom. Mas ele é obrigado a dormir na lavanderia, o que é ruim. Ele pode brincar comigo na rua, o que é bom. Mas não pode se deitar no sofá para assistir televisão, o que é ruim. E assim vai. A Dona da Casa inventou um montão de regras desde que Conan chegou, e eu desconfio que mais regras estejam por vir.

Você deve estar se perguntando por que Gabriela deu uma chinelada num pobre filhotinho.





A resposta é simples. Ela está se mordendo de ciúmes.

- Vem com a vó, vem Sean Conan - insistia vó Ursula.

Mas Conan não ia. Acho que ele também não gosta de ser chamado assim.

- Ele não vai porque é burro - disse Gabriela.

- Ele não vai porque não quer - respondi.

Burro seria se atendesse a um nome que não é dele. Coloquei Conan no meio da sala e chamei por ele. Isso ia provar para Gabriela que meu cão só vai com quem o chama pelo nome correto.

Conan ficou girando feito um pião, olhando para vó Ursula, Gabriela e eu como se ele fosse um hamster de festa junina e nós, as possibilidades de casinha. Aquilo me pareceu estranho. Gritei com mais determinação, dessa vez batendo palmas. Ele é filhote, coitado. Ainda não entende direito como essas coisas funcionam.

- CONAN! VEM CÁ! VEM! VEM!

Vó Ursula atiçava do outro lado.

- Vem com a vó, vem Sean!

Mas, para nossa surpresa, Conan se atirou em cima da Gabriela, jogou-a no chão e lambeu seu rosto. Ora, aquilo não fazia o menor sentido! Peguei Conan no colo e fiz com que ficasse comigo. Ele se



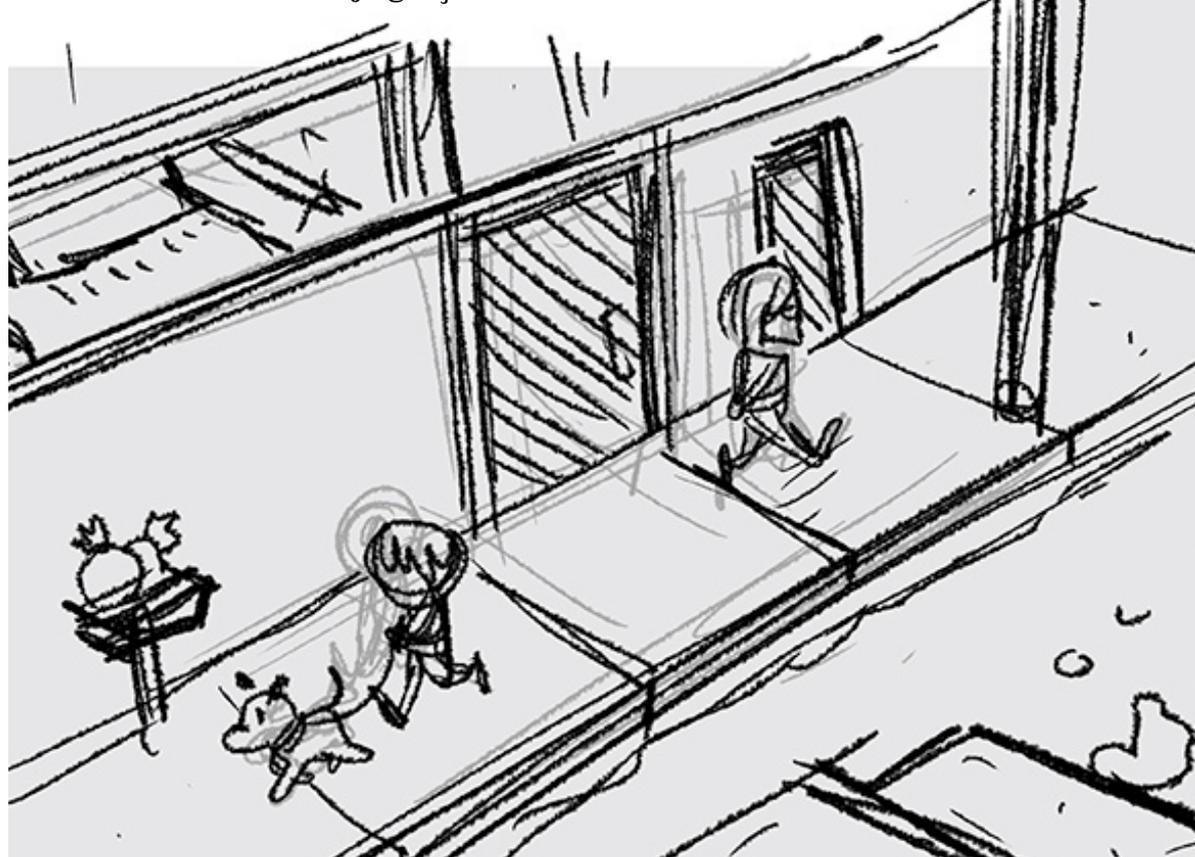
soltou e se atirou de novo em cima da minha irmã.

Ela xingou, reclamando que ele era nojento, que tinha nojo de baba de cachorro, que lambida de cachorro no rosto é nojento, que eu era nojento, que vindo de mim só podia vir um cão igualmente nojento, que ela estava com nojo e por aí fora.

- QUE NOOOOOOOOOOOOOO-JO! - gritou, por fim.

Coloquei a guia em Conan e chamei o elevador. Vó Ursula me acompanhou, dobrando-se de rir. Ela acha graça nos chiliques da Gabriela.

Eu não vejo graça nenhuma.



## 2. S.O.S. Seu Barba

Vó Ursula seguiu em direção à sua casa. Disse que tinha muito o que fazer. Conan e eu seguimos na direção oposta. Eu também tinha um assunto urgente para resolver. Conan estava eufórico de ir para a rua comigo. Nesse aspecto, temos muito em comum. Adoramos sair de casa! Eu sei como bichos pensam. Em breve Conan entenderá que sou eu quem o alimenta. Sou eu quem o leva para passear. Sou eu quem o defende nas discussões domésticas. Quando perceber tudo isso, nunca mais ficará em dúvida. Começará a me defender também. Quando pessoas estranhas chegarem perto de mim, ele vai rosnar e mostrar os dentes. Quando eu for em algum lugar e demorar para voltar, ele vai esperar por mim paradinho na porta da frente, como um servo fiel. Tenho certeza de que tudo isso vai acontecer. Uma hora ele vai entender nossa relação de cão e dono. É o que acontece com todos os cães e seus felizardos donos. Com nós não será diferente. Inspirado por esses pensamentos,



fui entrando na loja do Seu Barba.

Esqueci que...

- Não é permitido entrar com cachorro - disse Seu Barba, detrás do jornal, detrás do balcão.

- Mas somos nós!

Seu Barba baixou o jornal.

- Ígor! Conan! Entrem, por favor.

- Seu Barba - eu disse - nunca entendi essa regra de cachorro não poder entrar... É uma loja de animais!

Mal terminei a frase e Conan começou a latir.

Segurei-o pela guia, mas ele puxava forte. Achei que não ia conseguir segurá-lo. Ele me arrastava!

- PARA, CONAN!

- É o periquito! - disse Seu Barba.

Na enorme gaiola central os periquitos batiam asas, apavorados. Piavam por socorro. Conan salivava.

- Para com isso, Conan!

Que cachorro maluco! Na rua, passamos por vários passarinhos e ele nem ligou. Por que estava agindo assim, bem na frente do Seu Barba?

- Sossega, Conan! - ordenei.

Decerto era algum tipo de fascínio, por eles serem coloridos e Conan, branco e preto...

Seu Barba arrastou Conan para fora da loja. No entanto, ele se virou e pulou nas pernas do Seu Barba. Enroscou-se na guia fazendo barulhos horríveis. Uma mistura de choro, latidos, gemidos e sei lá mais o que. Parecia um cão possuído. Seu Barba amarrou-o num poste. Voltou todo espinhafrado.

O comportamento inesperado dificultava as coisas. Agora, como é que eu ia dizer o que estava preparado para dizer: que minha mãe acusava dálmatas de serem destruidores e que ela pretendia contratar um adestrador?

- Hehehe... - riu Seu Barba - dálmatas são uns pestinhas!



- Hã?!

- Nunca vi coisa igual. Uma racinha impossível.

Lá fora, Conan latia. Não é preciso entender linguagem de latido para saber o que ele dizia. Era algo como: "Saíam daí, au au! Saíam se são mesmo periquitos. AU AU AU! Quero ver! AU AU! Estou esperando! AU AU AU!".

Seu Barba alisou a barba e voltou para trás do balcão.

- É sobre isso mesmo que vim tratar, Seu Barba - eu disse. - Minha mãe quer contratar um adestrador pro Conan.

- Pra quê?!

- Porque ela acha que ele vai comer as pernas das cadeiras, as portas, o sofá e os sapatos dela.

- Conheci um dalmata que comia papel de parede.

- Então é verdade?

- Ele começava pelas quinas. Daí mordia bem forte até desgrudar. Ia mascando, que nem chiclete. Era um papel bonito, com umas flores grandes, amarelas. Comeu tudinho. No final, só ficou uma tirinha lá no alto, onde ele não alcançava.

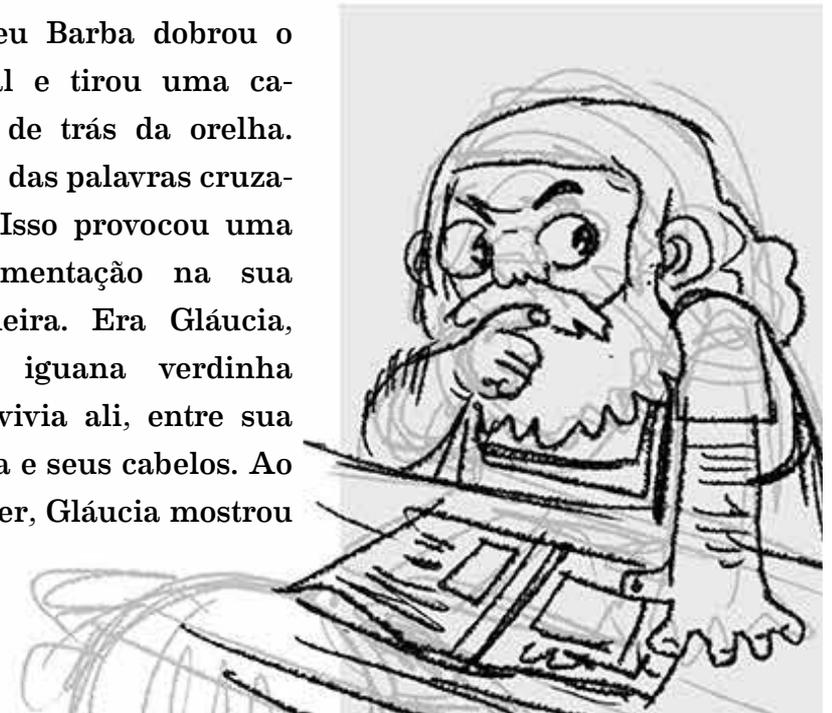
Seu Barba ia dizendo essas coisas e virando as páginas do jornal como se relatasse uma singela memória de infância. Fiquei arrasado. Minha esperança era que ele dissesse que minha mãe estava exagerando. Adoro quando ele diz que ela é exagerada.

- Sua mãe faz muito bem...

- Ela disse que adestradores cobram caro.

- Caríssimo!

Seu Barba dobrou o jornal e tirou uma caneta de trás da orelha. Hora das palavras cruzadas. Isso provocou uma movimentação na sua cabeleira. Era Gláucia, uma iguana verdinha que vivia ali, entre sua barba e seus cabelos. Ao me ver, Gláucia mostrou



a língua e deu uma piscadinha. Aquilo me deu coragem para prosseguir:

- E como o Conan foi presente seu e da vó Ursula, minha mãe disse que vai dividir a conta em três. Ela paga uma parte e o resto será dividido entre você e a vovó.

Fim das palavras cruzadas.

- Como é essa história?

Repeti a lógica da minha mãe. Seu Barba colocou o jornal de lado. Coçou a barba e olhou através da porta de vidro. Conan, amarrado ao poste, seguia latindo e pulando.

- Não vou pagar adestrador nenhum!

- Imaginei que não...

Agora sim, a conversa tomava o rumo desejado.

- Eu mesmo vou adestrar esse animal!

Essas eram as palavras exatas que eu queria ouvir.



- Já treinei muito bicho na vida - continuou Seu Barba.

- Exatamente o que eu pensei, Seu Barba. Lembra do Godorico?

- Godorico! Bom exemplo.

- Lembra do Kleber?

- Bem, Kleber não conta - disse Seu Barba. Iguanas não precisam de adestramento.

É verdade. Kleber era naturalmente bem-educado. Esquece esse exemplo. Estava tentando pensar em outros, mas Seu Barba foi mais rápido:

- Tempestade!

- Como?

- Tempestade. Um animal de rodeio. Eu domei aquele touro.

- Então! O Conan vai ser bico, perto do Tempestade. No caso do Conan é só fazer com que ele



### 3. Conan ataca

entenda que a única coisa comestível é a ração. Se não for ração, não é pra comer. Só isso. Fácil. Duas aulinhas e pronto. Ele é esperto. Aprende rápido, você vai ver.

Mas Seu Barba parecia não estar prestando atenção no que eu dizia. Tinha o olhar longe, para muito além da porta de vidro. Acho que tinha voltado aos tempos de peão.

Ficou combinado que no dia seguinte, logo depois da escola, Conan e eu voltaríamos à loja do Seu Barba para nossa primeira aula. A Dona da Casa ficaria satisfeita. Economizaríamos o dinheiro do adestramento, Conan aprenderia o que ele precisava aprender e nenhum adestrador autoritário com apito pendurado no pescoço viria nos incomodar. Melhor, impossível.

Caminhando com Conan pelas ruas, percebi como meu cão é especial. Ele andava em zigue-zague, se entrelaçando entre as pessoas, às vezes dando voltas em mim e me enrolando com a guia. As pessoas nos paravam a toda hora só para fazer um cafuné na cabeça dele. Não tinha quem resistisse.



Na outra ponta da guia eu me sentia extremamente popular. Conan e eu éramos uma dupla de chamar atenção. Ele tinha graça, simpatia, originalidade, carisma. Seria um crime permitir que um adestrador pudesse tudo isso. Seu Barba saberia adestrar Conan para atender as exigências da Dona da Casa e só. Com Seu Barba no comando, não havia risco de Conan começar a caminhar como cães policiais, sempre reto e alinhadinho com o dono, ignorando tudo à sua volta, sem interesse nenhum pelo mundo.

Seguimos para o parque, onde encontrei Monstro. Monstro não é perigoso e nem dá medo. Ele é meu melhor amigo. Monstro é apenas um apelido. Ah, ele tem uma banda de rock.

Não sei quem pulou primeiro em quem, mas quando vi, os dois rolavam na grama feito lutadores

de sumô, só que mais magrinhos, sem as tangas e com mais pernas. Demorou um tempão para Monstro notar que eu também estava ali. Quando finalmente largou Conan, contei o que eu havia combinado com Seu Barba. Ele aprovou a ideia. Disse que fazia questão de acompanhar os treinos. Monstro não tem um cão, e desde que Conan veio para a nossa casa, ele se tornou uma espécie de padrinho.

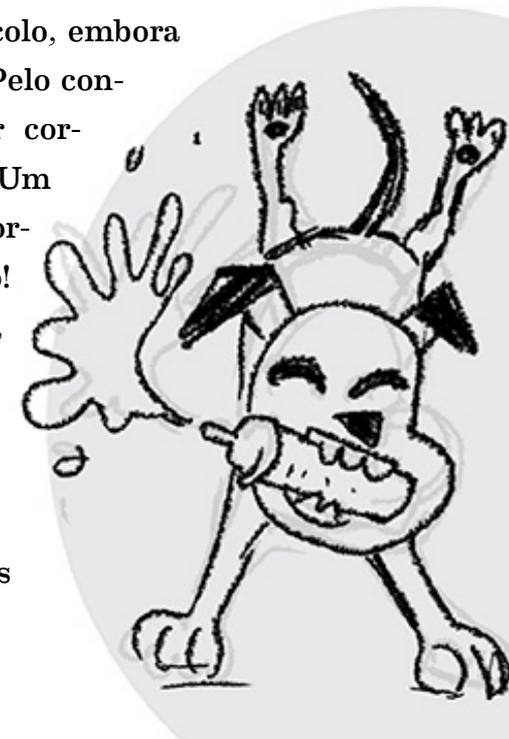
- Socorro! Pelo amor de Deus! - ouvimos alguém gritar, de algum canto do parque.

O rosto do Monstro se contorceu numa mistura de espanto e pânico.

- Socorro! Alguém acode!

Olhei na direção da gritaria. Uma mulher corria com um bebê no colo, embora ninguém a perseguisse. Pelo contrário. Ela parecia estar correndo atrás de alguém. Um filho fugitivo? Não. Ela corria atrás do meu cachorro!

Conan, por sua vez, corria com uma mamadeira na boca, jorrando leite para todos os lados. As outras mães, com seus bebês de colo, fugiam dos



jatos de leite. As criancinhas no tanque de areia viravam e viravam, acompanhando as voltas do Conan. Quem estava no topo do escorregador, lá em cima ficou. Quem estava na casa da árvore, mesma coisa. Quem estava no balanço se pôs a balançar ainda mais alto, para não colidir com o dálmata descontrolado. E quem estava ali, simplesmente curtindo uma tarde no parque, de repente se viu no meio de uma algazarra de doidos. O jogo de futebol foi interrompido.

Os meninos maiores acharam o máximo o dálmata de mamadeira. Vendo suas mãos encharcadas de leite, começaram a atijar Conan ainda mais.

Então Monstro pulou em cima de Conan, segurou-o pelas patas traseiras e o prendeu num forte abraço. Agarrei a mamadeira.

- LARGA, CONAN! LARGA!

Conan fazia que não com a cabeça. Sem dúvida, um óbvio sinal de não. Virava a cabeça de um lado para o outro espirrando leite na minha camiseta, na minha cara, cabelos, olhos.

- LARGA ISSO, CONAN! ESTOU MANDANDO!

- Dá um tapa na bunda dele! - gritou Monstro.

- LARGA, CONAN! LARGA JÁ! - gritei.

Eu me recusava a dar um tapa na bunda do Conan. Não na frente do parque inteiro. Mas Monstro

agiu por mim. Meteu um tapa na nuca do meu cachorro. Conan largou a mamadeira e se pôs a chorar, encolhidinho.

- Esse cachorro idiota é de vocês?

Respondi sem pensar:

- É.

Quem perguntava era a dona da mamadeira.

- Você não sabe que é proibido deixar cachorro solto no parque?

- Desculpa.

- Não quero desculpas.

Entreguei a mamadeira à mulher. Ela fez a mesma cara de nojo que Gabi fazia ao receber lambidas do Conan.

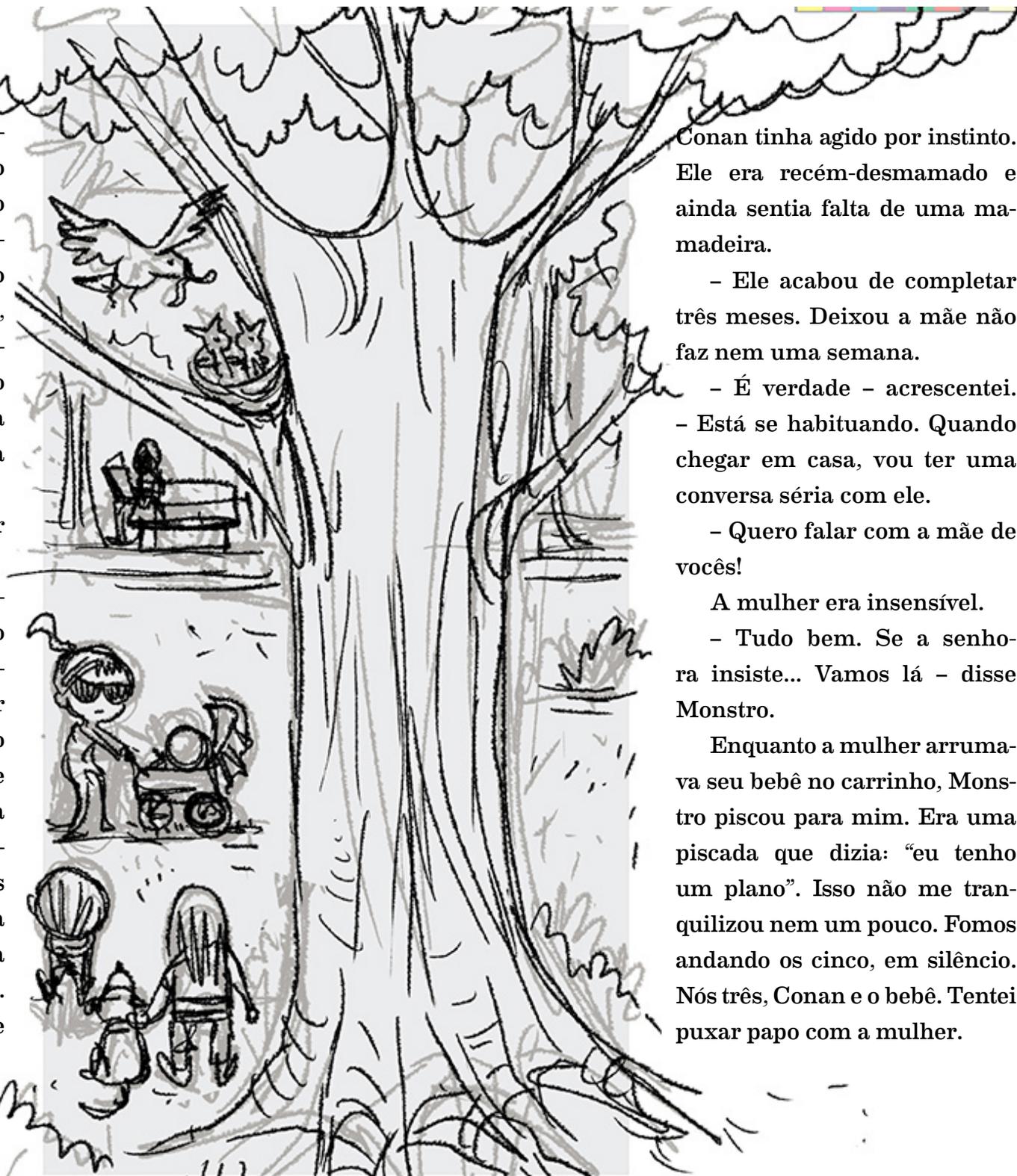
- Quero falar com a sua mãe - disse.



Gelei. Felizmente, enquanto eu passava por esse sermão constrangedor no meio do parque, Monstro teve a es-  
per-teza de colocar a guia no Conan. Para minha surpresa, Conan não estava mais mago-  
ado com Monstro. Abanava o rabo, acompanhando minha discussão com a mulher da mamadeira.

- Nós podemos explicar tudo - disse Monstro.

Não havia muito o que explicar. Conan tinha arrancado a mamadeira da mão da mulher para em seguida correr feito um míssil, esguichando em todo mundo. Agora que eu observava melhor, havia várias placas avisando que ca-  
chorros não podem ficar soltos no parque. A mulher estava coberta de razão. Mas para Monstro, isso não importava. Ele tentou convencê-la de que



Conan tinha agido por instinto. Ele era recém-desmamado e ainda sentia falta de uma mamadeira.

- Ele acabou de completar três meses. Deixou a mãe não faz nem uma semana.

- É verdade - acrescentei. - Está se habituando. Quando chegar em casa, vou ter uma conversa séria com ele.

- Quero falar com a mãe de vocês!

A mulher era insensível.

- Tudo bem. Se a senhora insiste... Vamos lá - disse Monstro.

Enquanto a mulher arrumava seu bebê no carrinho, Monstro piscou para mim. Era uma piscada que dizia: "eu tenho um plano". Isso não me tranquilizou nem um pouco. Fomos andando os cinco, em silêncio. Nós três, Conan e o bebê. Tentei puxar papo com a mulher.

- É menino ou menina?

A mulher, quieta. Monstro enfiou a cara no carrinho do bebê.

- É menino! Tem jeito de quem vai ser briguento. Qual o nome dele?

- É menina - respondeu a mulher.

A conversa acabou aí. Depois disso não encontramos mais nada para dizer.

- É longe? - perguntou a mulher.

- Na próxima rua - respondeu Monstro.

Imediatamente entendi o plano. Era bem arriscado. Eu mesmo não teria me atrevido. Monstro confia muito mais em vó Ursula do que eu, que sou neto legítimo.

- Mãããeee, cheguei! - gritou Monstro, ao abrir o portãozinho da casa da minha vó.

Vó Ursula apareceu na varanda. Monstro foi rápido.

- Oi, mãe. Você pode vir aqui fora um pouco?

Vó Ursula veio correndo. Estendeu a mão para Dona Mamadeira, mas ela continuou agarrada ao guidão do



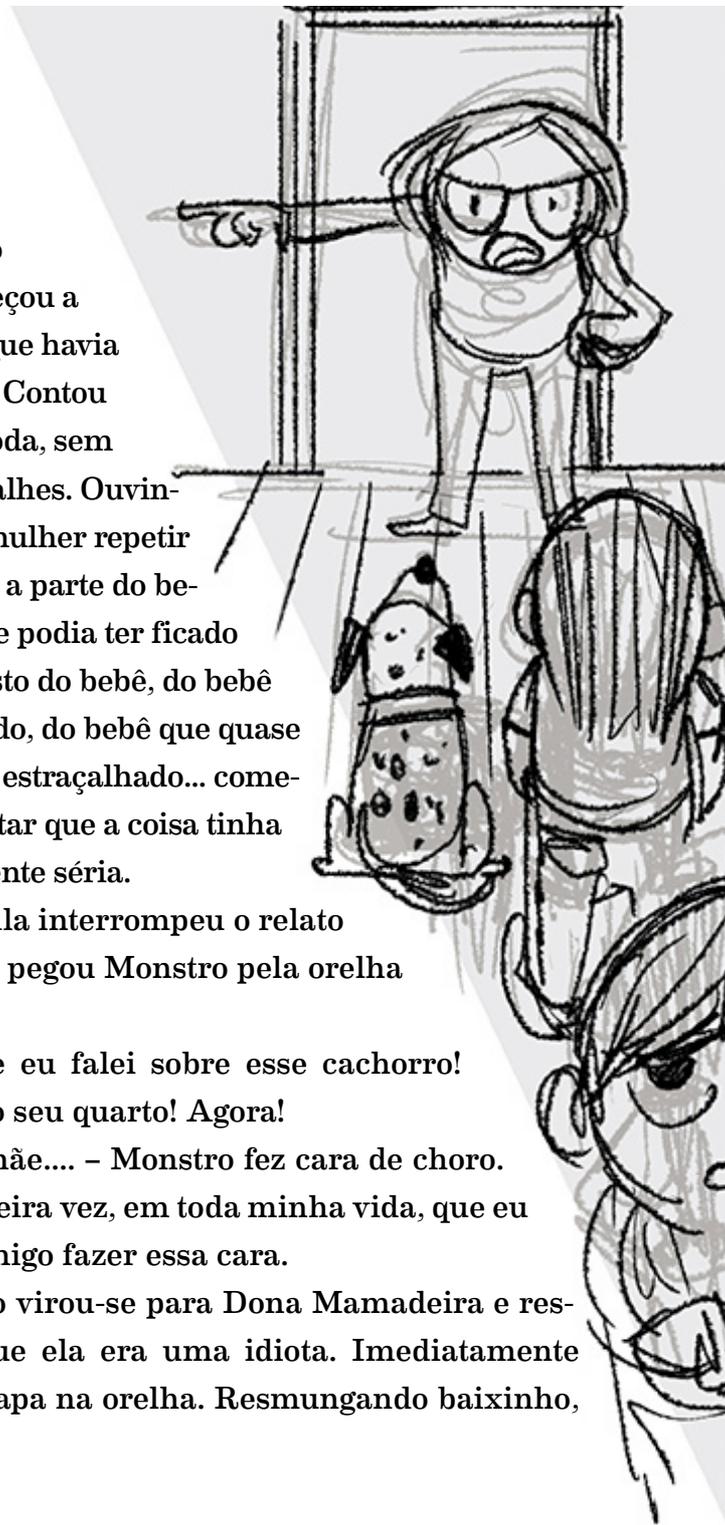
carrinho do bebê. Começou a falar tudo que havia acontecido. Contou a história toda, sem poupar detalhes. Ouvindo aquela mulher repetir trinta vezes a parte do bebezinho que podia ter ficado cego, do susto do bebê, do bebê traumatizado, do bebê que quase teve o rosto estraçalhado... comecei a acreditar que a coisa tinha sido realmente séria.

Vó Ursula interrompeu o relato da mulher, pegou Monstro pela orelha e gritou:

- O que eu falei sobre esse cachorro! Hã!?! Já pro seu quarto! Agora!

- Mas mãe.... - Monstro fez cara de choro. Era a primeira vez, em toda minha vida, que eu via meu amigo fazer essa cara.

Monstro virou-se para Dona Mamadeira e resmungou que ela era uma idiota. Imediatamente levou um tapa na orelha. Resmungando baixinho,





entrou na casa da minha vó, levando Conan junto.

E eu? Aquilo tudo estava tão absurdo, que não soube o que fazer.

- E você pode ir pra sua casa - disse Vó Ursula.

- Sua vó já ligou aqui quinze vezes.

Bem, eu iria até a padaria, daria um tempinho e voltaria. Dona Mamadeira estava que não se aguentava de felicidade. Para ela, aquilo era justiça divina. Mas então Conan se pôs a latir. Em vez de seguir com Monstro, ele correu atrás de mim! Vó Ursula o puxou pela coleira e gritou com ele também:

- Quietos!

Foi difícil me afastar. Caminhei devagarinho.

- Tá enrolando por que, Ígor? Já não falei que sua vó tá te esperando? - gritou Vó Ursula.

Essa última bronca deve ter levado Dona Mamadeira às alturas. Saí correndo. Não queria ver mais nada daquilo. Ainda ouvi vó Ursula pedindo um milhão de desculpas, e Conan latindo, querendo me alcançar: eu, seu verdadeiro dono.

Pouco tempo depois eu estava de volta à casa da vó Ursula. Encontrei Monstro e sua mãe postiga gargalhando à mesa da cozinha. Comiam biscoitos, tomavam suco de goiaba e atiravam bolachinhas para Conan, que pulava de boca aberta.

- Meu netinho de verdade! - disse vó Ursula, assim que entrei. - Gostou da nossa interpretação?

- Foi legal.

- Legal?! Foi o máximo! Enganamos aquela mulher, direitinho! Golpe de mestre! - comemorou Monstro.

Sim, tínhamos escapado de ter de apresentar

Dona Mamadeira para minha mãe de verdade. Era mesmo motivo para comemoração. Bebi um copo de suco. Mas o problema maior não tinha sido resolvido. Conan podia ter furado os olhos daquele bebê, e isso me deixava ansioso. Monstro continuou:

– Aquela mulher era muito neurótica! Vocês viram os absurdos que ela falou? Ela achava que Conan ia arrancar os olhos do bebê.

– E se ele tivesse arrancado? – perguntei.

De repente os três se calaram. O súbito silêncio foi dramático. Ficaram olhando para mim, como se eu tivesse dito a coisa mais escalafobética do mundo.

– E se... Mesmo sem querer, Conan tivesse arrancado os olhos do bebê?

– Ai, Ígor! Vira essa boca pra lá! – disse vó Ursula.

– Credo, Ígor! Até parece que você não conhece seu próprio cão!



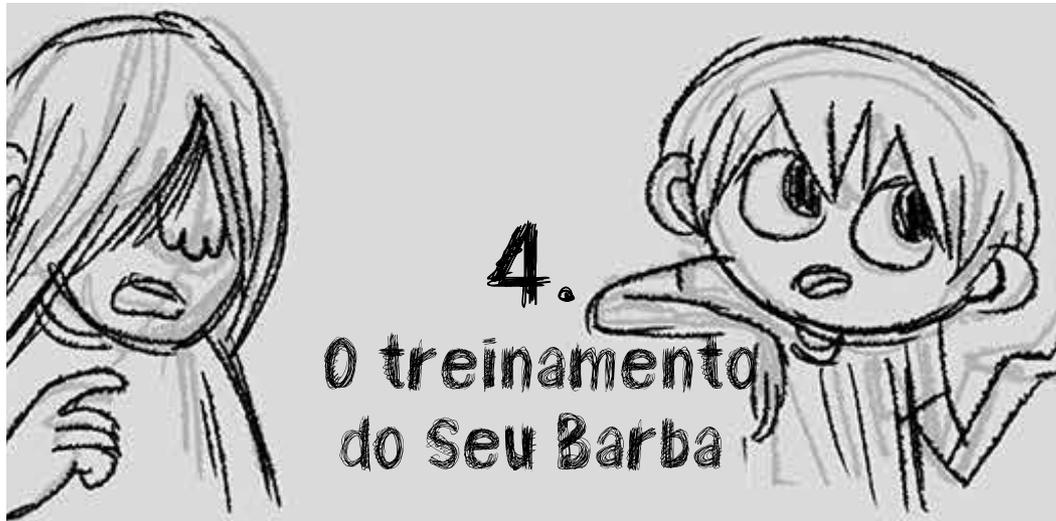
Monstro afagou a cabeça do Conan e sussurrou ao seu ouvido:

– Não liga pra ele, não. Ele está falando besteira. Todo mundo sabe que você não seria capaz disso.

Voltamos a comer biscoitos e recapitular a aventura do dia. Vó Ursula toda vaidosa por ter se passado por mãe do Monstro.

– É sinal que não aparento a idade que tenho.

Mas eu fiquei com aquilo na cabeça. Precisava começar o treinamento do Conan o quanto antes. Na minha vida de criança situações como essa são super comuns. Sei o que devo fazer, mas tenho de esperar. Nesse caso, teria de esperar até o dia seguinte para Seu Barba começar o treinamento. E antes disso, teria de esperar vó Ursula e Monstro terminarem de dar risada e se acharem geniais por terem enganado Dona Mamadeira.



#### 4. O treinamento do Seu Barba

- Seu Barba já treinou algum tipo de bicho? -  
Monstro perguntou.

- Vários! - respondi.
- Algum que eu conheça?
- Godorico. Lembra dele?
- Claro que lembro! Godorico era gente fina.

Godorico tinha vindo de um circo, era refugiado. Justamente por isso tinha uma personalidade meio rebelde. Ele não podia ficar exposto na loja



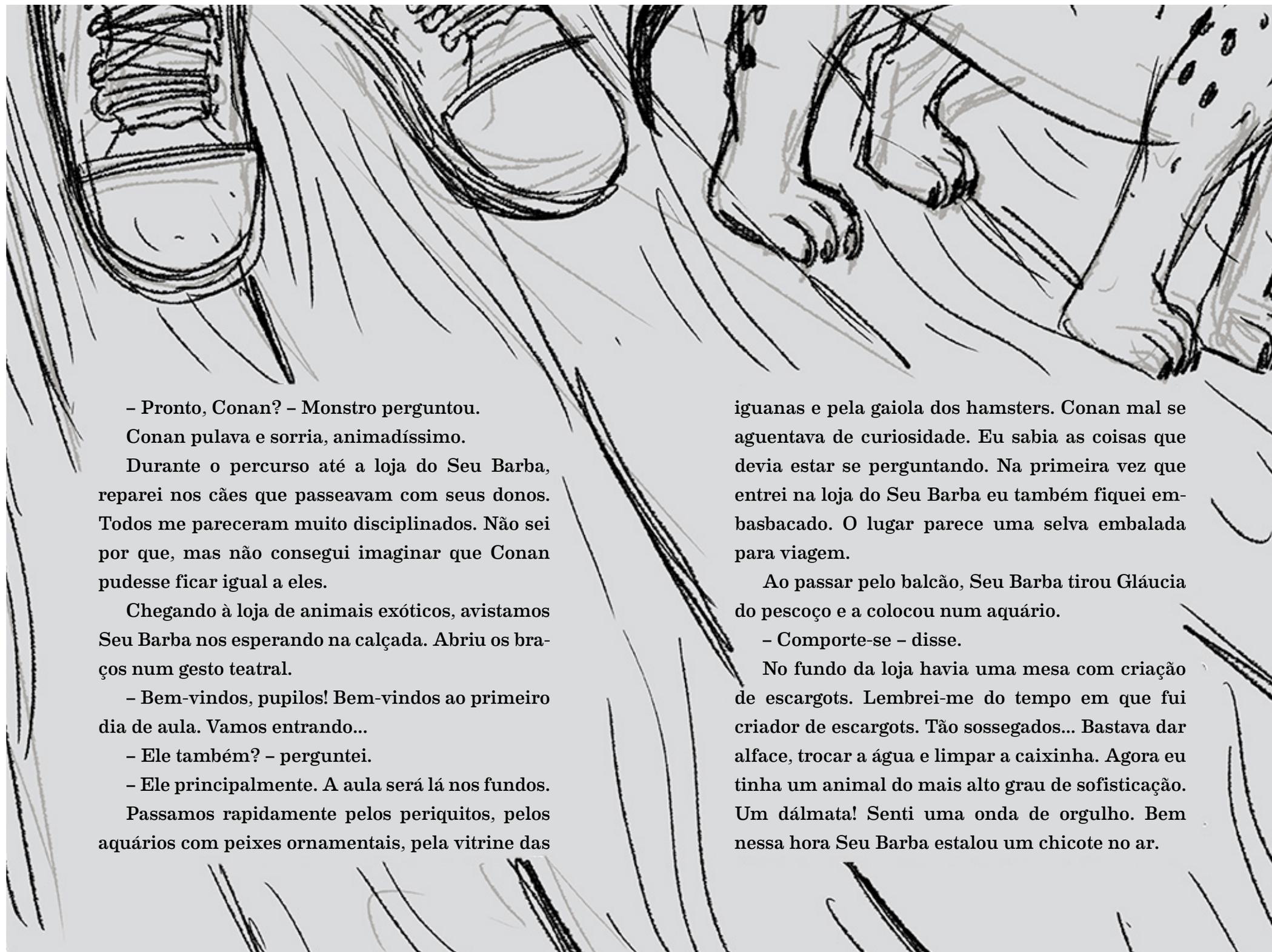
como os outros animais. Micos não podem ser comercializados. Por isso ele vivia nos fundos, como animal de estimação.

- Então, Godorico foi treinado pelo Barba.
- Problema, hein...
- Por quê?
- Imagina se Conan fica que nem o Godorico?

Ele nunca mais vai precisar de você. Godorico era praticamente um ser humano. Só faltava falar.

Eu não queria que Conan ficasse como Godorico, todo malandro, metido a esperto. Godorico era cheio de ideias malucas. Vivia fazendo macaquices. Depois sempre sobrava para eu pagar o pato. Pensando bem, no caso do Godorico, o treinamento tinha ido além da conta. Ele tinha passado do ponto de ser um bicho sem modos para ser um bicho com modos corrompidos. Sabia o que era certo e fazia o que era errado só para me prejudicar. Eu queria que Conan parasse de fazer o que era errado e pronto, sem malandragem.

Chegando em casa, encontramos Conan de rabo abanando, feliz em nos ver. Será que depois do treinamento do Seu Barba meu cão continuaria a me receber daquele jeito? Ou será que depois desse dia ele passaria a se esconder cada vez que soubesse que o levaríamos para uma espécie de escola?



- Pronto, Conan? - Monstro perguntou.  
Conan pulava e sorria, animadíssimo.

Durante o percurso até a loja do Seu Barba, reparei nos cães que passeavam com seus donos. Todos me pareceram muito disciplinados. Não sei por que, mas não consegui imaginar que Conan pudesse ficar igual a eles.

Chegando à loja de animais exóticos, avistamos Seu Barba nos esperando na calçada. Abriu os braços num gesto teatral.

- Bem-vindos, pupilos! Bem-vindos ao primeiro dia de aula. Vamos entrando...

- Ele também? - perguntei.

- Ele principalmente. A aula será lá nos fundos.

Passamos rapidamente pelos periquitos, pelos aquários com peixes ornamentais, pela vitrine das

iguanas e pela gaiola dos hamsters. Conan mal se aguentava de curiosidade. Eu sabia as coisas que devia estar se perguntando. Na primeira vez que entrei na loja do Seu Barba eu também fiquei embasbacado. O lugar parece uma selva embalada para viagem.

Ao passar pelo balcão, Seu Barba tirou Gláucia do pescoço e a colocou num aquário.

- Comporte-se - disse.

No fundo da loja havia uma mesa com criação de escargots. Lembrei-me do tempo em que fui criador de escargots. Tão sossegados... Bastava dar alface, trocar a água e limpar a caixinha. Agora eu tinha um animal do mais alto grau de sofisticação. Um dálmata! Senti uma onda de orgulho. Bem nessa hora Seu Barba estalou um chicote no ar.



- HEIA!!! - gritou.

Seu Barba largou o chicote e montou o equipamento. Acoplou um bambolê num pedestal e ligou o som. Uma musiquinha de circo.

- RESPEITÁVEL PÚBLICO! Com vocês.....O CANIL SALTITANTE!

Daí ele tocou uma corneta invisível e agradeceu os aplausos imaginários. Explicou a Conan que ele devia passar pelo meio da circunferência. Conan passou uma vez. Seu Barba levantou o bambolê, pediu a Conan que passasse novamente. Conan passou. Dessa vez, com um pulinho. Ficamos não sei quanto tempo nessas tentativas. Uma depois da outra, sem descanso, cada vez mais alto, de pouquinho em pouquinho. Conan entendeu perfeitamente o que era para fazer. Cada vez que Conan atravessava, recebeu afagos do Seu Barba.

- Incrível! Realmente incrível! Acho que descobrimos um talento nato - Seu Barba comemorou.

- Sério?

- É verdade! Ele é esperto. Aprende rápido!

- Posso pular também? - Monstro perguntou.

Até esse momento, Monstro tinha ficado se contorcendo ao meu lado. Ele é bem mais impaciente que eu.

Para Monstro, Seu Barba ergueu o bambolê bem alto.

- Não é melhor você pegar um colchonete? - sugeri, antes que meu amigo levantasse voo.

- Não precisa.

Corri para dentro da loja e peguei um colchonete mesmo assim. Monstro não tem noção de perigo. Improvisei o local de aterrissagem e me afastei. Nas primeiras tentativas, Monstro batia os pés no bambolê. Pouco depois, começou a saltar tão bem quanto Conan. Os dois passaram a intercalar a vez. Conan caía com mais naturalidade, talvez pelas patas adicionais. Monstro finalizava com uma cambalhota.

- Quer tentar também, Ígor?





Não quis. Não era muito a minha, ficar me atirando daquele jeito. Preferia assistir.

- Agora vamos à segunda parte da aula.

Seu Barba voltou a pegar o chicote, deu umas estaladas no ar.

- É dos meus tempos de circo. Usava com os leões.

- LEÕES!?! - perguntamos Monstro e eu ao mesmo tempo.

- Leões. Vocês provavelmente não sabem, mas estão diante de um adestrador de feras. Já peguei uns belos abacaxis. Agora, um dalmata... É... O mundo dá voltas.

Seu Barba deu mais umas estaladas de chicote. Fui me encolhendo para junto dos escargots.

- Bem, vamos parar de saudosismo - disse Seu Barba. - Que tal um pouco mais de emoção? Fiquem aí. Já volto.

Seu Barba voltou com alguns trapos, um galão de não sei o que e uma caixa de fósforos. Sempre cantando musiquinhas de circo, enfaixou o bambolê com os trapos. Depois abriu o galão e encharcou o bambolê. Riscou um fósforo, virou-se para nós e sorriu.

- Essa é a melhor parte!

- EU vou primeiro! - gritou Monstro.

O bambolê virou um círculo de labaredas. Conan ficou deslumbrado com aquilo. Monstro então, parecia o próprio Homem Fogo em ação. Seu Barba estalou o chicote, incitando o o suposto público imaginário. Falou sobre o Deus Fogo, que desde o início do mundo vem fascinando a humanidade.

- Um amigo, mas também uma força avassaladora da natureza! Agora, senhoras e senhores, este espécime humano vai desafiar um dos quatro elementos. O elemento que arde, consome, irradia e queima!

Monstro pulava feito um lutador de box prestes a entrar no ringue. Se tivéssemos tambores, essa seria a hora. Vi Monstro se afastar, pegar impulso, correr e...

Fechei os olhos. Quando voltei a abrir, ele estava virando cambalhota no colchonete, do outro lado, e - o mais importante - não estava em chamas. Seu Barba aplaudiu. Monstro pulou e gritou, dando vivas a si mesmo. Conan pulava e latia, sabia que seria o próximo.





– Agora, senhoras e senhores, este espécime canino tentará o mesmo!

Ah, não tentará, mesmo! Dei a aula por terminada. Disse que para o primeiro dia já estava bom demais. Continuaríamos no dia seguinte. Era muita coisa para uma primeira aula. Além do que, Conan tinha de voltar para casa e sabe como é fogo... Ele ia ficar com vontade de fazer xixi, só que a Dona da Casa não ia permitir outro passeio. Fora isso, eu ainda tinha lição de casa para fazer. Disse a eles que eu já tinha ficado tempo demais na rua, e assim fui convencendo os dois a adiar o número do fogo.

Por pouco o primeiro dia de treinamento não terminou em cachorro quente.

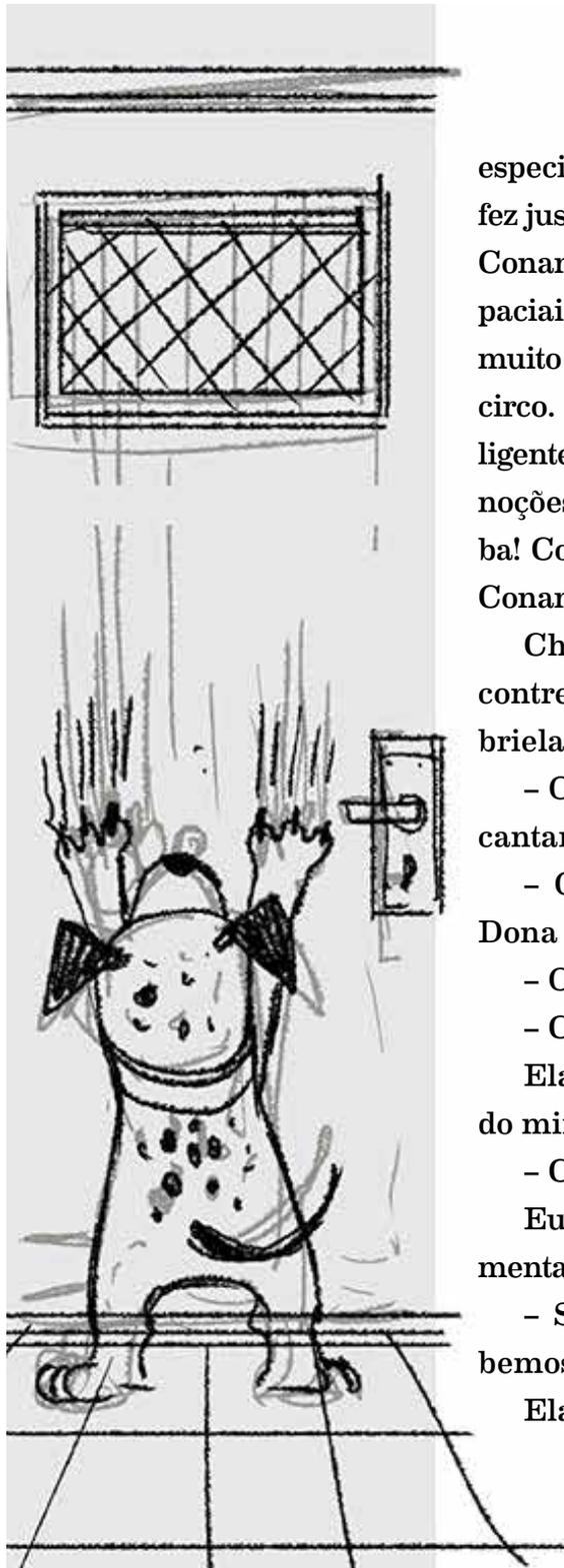


## 5. A primeira tentação de Conan



No caminho para casa pude perceber os primeiros efeitos do treinamento. Conan estava mais esperto. Já não via graça em ficar se enroscando nas minhas pernas. Andava de um jeito confiante. Não como os outros cães, que só andam direitinho porque foram adestrados. Conan agora andava assim porque tinha acabado de entender a noção de sentido e direção. Antes, ninguém havia parado para explicar a ele como funciona o espaço à nossa volta. Seu Barba, um





especialista em alma animal, fez justamente isso. Mostrou a Conan que existem limites espaciais. Aquele bambolê era muito mais que um truque de circo. Era uma maneira inteligente e divertida de ensinar noções espaciais. Grande Barba! Com um professor assim, Conan ia se dar muito bem.

Chegando em casa, encontrei a Dona da Casa e Gabriela na cozinha.

- Oi, família! Chegamos - cantarolei.

- Oi, Ígor - respondeu a Dona da Casa.

- Oi - disse Gabi.

- Chegamos!

Elas não haviam entendido minha sutileza. Repeti.

- Chegamos, no plural.

Eu queria que elas cumprimentassem Conan também.

- Sim, Ígor... Nós percebemos... - disse Gabi.

Elas não percebiam nada.

- Guarda esse cachorro na lavanderia que vou fritar uns bifés - disse a Dona da Casa.

A falta de educação das duas não ia estragar meu dia. Eu tinha ótimas novidades para contar. Deixei Conan na lavanderia e me sentei à mesa.

- Seu Barba começou a treinar o Conan - disse. - Ele é o melhor treinador do mundo!

- Ele já finge de morto? - Gabriela perguntou.

- Não. Ele nunca vai fazer isso - respondi.

- Pena...

Como disse anteriormente, nada ia estragar meu humor.

- O que ele faz? - Gabriela perguntou.

- Atravessa circunferências no ar.

- Como é? - perguntou a Dona da Casa.

Expliquei o treinamento do bambolê. Mostrei a altura recorde do Conan. As duas ficaram impressionadas.

- Êba! Isso significa que ele já pode voar pela janela! - minha irmã comemorou.

Continuei conversando com a Dona da Casa. Eu estava por convencê-la do alto QI do Conan, quando meu cachorro começou a arranhar a porta da lavanderia. Encostei-me na porta para abafar o som. Isso era uma das coisas que a Dona da Casa queria que eliminássemos em Conan: arranhão de portas.



- Mãe! Ele está arranhando a porta! - Gabriela dedurou.

- Igor, você deu comida pra ele hoje? - minha mãe perguntou.

Tinha esquecido completamente de alimentar meu cão! Com um dia tão agitado e o início das aulas do Seu Barba, não lembrei. Como explicar isso? Eu tinha prometido jamais me esquecer de alimentar Conan.

- Eu fiz uma pergunta - minha mãe repetiu. - Esqueceu, não esqueceu?

Os bifes estalavam na frigideira. O cheiro era delicioso, um martírio para quem não tinha comido o dia inteiro. Conan implorava por comida. Devia estar enlouquecendo com aquele cheiro de bife suculento. A Dona da Casa virou os bifes. Aposto que fez isso de propósito, só para atiçar Conan.

A arranhção ficou mais forte, a ponto de parecer que ele fosse derrubar a porta.

- Não adianta disfarçar, Igor. Você esqueceu - disse a Dona da Casa. - Vai lá dar comida pra ele.

Ela tinha razão, nem argumentei. O erro tinha sido meu. Esqueci... Como posso ter esquecido? Lá se ia minha felicidade de apenas minutos antes. Enquanto Conan se comportou como um excelente cão, eu fui um péssimo dono...





Estava servindo a ração quando ouvi um grito, seguido de palavrões e a frase que mais odeio no mundo:

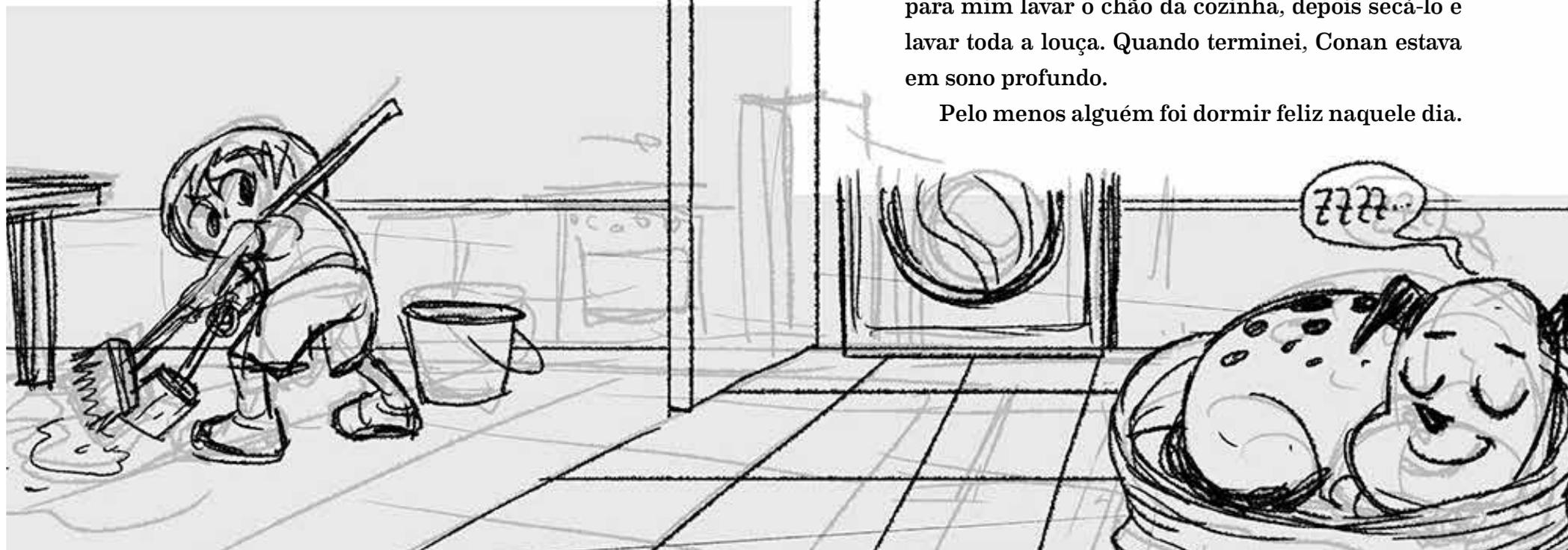
- ÍGOR! VENHA JÁ AQUI!

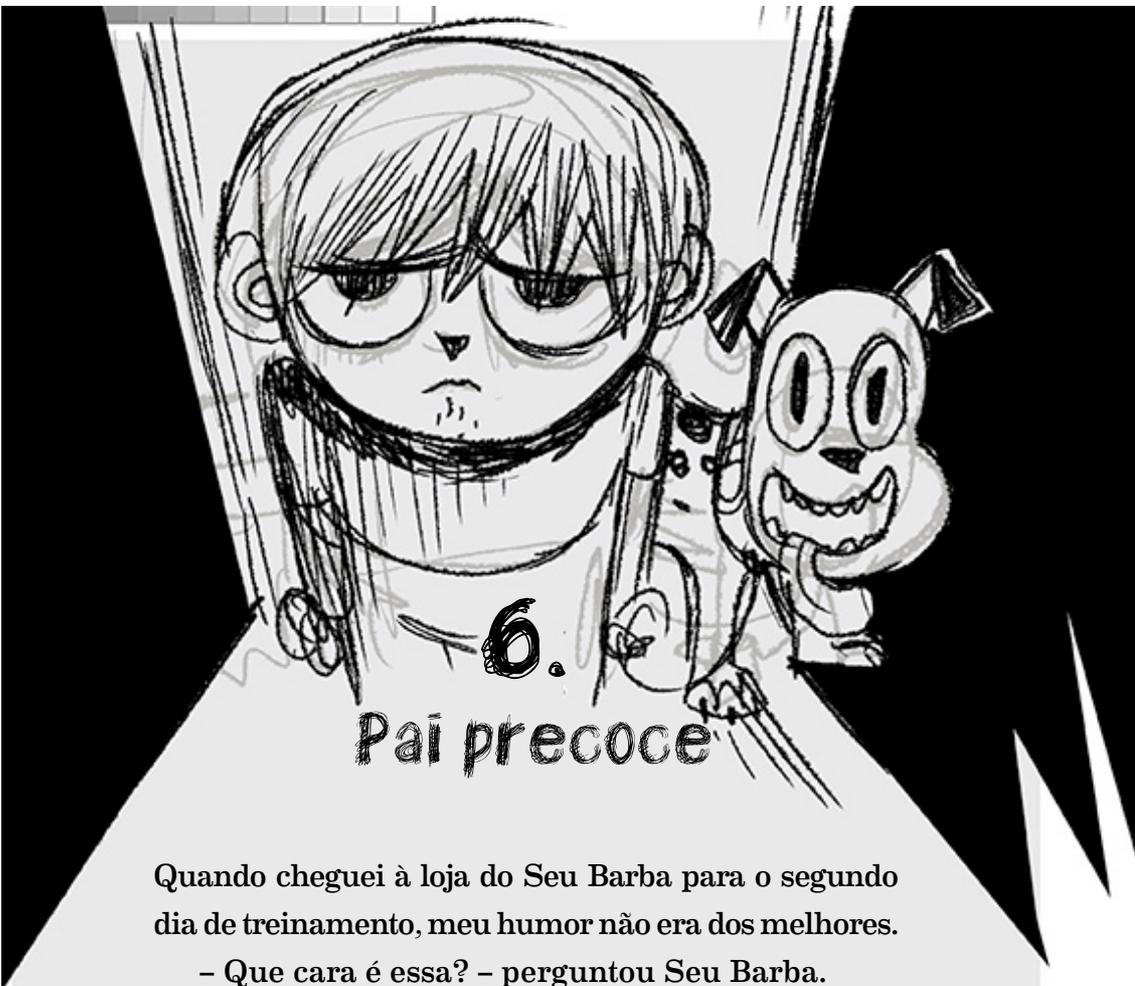
Nos breves instantes em que estive na lavanderia, aconteceu uma tragédia. Minha mãe serviu os bifes suculentos. Conan escapou. Os bifes exalaram. Conan salivou. Gabi deve ter esfregado um dos bifes suculentos na fuça do Conan enquanto a Dona da Casa não olhava. Conan se atirou em cima da mesa, puxou a travessa de bifes e caiu de boca.

- EU MATO ESSE CACHORRO! - foi o berro seguinte.

Minha sugestão foi pedir pizza, o que apenas deixou a Dona da Casa mais furiosa ainda. Aqui em casa pizza é associada a comemorações. Com a comida e os restos de bife esparramados pelo chão da cozinha, não tínhamos motivo para comemorar. Quando falei em pizza, era só para que a Dona da Casa não tivesse de cozinhar tudo de novo. Mas as duas acharam que eu estava sendo engraçadinho. A Dona da Casa esquentou salsichas, que foram servidas com pão Pulman. Isso normalmente seria delicioso, mas nessa noite esse prazer não seria permitido. A Dona da Casa permaneceu em silêncio mortal durante meia-hora. A única coisa que ouvíamos era a mastigação do Conan, nos nossos bifes. Sobrou para mim lavar o chão da cozinha, depois secá-lo e lavar toda a louça. Quando terminei, Conan estava em sono profundo.

Pelo menos alguém foi dormir feliz naquele dia.





## Pai precoce

Quando cheguei à loja do Seu Barba para o segundo dia de treinamento, meu humor não era dos melhores.

– Que cara é essa? – perguntou Seu Barba.

Em seguida, virou-se para Conan:

– Pula aqui, Conan. Hoje vamos aprender saltos e decolagens. Isso... Bom menino!

Ah, não! Saltos e decolagens, não!

– Seu Barba, precisamos conversar – eu disse.

– Xi... Quando você começa assim é porque lá vem...

Contei para Seu Barba os contratempos da noite anterior.

– Três bifés, Conan? Que danado!

Contei também da bronca que levei, do pão com salsicha, da cara de enterro de todo mundo lá em casa.

– Ah, normal... Acontece... – disse Seu Barba.

– Seu Barba! Precisamos ter uma conversa séria.

– Mas nós estamos tendo uma conversa séria.

– Conan precisa se acalmar. A Dona da Casa voltou a falar em adestramento.

– E o que estamos fazendo aqui é o quê?

Foi preciso juntar muita coragem para dizer, mas por fim eu disse. O que fazíamos ali estava longe de ser o que a Dona da Casa esperava de um adestramento. Falei:

– Aqui é uma escola de circo.

– Como? – Seu Barba ficou passado.

Expliquei que teria de tirar Conan do curso. Meu cão precisava de outro tipo de educação. Se eu pertencesse a uma família mais liberal, uma família de trapezistas, por exemplo, daí continuaria com as aulas, pois todos entenderiam. Mas pertencendo a uma família cheia de regras, com uma irmã que não suporta nem que Conan encoste nela, com uma mãe que acha que lugar de cachorro é na lavanderia, como eu poderia permitir que ele tivesse aula de Saltos e Decolagem?

– Sinto muito, Seu Barba, mas não rolou...



– Não rolou... – resmungou Seu Barba.

Ele estava decepcionado comigo. Eu mesmo não gostava de ter de tirar Conan do curso. Pela primeira vez na vida me senti como um pai. Fui embora com Conan, que não entendeu coisa alguma. Se meu cão pudesse falar, tenho certeza que perguntaria:

– Por que não vou ter aula hoje?

E eu teria de responder:

– É pro seu próprio bem.

Segui para o parque. Conan brincaria um pouco, correria um pouco, faria seus exercícios. Sim,

eu havia me transformado num pai. Não vendo nenhum guarda e nem Donas Mamadeiras por perto, soltei Conan. Pedi que voltasse logo. Não pretendia ouvir outro sermão sobre cães soltos.

Creio que lá no fundinho de cada cão exista um gene de lobo selvagem. Por isso eles uivam para a lua e sentem necessidade de correr por bosques e florestas. Como é que a Prefeitura não percebe isso? Se eu tivesse algum poder, criaria o “Parque Canis” onde cães de todas as raças teriam um território livre para correr e caçar. Haveria gansos e coelhos para que se divertissem, penhascos que



poderiam escalar e covas e mais covas cheias de ossos. Para os labradores haveria um lago; para os São Bernardos, uma geleira com neve artificial. Essa parte precisaria de patrocínio. Quando eu for adulto, terei um São Bernardo com barril no pescoço. Eles são os melhores. Parecem uma mistura de urso com burro de carga. Juntos, vamos escalar montanhas. O Everest, por exemplo. São Bernardos já vêm com casaco de lã. Não são como alguns cachorrinhos que têm de vestir aquelas roupinhas ridículas no inverno. Sei que Vó Ursula está tricotando uma dessas para Conan. Minha sorte é que ela é lenga, vive errando os pontos, tem de desmanchar e começar tudo de novo. Daí ela xinga, bate com a agulha de tricô na cabeça e repete três vezes: “Burra! Burra! BURRA!”.

É até engraçado.

– Oi, Ígor! Posso me sentar aqui?

Era Talita! Talita querendo se sentar ao meu lado.

– Claro.

Talita, meu amor secreto. Quando Talita aparece, não consigo falar. Eu devia falar. Espirrei.

– Saúde – disse Talita.

– Obrigado – respondi.

Talita estava com uma bolsa enorme pendurada no ombro. Colocou-a em cima do banco, entre nós dois. Pensei em qualquer tema que servisse para puxar assunto. Tentei me lembrar de algum acontecimento da escola, perguntar sobre lição de casa, algo assim. Não me ocorreu nada. Talvez perguntar sobre filmes em cartaz. Sim, filmes! O que é que estava passando no cinema? Me deu um branco. Branco total. Não conseguia lembrar de um único filminho em cartaz. Estava nessa agonia mental quando a bolsa se mexeu. Talita colocou-a no colo.

Eu já tinha ouvido a Dona da Casa comentando do mundo de coisas que ela carrega dentro da bolsa. Mas que eu me lembre, nunca tinha nada vivo dentro da bolsa da minha mãe. Não gostei daquela bolsa se mexendo. Será que eu devia avisar Talita que a bolsa dela estava se mexendo? Fiquei na dúvida. E se fosse uma dessas coisas que jamais devemos dizer para uma mulher? Pensando melhor, não me lembro de alguma vez ter ouvido meu pai dizer para suas namoradas que suas bolsas



estavam se mexendo, e olha que ele é especialista em dizer coisas erradas para mulheres. Justo então uma cabeça de rato despontou para fora da bolsa. E agora? Deveria avisar Talita que tinha um rato dentro da bolsa dela?

Não foi preciso. Talita acariciou a cabeça do rato:

- Quietinha! Não vai sair, não, senhora.

- É seu?!

Quem era eu para achar estranho que Talita tivesse um rato de estimação? Justo eu, que tive iguana, mico, coelho, escargots. Mas ratos, nunca. Bem, vindo por outro lado... era um sinal de que éramos feitos um para o outro.

- Pode segurar - disse Talita. - Só não deixe o guarda ver.

Não tenho frescura com bichos. Baratas, sapos, lagartixas, aranhas, cobras, não tenho medo. Mas ratos me dão calafrios. Recusei. Talita insistiu. Colocou a bolsa no meu colo. Pelo peso, percebi que era um ratão. Percebi também que o bicho queria sair, e saiu. Era uma ferret!

- Gilda! O que eu falei? Não pode. Volte pra bolsa.

- Deixa ela passear um pouquinho.

- E se o guarda vier?

- Eu fico de olho.

Talita colocou uma guia na Gilda e a botou no chão. O bicho logo começou a farejar meu tênis e puxar o cadarço. Aquelas patinhas de rato me



arranhando quase me fizeram gritar. Foram momentos de tortura. Tive de me segurar para não chutá-la. Talita sorria, orgulhosa de Gilda.

Foi então que tive uma ideia genial. Pulei do banco e subi numa árvore.

– Daqui eu consigo ver melhor. O guarda está longe, podem ficar tranquilas.

Ufa! Foi o truque perfeito. Escapei do bicho e ainda fiquei com pose de salva-vidas, procurando sinais de perigo no horizonte. Uma ferret! Que coisa... Como uma garota tão linda e perfeita como Talita podia ter uma ferret? Nunca entendi ferrets.

– Ai, Gilda, você é muito engraçada – ela ria sozinha.

Gilda havia cavado um buraco e Talita achou aquilo engraçado. Que decepção... Eu ia mostrar a Talita o que é um bicho de estimação decente.

– Conan! Vem cá! Conan! Vem! – chamei.

Pela primeira vez na vida, Conan veio. Saiu correndo lá da outra ponta do parque e, feito um raio, veio em nossa direção. Chegou derrapando. Ao ver Gilda, teve um treco. Começou a latir como se estivesse diante de uma cascavel. Desci da árvore. Talita enfiou Gilda na bolsa.

– Para, Conan! Para com isso! – gritei.

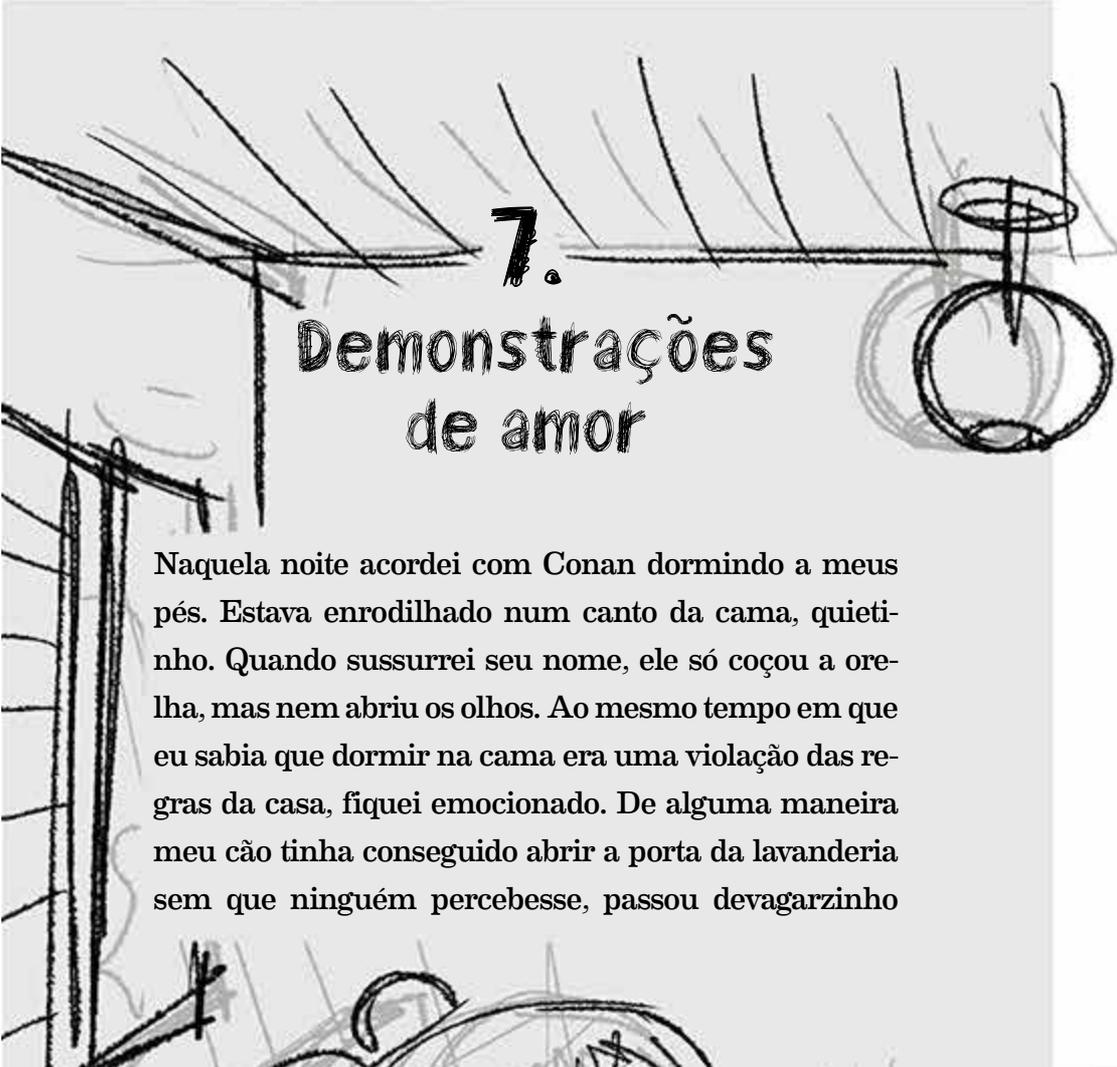
Conan pulou em cima da Talita. Não acreditei! Ele

queria a Gilda! Talita apertou a bolsa contra o peito.

– Tchau, Igor. É melhor eu ir embora.

Em parte, eu entendia Conan. Uma ferret, afinal de contas, é um animal suspeito. Não sei do quê, mas que é suspeito, é. Por outro lado, nada justifica Conan ter pulado em cima da Talita. Se nem eu fazia isso, que direito tinha ele de fazer? Não havia mais como me iludir. Meu cão era um bárbaro.





## 7. Demonstrações de amor

Naquela noite acordei com Conan dormindo a meus pés. Estava enrodilhado num canto da cama, quietinho. Quando sussurrei seu nome, ele só coçou a orelha, mas nem abriu os olhos. Ao mesmo tempo em que eu sabia que dormir na cama era uma violação das regras da casa, fiquei emocionado. De alguma maneira meu cão tinha conseguido abrir a porta da lavanderia sem que ninguém percebesse, passou devagarzinho

pela cozinha sem fazer barulho, atravessou a sala e o corredor escuros e encontrou o quarto do seu dono. Tomando cuidado para não me acordar, deitou-se a meus pés. Isso é tudo que eu queria de um bicho de estimação. Era a maior prova de que Conan era meu cão fiel.

Deve ser horrível dormir numa lavanderia. Por mais que ele tivesse uma caminha, lavanderia é sempre lavanderia, e Conan estava longe de ser uma roupa suja. Apesar de tudo isso, eu sabia que se a Dona da Casa acordasse e encontrasse Conan ali, dormindo na minha cama, seria motivo de escândalo. Seria motivo de bronca tripla, que é o que acontece quando fazemos várias coisas erradas na sequência. A Dona da Casa diria: “e como se não bastasse...” Daí ela enumera alguns erros, só para depois vir outro “e como se não bastasse...” e mais uma enxurrada de erros. Achei melhor dar a bronca eu mesmo, antes que o pesadelo se tornasse realidade.





- Conan, você sabe que não pode dormir aqui!

Conan se virou de barriga para cima, queria carinho. Não cocei a barriga dele. Aquilo era uma bronca!

- Conan, as coisas já não estão boas pro seu lado. É muito arriscado você ficar aqui.

Conan estranhou o fato de eu não coçar a barriga dele. Abriu os olhos.

- Conan, é sério. Vamos voltar pra lavanderia.

Ao ouvir a palavra que ele mais odeia no mundo, Conan sentou-se, orelhas baixas.

- Sei que você não gosta de ficar lá, mas são as regras...

Peguei Conan no colo e, pé ante pé, o levei até sua cama. Esperei um pouquinho, continuei explicando os motivos que me levavam a fazer aquilo. Disse que se fosse a minha casa, as coisas seriam diferentes. Mas ele não entendeu. Para Conan, aquela era a minha casa. Quando achei que ele estava conformado, voltei para o meu quarto. Não deu nem cinco minutos e Conan estava novamente se enrodilhando na beiradinha da minha cama. Hum... Aquilo não era bom. Eram quase seis horas da manhã. Logo a Dona da Casa estaria em pé, toda enérgica, abrindo janelas, cantando, fazendo vitaminas, dando as instruções para o



dia. Foi aí que eu tive uma ideia! Se Conan não podia dormir na minha cama, eu dormiria na lavanderia. Perfeito!

- Ô MÃE!!! O CACHORRO MATOU O ÍGOR E ARRASTOU O CORPO DELE PRA LAVANDERIA!

Foi assim que acordei nesse dia. Em seguida veio outro berro:

- O QUÊ?

- O ÍGOR TÁ ESTIRADO NO CHÃO DA LAVANDERIA! - gritou Gabriela, parada à minha frente, observando e relatando a cena como uma repórter especial.

Minha mãe apareceu antes que eu tivesse tempo de me levantar.

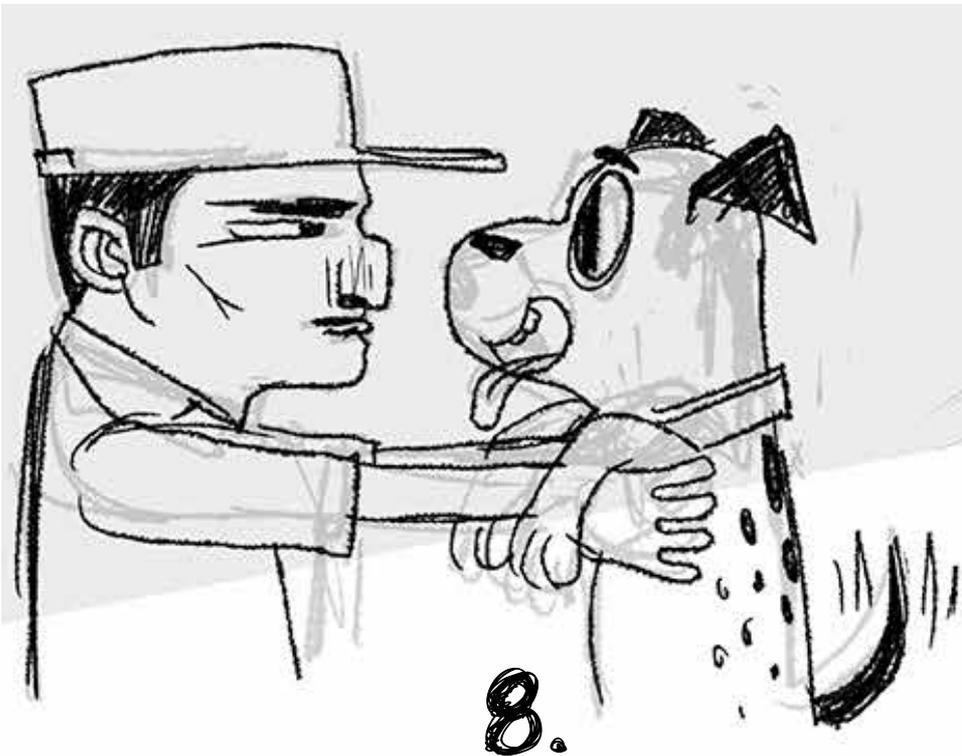
- O que significa isso?! - perguntou.

Conan saltitava, animado com a gritaria matinal. Desacostumado a dormir ali, ao me levantar bati a cabeça no tanque. Doeu muito, o que fez com que eu caísse no choro.

- Ígor! Eu fiz uma pergunta! - minha mãe disse.

A partir daí tudo foi caos. Eu chorava. Gabriela gritava com Conan, mandando que ele saísse de cima dela. A Dona de Casa discursava sobre lençóis no chão, regras, hábitos de higiene e o pior de tudo: adestramento.



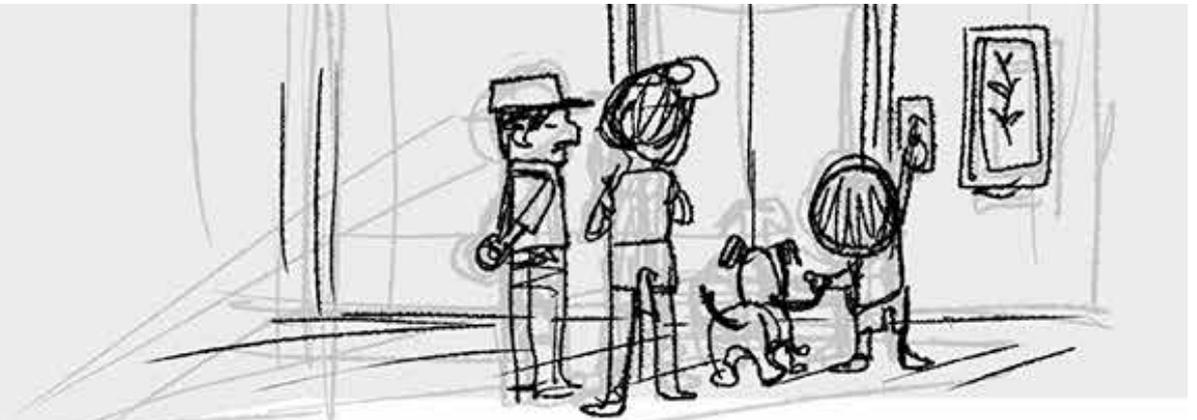


8.

## El adestrador de perros

Naquele dia, ao chegar da escola, encontrei a Dona da Casa num papo animado com um homem compacto. Ele usava uma camiseta polo azul-marinho, calça de moleton, tênis e as meias mais brancas que já vi. Seria um professor de Educação Física, sem tirar nem pôr, se não fosse pelo fato de estar sentado no sofá da nossa sala, bebericando de uma xicrinha de café. Ao nos ver, colocou-se em pé, mãos na cintura, peito estufado.

- Es esto?



Pegou Conan no colo. Não como um bebê. Ele levantou Conan como se meu cão fosse um saco de arroz. Olhou bem nos seus olhos. Conan, por sua vez, cheirou o nariz do homem. Ficaram assim por alguns instantes. Minha vontade era fazer a mesma coisa com a Dona da Casa. Queria ficar da altura dela e olhar bem nos seus olhos. Daí eu diria, como meu pai costuma dizer: que ela devia ter me consultado primeiro. Assim que Conan foi colocado no chão, ele correu para trás de mim. Escondeu-se no meio das minhas pernas.

- ¡Empezaremos inmediatamente! ¡No hay tiempo a perder. Vámonos!

Será que eu tinha entendido direito?

- Que ótimo! Já vamos começar? - minha mãe perguntou.

- ¡Sí! - o homem respondeu.

Fomos todos para o elevador. Homem, Dona da Casa, Conan e eu. Descemos vários andares no mais completo silêncio. O homem olhava fixamente

para a luz vermelha caminhando pelos botões dos respectivos andares. Não piscava. Puxei sua camiseta e estendi a mão.

– Eu sou o Ígor.

Já que ninguém me apresentaria mesmo.... O homem olhou para mim como se eu tivesse surgido naquele instante.

– Herculano.

– Sou o dono do Conan – eu disse, pois pelo jeito Herculano ainda não havia percebido minha importância na história.

A porta do elevador se abriu e Herculano marchou em direção ao parquinho, sem dizer uma palavra sobre o que eu havia acabado de explicar. Dona da Casa, Conan e eu seguimos.

– ¡Ustedes! Siéntense allí.

Dona da Casa e eu nos sentamos no local indicado, um banco onde as velhinhas do prédio costumam tomar sol. Nunca me sento naquele banco. Mas lá sentei, ao lado

da minha mãe, sem questionar a ordem. Aquilo era mais que uma ordem, era um comando. A Dona da Casa e eu já obedecíamos. Conan ainda não.

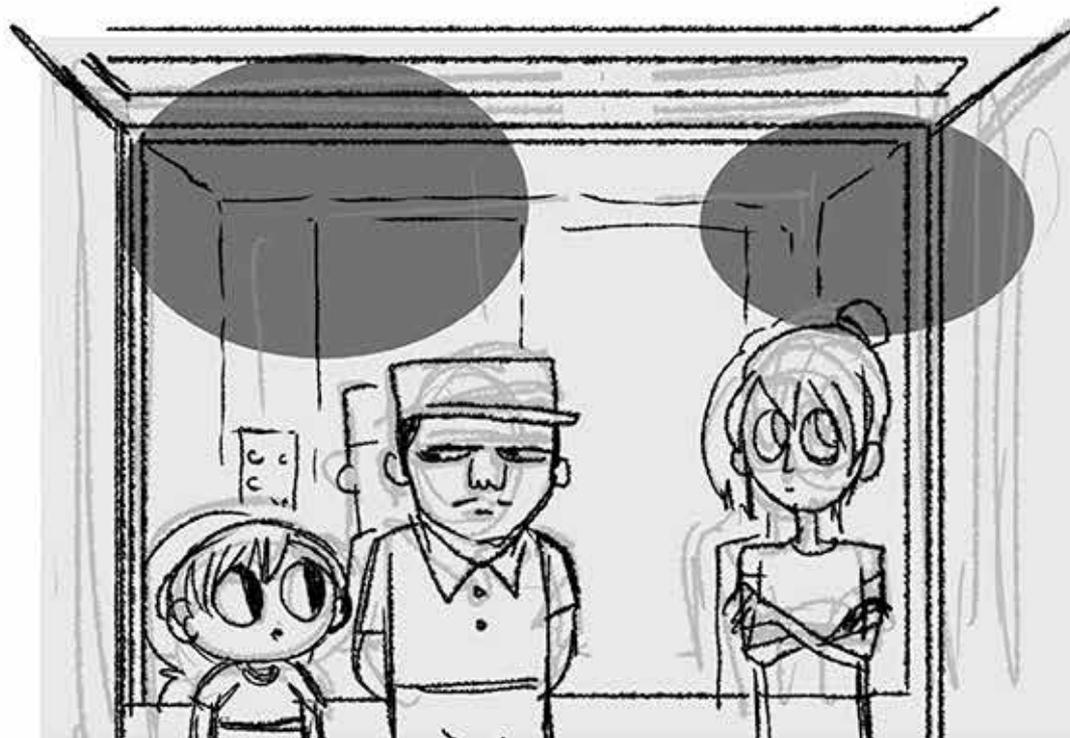
Herculano bateu palmas e atijou meu cão a pular e a correr. Depois passou a mão na cabeça dele e coçou suas orelhas. Fez Conan deitar de barriga para cima e tombar para um lado e para o outro. Qualquer outra pessoa que fizesse isso com Conan seria um jeito de brincar. Mas não Herculano. Seus braços eram curtos. Para ter braços proporcionais ao corpo ele precisaria de uns centímetros a mais de antebraço e acho que por isso, por ter braços curtos, parecia um robô seguindo uma sequência de movimentos. O nome dessa sequência devia

ser: “Movimentos para Brincar com Cães”. Ele a executava.

– Isso que é adestramento? – perguntei à Dona da Casa.

Ela me olhou de canto de olho.

– É a primeira parte. Herculano me explicou tudinho. Primeiro precisa fazer amizade





com o animal, pra ganhar confiança.

- Conan não é um animal!

Quando é que as pessoas na minha casa iam entender que Conan tinha nome? Conforme eu imaginei, aquilo não era uma brincadeira. Era um truque para enganar Conan e ganhar sua confiança.

- Por que Herculano precisa ganhar a confiança do Conan?

- Pra adestrá-lo, oras.

I - Conan confia em mim e eu nunca tive de fazer nada disso. Ele confia em mim porque sabe que eu gosto dele.

- A-hã.

- Eu fui sincero, pelo menos.

- É.

- Esse cara fica dando uma de palhaço pra ganhar a confiança do Conan. Ridículo...

- Esse cara tem nome. E amanhã começa o treinamento.

- Que horas?

- De manhã.

Justo no horário que estou na escola.

- Impossível. Eu não estarei aqui.

- Mas o cachorro estará.

Eles já haviam combinado tudo. Tinham definido o destino de Conan sem que eu ao menos pudesse dar minha opinião.

Herculano caminhou até nós, seguido por um Conan saltitante.

- E então? - perguntou a Dona da Casa.

- Empiezo a tener una idea de la índole de él.

Herculano se agachou, virou Conan e o aperitou contra o chão. Conan tentou se levantar, mas Herculano impediu. Conan lutava mesmo assim.



- Los dalmatitos, en general, son perros muy inteligentes.

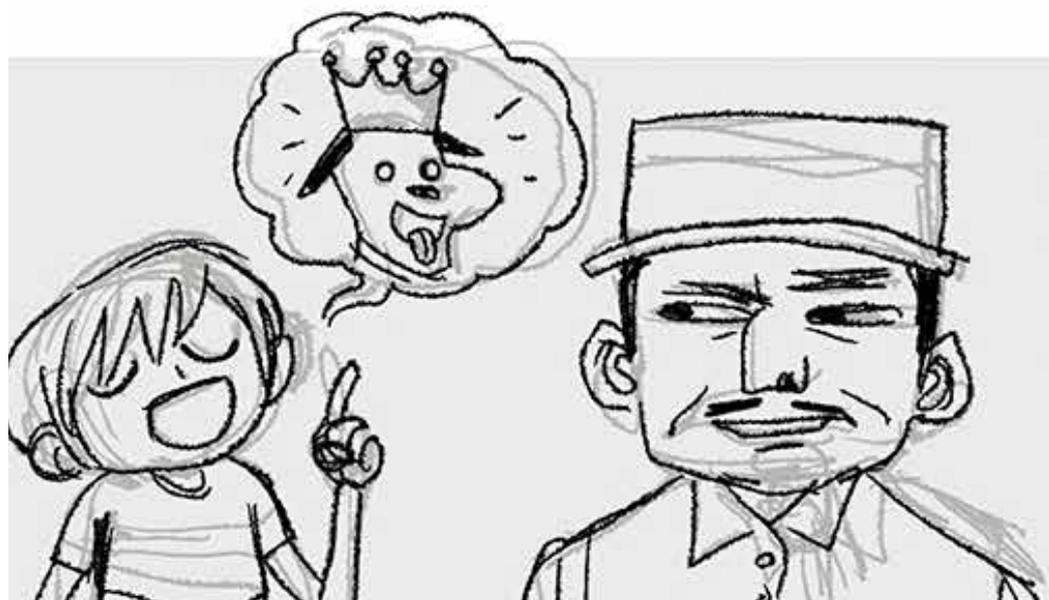
Onde estava Gabriela nessa hora?

- ¿Coneces algo sobre los dalmatitos? - Herculano me preguntou.

- Sei que vieram da Dinamarca, no passado foram cães de caça e que são ótimos companheiros. Ah, e que eles gostam de correr. Têm muita energia, por isso, no tempo dos reis, foram escolhidos para acompanhar as carruagens - respondi.

A Dona da Casa fez aquela típica cara de espanto, de quando eu demonstro conhecimentos adquiridos por conta própria. Pesquisas na internet, basicamente.

- Sí, de Dinamarca, seguramente. Pero son mucho más antiguos que eso.



Herculano espremeu os olhos como se estivesse prestes a revelar algo estrondoso. Até Conan parou de tentar se mexer. Ficou estático. Herculano baixou os olhos em direção a ele e voltou a atenção para mim. Sussurrou:

- Son del tiempo de los faraones del Egipto. En las tumbas de faraones hay pinturas de dalmatitos.

Herculano se despediu de mim com um esmagador aperto de mão. A Dona da Casa o acompanhou até a rua e Conan, muito estranhamente, não se mexeu. Ficou ali paradinho na posição em que Herculano o havia colocado. Parecia petrificado, como uma esfinge. Será que Herculano havia hipnotizado meu cão? Não gostei daquele papo de cão de faraó. Fiz um bom cafuné nas orelhas do Conan e ele voltou a si. Voltamos para casa. Assim que chegamos, alimentei meu cão. Ele comeu, depois se deitou no tapetinho da lavanderia. Parecia contente.

Quanto a mim... Bem, eu estava com a pulga atrás da orelha.





9.

## Separados pelo destino

- ÍGOR, GABRIELA! Seu pai chegou! Ele está esperando lá embaixo!

Eu tinha me esquecido completamente! Era fim de semana com meu pai. Olhei pela janela e o vi do outro lado da rua, apoiado no carro.

- Papai está chamando! - disse Gabriela, parada à porta do meu quarto, pronta.

Estava de chapéu. Um chapéu de palha vermelho com uma flor de plástico grudada na lateral. Botou a mão na cintura e fez uma careta.

- Você ainda não está pronto?

- Gabi, você já pode ir descendo. Diga pro teu pai que o Ígor já vai - disse a Dona da Casa.

Ela começou a arrumar minha mochila enquanto eu corri para a cozinha. Enfie um pedaço de pão goela abaixo, virei um copão de leite com chocolate e escovei os dentes. Nos fins de semana com meu pai não fazemos refeição com hora marcada. Quando aparece uma oportunidade de comer, temos de nos abastecer bem, pois a outra pode acontecer somente no dia seguinte. Pensando nisso, corri para a lavanderia para ver como estava a vasilha do Conan. Vazia de tudo. Acho que puxei a meu pai...

- E o Conan? - perguntei.

- O que é que tem? - a Dona da Casa respondeu.

- Ele também vai?

A Dona da Casa fechou o zíper da minha mochila, não respondeu a pergunta. Estava na cara que ela não tinha pensado nisso.

- Por mim, ele ia junto - disse por fim. - Mas acho melhor você perguntar pro seu pai.





Meu pai não estava sozinho. Havia uma (ao que tudo indicava) nova namorada ao lado dele.

- Quem é esse? - ele perguntou, encarando Conan.

- Quem é essa? - respondi, encarando a aparentemente nova namorada.

- Oi, Igor. Eu sou a Suzane. Muito prazer.

- Esse é o Conan - respondi.

Suzane não precisou dizer que era a namorada assim como Conan não precisou dizer que era meu cão.

- Ele pode ir com a gente? - perguntei.

Suzane fez uma careta para meu pai. Ele reagiu com uma careta igual. Daí os dois se viraram para mim com uma terceira careta.

- Não vai dar, Igor.

- Por quê?

Novas caretas vieram.

- Preparamos um programa surpresa para vocês - meu pai disse.

- E esse programa não combina com cachorros - Suzane disse.

- Mas vai ser muito divertido - meu pai acrescentou.

- É algo muito raro de se ver.



- E pra você, que tem cachorro, vai ser uma oportunidade imperdível.

Eu não conseguia imaginar nenhum programa surpresa imperdível para um dono de cachorro em que o próprio cachorro não pudesse participar. Insisti, mas os dois foram irredutíveis.

Voltei com Conan para o apartamento. Teria de deixá-lo sozinho durante um fim de semana inteiro com a Dona da Casa.

- Mãe, ele não pode ir.

- Imaginei...

- E agora?

- Agora ele fica aqui.

- Você vai cuidar dele?

- Claro que vou.

- Com amor e carinho?

Conan estava sentado ao meu lado, orelhas baixas, encarando a Dona da Casa. Alguns dias antes nós tínhamos assistido "101 Dálmatas". Ele já sabia alguma coisa a respeito de crueldade humana.

- Pode ir tranquilo, filho.

Antes de deixar meu cão, tive uma boa conversa

- Com amor e carinho?

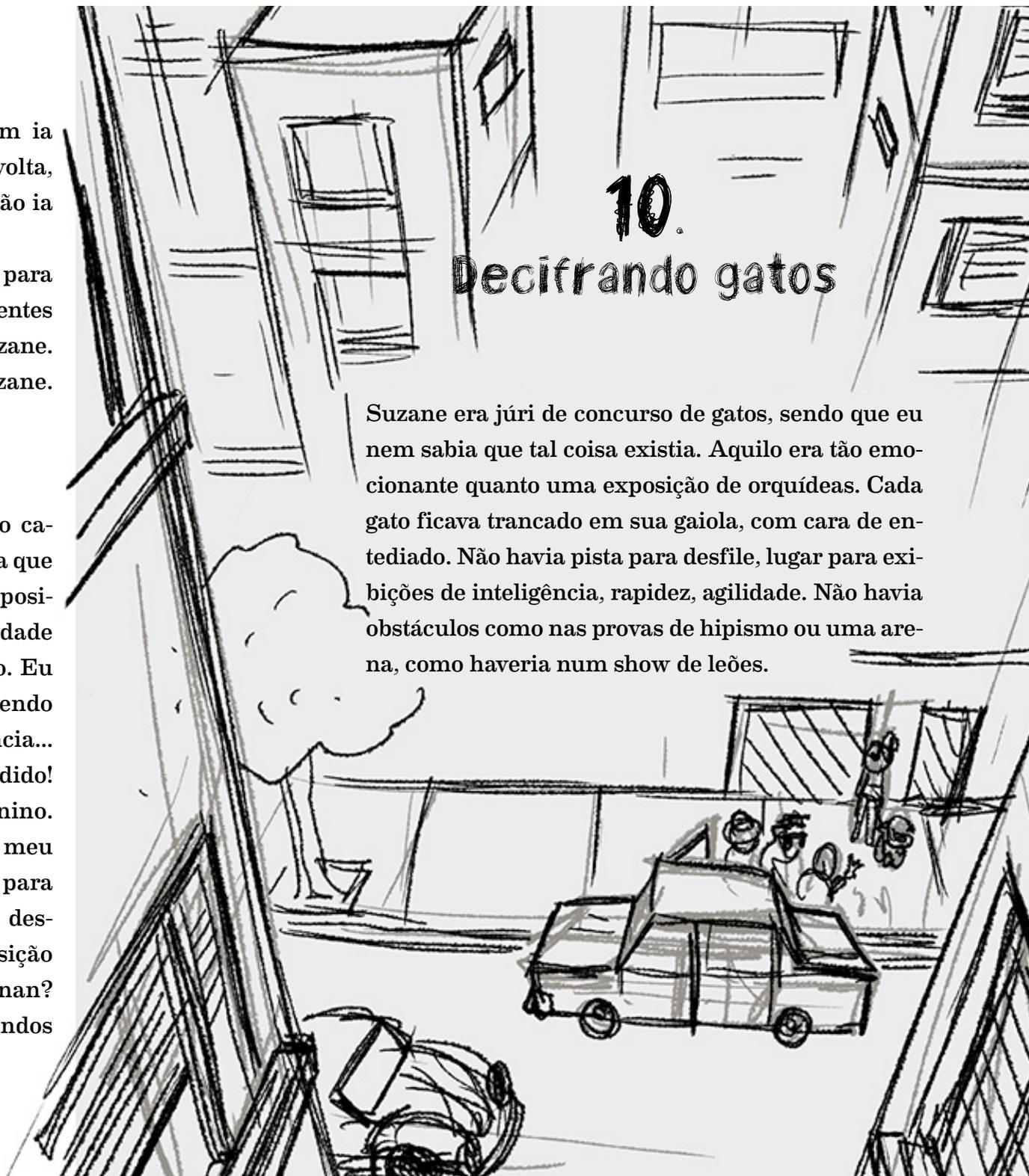


com ele. Expliquei que nada de ruim ia acontecer, e que logo eu estaria de volta, que ele não tinha nada a temer. Ele não ia virar casaco.

Aqueles dez minutinhos que levei para me despedir do Conan foram suficientes para que Gabriela ficasse íntima de Suzane.

- Você vai adorar, Gabi - disse Suzane.
- É um mais lindo que o outro.
- A gente pode pegar neles?
- Nos que ficam expostos, não.

Uma exposição de cachorros? Pelo caminho que meu pai fazia, tudo indicava que sim. Claro, só podia ser isso. Uma exposição de cães de raça é uma oportunidade imperdível para qualquer dono de cão. Eu ia ver os campeões em avaliação, fazendo pose, passando por testes de inteligência... Meu fim de semana não estava perdido! Nunca havia assistido a um show canino. Toda aquela troca de caretas entre meu pai e Suzane era apenas um disfarce para não estragar a surpresa. Meu pai faz dessas... Mas se fosse mesmo uma exposição de cães, por que eu não podia levar Conan? E nesse instante eu vi a faixa. "Bem-vindos à 19ª Exposição de Gatos".



## 10. Decifrando gatos

Suzane era júri de concurso de gatos, sendo que eu nem sabia que tal coisa existia. Aquilo era tão emocionante quanto uma exposição de orquídeas. Cada gato ficava trancado em sua gaiola, com cara de entediado. Não havia pista para desfile, lugar para exibições de inteligência, rapidez, agilidade. Não havia obstáculos como nas provas de hipismo ou uma arena, como haveria num show de leões.



Certa vez, visitei um formigueiro que foi construído dentro de um sistema de tubos de vidro para que cientistas pudessem observar o método de trabalho das formigas. Até aquelas formiguinhas insignificantes eram mais interessantes que os gatos entediados que encontrei na 19ª Exposição de Gatos.

Suzane tinha sumido de vista. Devia estar na sala dos jurados. Meu pai, mãos para trás, passeava lentamente observando os bichos e respondendo às perguntas da minha irmã. Eu também tinha uma pergunta.

- Pai, por que exposição de gatos é uma oportunidade imperdível para donos de cães?

- A-há! Sabia que você ia perguntar isso.

- E...

- E a resposta é muito simples. Estudo comportamental.

- Que traduzindo, significa...

A lógica do meu pai era que um dono de cão deve saber como os cães pensam. Para tal, ele precisa fazer alguns exercícios colocando-se no lugar do seu cão, a fim de poder enxergar o mundo por esse ponto de vista.





– Uma exposição de gatos é um ótimo lugar para isso. Você já se perguntou qual o motivo da rixa entre cães e gatos?

– Não.

– Aqui você vai descobrir.

Topei o tal estudo comportamental e comecei a observar aquela exposição pelo ponto de vista de um cão. Meti os dedos pelos vãos de uma gaiola para conferir se pelo menos estavam vivos. Imediatamente fui afastado pelo fiscal, que explicou que era proibido tocar nos gatos. O homem usava luvas brancas.

O gato, um angorá, simplesmente fechou os olhos e continuou me encarando. Eu podia olhar quanto quisesse; da parte dele, não haveria retribuição.

Passei para a gaiola seguinte, onde encontrei um persa ocupado. Ele se dava um banho minucioso. Como um neurótico, conferia se cada um dos seus zilhares de longos pelos estava no lugar. O resto do mundo parecia não existir para ele. Tudo que importava era ficar impecável para seu momento de avaliação. Lambia a pata e fazia dela seu pente. Há quanto tempo estaria nesse ritual? Acho que nem ele saberia dizer. Talvez, de tanto fazer aquilo, já tivesse se perdido. Não sabia mais se as costas foram lavadas ou não, e na dúvida, lavava de novo. Era

tudo ritmado, lento e hipnotizante. Lembrei-me das vezes em que me perdi no banho, quando fico tanto tempo debaixo do chuveiro que já não sei mais se estou ali há pouco tempo, muito tempo e até esqueço que estou ali. É como se eu tivesse cochilado dentro de um banho. Naquela hora, acompanhando o gato no seu banho eterno, quase me perdi no tempo. Só me afastei dali com uma sacudida. Eu, hein, ficar perdido dentro do banho de um gato...

O próximo era um siamês. Estava estático, olhos arregalados e orelhas em pé. Devia estar treinando uma pose. Ou, vai ver, tinha complexo de escultura. Mantinha a cabeça bem erguida, como que aguardando os flashes.

Depois deparei com um gato cinza que, talvez já desqualificado, sentava-se de costas para o público, encarando a parede. Ali não havia fiscal por perto. Consegui puxar o rabo do bicho. Ele virou a cabeça e rosnou para mim. Daí se arrastou-se alguns centímetros para frente. Enfiou o rabo entre as patas, fora do meu alcance. Voltou a encarar a parede.

Dirigi-me à mesa do júri. Sim, nada mais que uma mesa. Em exposição de gatos, o júri avalia o bicho enquanto ele está na gaiola. Os folgados nem se dão ao trabalho de sair. O único que sai é o grande vencedor da categoria. Nesse ponto, vi Suzane



erguer um siamês metido a besta e pronunciar a tão esperada frase:

“Melhor gato da categoria!”

A dona do gato chorou de soluçar. O gato faz cara de que aquilo já era esperado. Todos aplaudiram. O gato recebeu seu troféu e bocejou. Perguntou à dona se já podiam ir embora. A

dona se recompôs e começou a fazer declarações de amor para o bicho. Todos ficaram comovidos, menos o gato. Ele ficou encabulado.

Dizem que gatos são metidos desse jeito por causa dos antepassados leoninos. Basta olhar para a cara deles para saber que até hoje pensam que têm ascendência nobre. Depois dessa, ainda resta alguma dúvida de por que nós – cachorros – nos irritamos com eles? Eles precisam perder a pose. Para isso nada melhor que um bom e velho cachorro correndo atrás. Sim, um bom susto para ver se acordam para a vida.

Susto mesmo, eu levei nessa hora. Suzane e Gabi vinham em nossa direção. Carregavam uma caixa.

– Olha o que eu ganhei! – minha irmã disse.

– Gabi... Primeiro vamos ver se o seu pai topa – Suzane disse.

De dentro da caixa minha irmã puxou um gato atarantado.

– Pai! Olha o que a Suzane me deu! Posso lavar? Posso? Posso?

O gato era uma imitação de dalmata: todo branco, salpicado com manchas pretas.

– Posso pai? Estava pra doação... – Gabriela argumentou.

Eu conhecia aquela história. Quantas e quantas vezes levei bichos para casa... O que Gabi parceria não perceber é que, independente da resposta do nosso pai, ela teria de conseguir o consentimento da Dona da Casa. Quanto a isso, ela podia ir tirando o cavalinho da chuva. A resposta seria não.

– Por mim, tudo bem – meu pai respondeu. – Mas primeiro você tem de perguntar pra sua mãe.





Gabi sabia tão bem quanto eu que a Dona da Casa teria um chilique se ela aparecesse por lá com uma imitação de dalmata. Vi seus olhos marejarem. Ela segurava o gato no colo, igualmente a um bebezinho. Olhava bem para ele e o apertava. Meu pai já estava de celular na mão, ligando para a nossa casa. Vendo aqueles movimentos fatídicos, não sei o que deu em mim que berrei:

– NÃO! Não vamos perguntar nada pra ela, por enquanto.

Gabi conteve o choro. O gatinho me encarou, surpreso.

– Vamos ficar com ele durante o fim de semana e pensaremos num jeito – eu disse. – Tenho experiência nisso.

Não era um gato. Era uma gata. Chamava-se Valentina.

– Por que Valentina? – perguntei.

– Porque ela é muito valente – Gabi respondeu.

Então minha irmã contou que havia encontrado Valentina numa caixa de supermercado, na saída da exposição. Ao lado da caixa um apelo: “Leve-me para casa...”. Valentina pisoteava seus irmãos, apoiando-se em suas cabeças, tentando de qualquer maneira escalar a caixa. Quando Gabi a resgatou, estava prestes a se atirar. Agarrou-se à camiseta da minha irmã para nunca mais soltar.

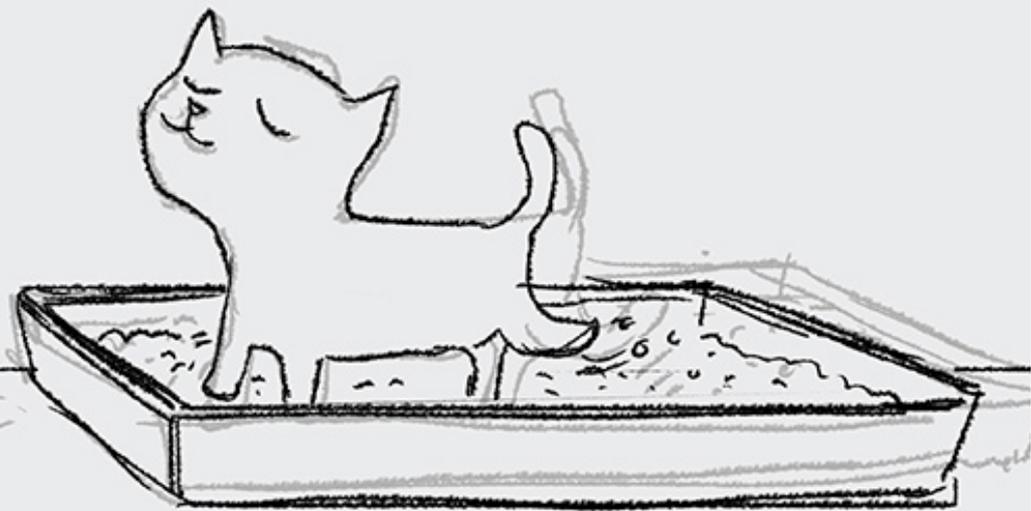
– Ela deu um miau que não era miau – disse Gabi. – Era um nééé. Significa “não”. Ela não queria voltar pra caixa.

Passei o resto do fim de semana observando o comportamento da Valentina. Assim que chegamos ao apartamento do meu pai, Suzane tratou de preparar as instalações para a gata. Valentina parecia uma pequena realiza transferindo sua corte. Suzane havia ganhado um monte de brindes de gato: ração, caixa de areia, brinquedinhos, coleira com sininho, escova de pelo de gato, caminha... Para uma gata que até pouco tempo vivia numa caixa de papelão, aquilo era o equivalente a ter ganhado na loteria.

– Gabi, vamos mostrar pra Valentina como usar o banheiro?

Que gatos são elegantes eu já havia percebido. Mesmo assim,





não consegui acreditar no que tinha acabado de ouvir. Suzane pediu para que a acompanhássemos. Felizmente, não era o que imaginamos. Seguimos em direção à lavanderia. Suzane pegou Valentina e a colocou na caixa de areia. Pegou sua patinha e fez o gesto que ela deveria fazer para cobrir seus despejos. Imediatamente Valentina fez xixi. Em seguida repetiu o gesto e cobriu a área molhada com areia. Gabi vibrou.

– Aprendeu de cara!

– Eles aprendem super rápido – Suzane explicou.

Pensei nos vexames que Conan dá no meio da rua, parando de poste em poste, feito um hidrante desregulado. Isso sem falar na parte sólida. Quando não consegue se segurar para chegar ao parque, faz na calçada mesmo. Sobra para mim pegar as fezes e colocar num saquinho plástico. Odeio essa

parte. Para dizer a verdade, só recolho as fezes do meu cão quando algum adulto está olhando. Caso contrário, deixo lá. Depois passo o resto da tarde com remorso, me sentindo um porco.

Antes do Conan, eu vivia reclamando dos cachorros que emporcalham as calçadas da cidade. Agora, testemunhando aquela lição de elegância da Valentina, percebi o motivo da rixa ancestral entre cães e gatos. Por mais que me custe admitir, gatos são superiores em relação aos cães, pelo menos no departamento higiênico. Por isso eles têm esse jeito arrogante. Gatos pensam que cães são porcos.

E se... em vez de ter aulas de adestramento com Herculano.... Conan simplesmente aprendesse algumas regras de etiqueta com Valentina?

# 11.

## Fraternidade animal

Minha irmã passou o resto do fim de semana elaborando planos para apresentar Valentina à Dona da Casa. Sua estratégia era valorizar as qualidades de um gato em relação a um cão. Os argumentos eram do tipo: “Ela é superlimpa e toma banho sozinha várias vezes por dia”, ou: “ela faz as necessidades na caixinha”, ou: “ela não precisa sair para passear”, ou: “ela não come rodapés”. Quanto mais Gabriela falava das vantagens da Valentina, mais eu me dava conta das desvantagens do Conan.

– Você também pode argumentar que Valentina vai ser uma boa influência pro Conan – Suzane acrescentou.

– Aprendeu de cara!



– Como? – perguntamos ao mesmo tempo.

Suzane explicou que quando dois filhotes são criados juntos, eles se tornam amigos. Tendo a companhia um do outro, ficam mais calmos e exigem menos atenção dos donos. Este, sim, era um bom argumento. Suzane raciocinava como a Dona da Casa.

– E tem outra... – disse meu pai. – Se Ígor pode ter um bicho, a Gabi também tem direito.

Definitivamente, meu pai não raciocinava como a Dona da Casa. Direitos recíprocos nunca surtiram efeito na nossa família.

Conforme foi se aproximando a hora do nosso pai nos levar para casa, Gabi foi ficando cada vez mais aflita. E se a Dona da Casa dissesse que não queria saber de mais um bicho no apartamento? Esse é o tipo de coisa que ela diria. Suzane disse que, nesse caso, ela ficaria com a Valentina. Pelo menos ela não voltaria para dentro de uma caixa de supermercado.

Quando chegou a hora de irmos embora, arrumamos nossas coisas e seguimos rumo ao destino incerto. O último plano elaborado por Gabi, naquele final de tarde, era totalmente emotivo. Eu não botei muita fé... Mas foi o que ela resolveu levar adiante.

Gabi colocou Valentina na porta de casa, com uma carta amarrada ao pescoço. Saiu correndo e veio se esconder comigo. Ficamos na escada de incêndio observando os desdobramentos. Reproduzo aqui o texto da carta:

Querida vovó:



Eu sou a filha da Gabi. Estou muito feliz de vir morar com você, com minha mãezinha, com o Ígor e Conan. Já sou treinada. Sei usar a caixinha de areia e tomo três banhos por dia. Prometo trazer muitas alegrias para a sua família.

Com amor,

Valentina

(sua nova netinha)

Ao ler o texto acima, a Dona da Casa emitiu o seguinte grunhido:

- Uu-iiiiii!

E depois:

- Huummmmm.

Seguido de:

- Que fofurinha!

Daí ela ergueu Valentina e perguntou:

- Você promete se comportar direitinho?

Gabi, do esconderijo, respondeu:

- Miau! - e saiu pulando ao encontro da filha e da mãe.



As duas saltaram vários outros gemidos e exclamações em diminutivo. Até Valentina contribuiu com miadinhos. Foi uma festa.

Passei por elas e segui direto para a lavanderia.

– Oi, Conan!

Ele me recebeu com a mesma euforia. Só que no nosso caso, sem gemidos e miadinhos. Dei um forte abraço no meu cão e me sentei no chão. Precisávamos conversar.

– Conan, hoje você ganhou uma irmãzinha. Ela não é como você. É gato.

Conan tentou espiar por cima do meu ombro. Queria vê-la. Mas eu não havia terminado.

– Quero que você seja bonzinho com ela. Entendeu, Conan? Nada de mordidas.

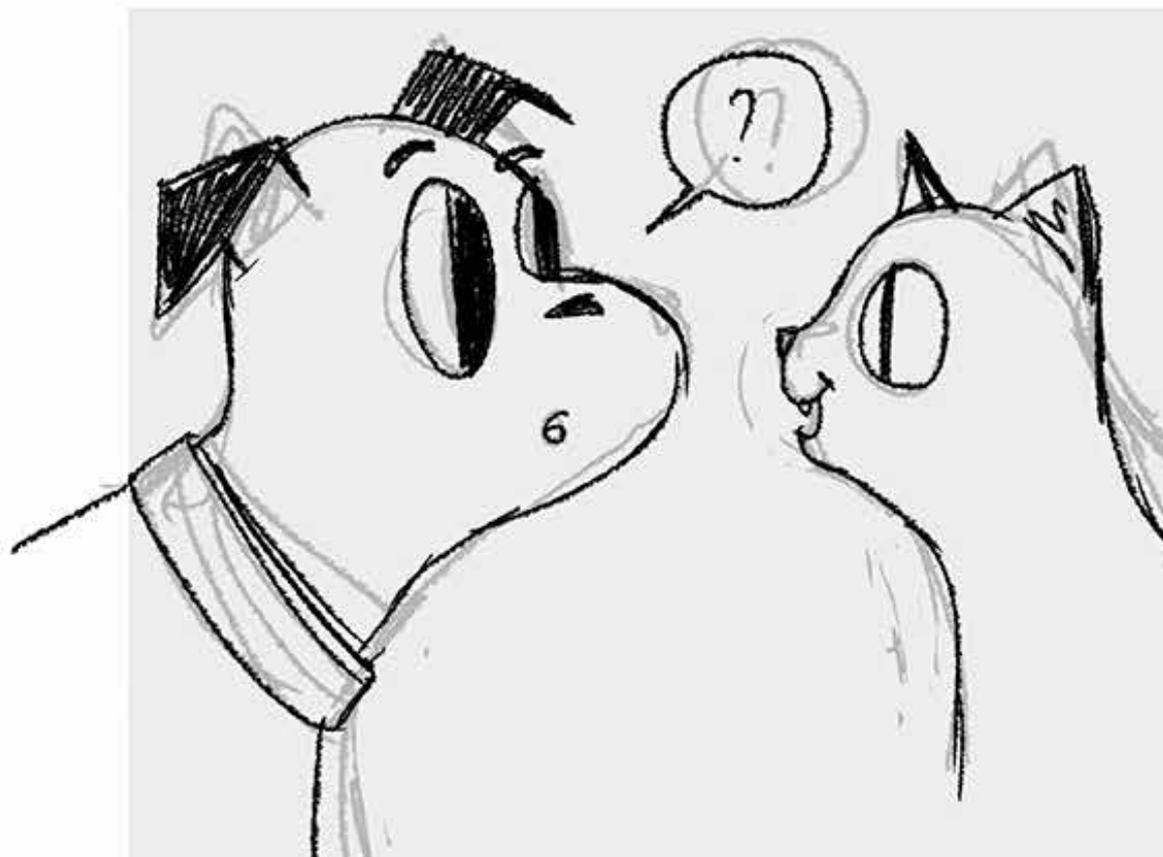
A curiosidade de Conan só aumentava. Ele queria ver Valentina de qualquer jeito. Eu temia sua reação. Podia ouvir a Dona da Casa ao telefone com meu pai.

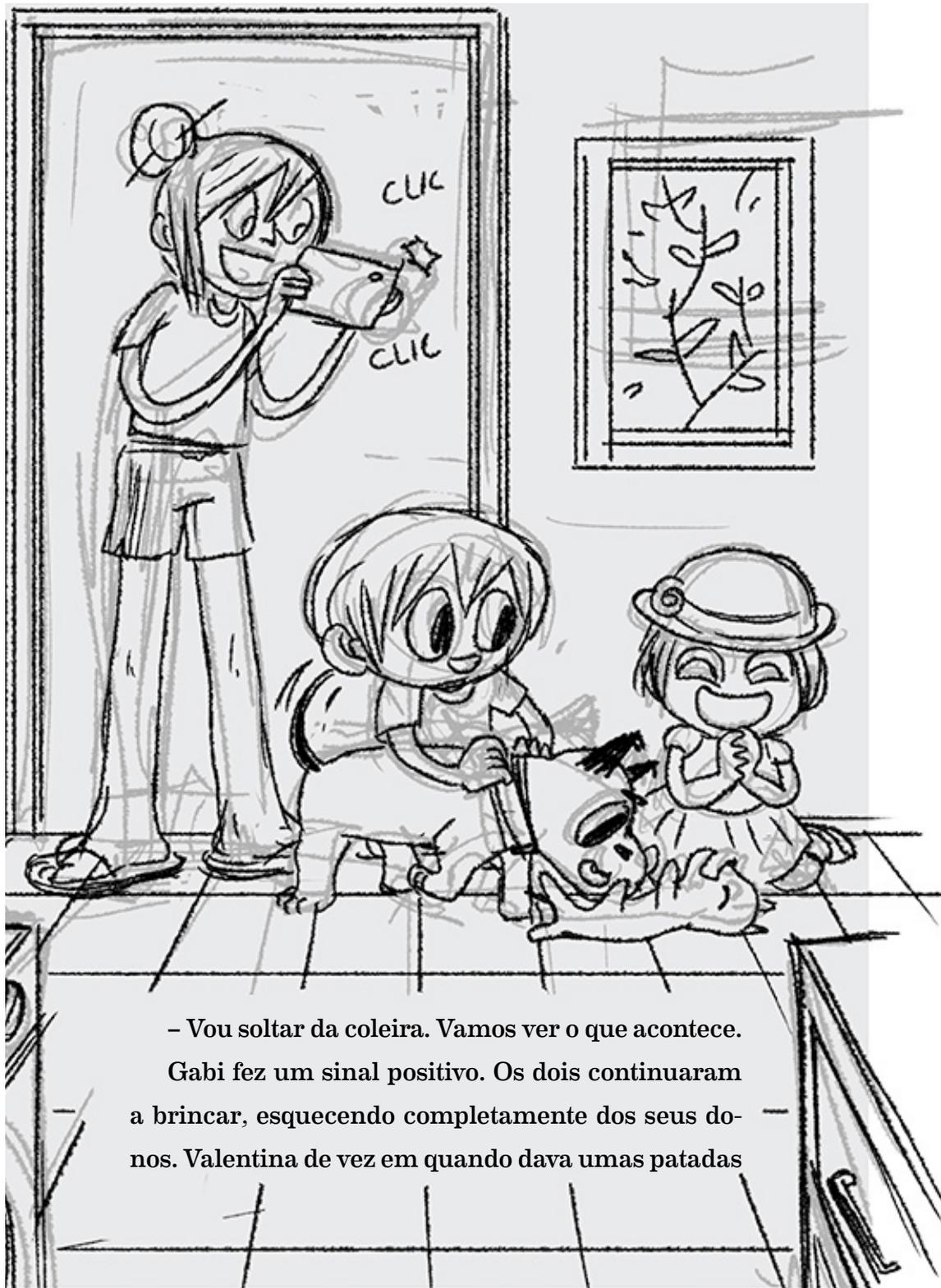
– Vai ser ótimo pra Gabi! Imagine, problema nenhum...

Em menos de cinco minutos Valentina havia conquistado a implacável Dona da Casa. Achei aquilo realmente impressionante. Será que ela teria a mesma habilidade com um dalmata descontrolado? Segurando Conan pela coleira, fui com ele até a sala.

– Gabi, traga a Valentina até aqui, mas cuidado.

Minha irmã não teve nem tempo de pegar a gata. Ela veio pulando feito um coelho, escalou minhas pernas e montou no Conan. Gabi correu para acudir. Cada um segurou seu bicho e os colocamos cara a cara. Conan ficou espantado com aquele bichinho peludo que mais parecia de pelúcia. Eram bem parecidos, apesar da diferença de formato. Conan cheirou Valentina com interesse de detetive. Ela se contorceu de cócegas. Deitada no chão, só faltava ter um ataque de riso. Sussurrei para Gabi:





- Vou soltar da coleira. Vamos ver o que acontece.  
Gabi fez um sinal positivo. Os dois continuaram a brincar, esquecendo completamente dos seus donos. Valentina de vez em quando dava umas patadas

no focinho do Conan, mas ele nem se importava. Estava eufórico com aquela imitação de dalmata. Rolaram pela sala como se fossem velhos amigos.

- Olha o passarinho!

Era a Dona da Casa, máquina na mão, tirando fotos da nova família que de repente tinha dobrado de tamanho. Foi a primeira vez que Conan pôde brincar assim na sala, tirando tapetes do lugar, pulando em cima das poltronas, varrendo as mesinhas com seu rabo desvairado. Os dois davam um verdadeiro show de violação das regras. A Dona da Casa parecia nem perceber.

As coisas da Valentina foram colocadas num canto da lavanderia, longe das do Conan. Eles dividiriam o mesmo ambiente, mas cada um teria o seu cantinho. Enquanto organizava as novas instalações, a Dona da Casa fez perguntas a respeito do nosso fim de semana. Ela sempre quer saber o que fizemos, se nos divertimos, se nos alimentamos... Normalmente respondo a essas perguntas de modo automático. Dessa vez, para cada uma que respondi, eu perguntava: "e o Conan?"

- Sim, mãe, comemos bem. E o Conan?

Nesse dia a Dona da Casa respondeu ao meu interrogatório da mesma maneira que eu respondi ao dela. Só que eu tinha uma pergunta adicional.



- Ele se comportou bem?

- Mais ou menos, né, Conan? - respondeu a Dona da Casa, fazendo um cafuné no meu cão.

- Foi uma aventura passear com ele no parque - ela disse.

Eles tinham passeado no parque?!

- Você não imagina o sucesso que ele fez na casa da Malu - ela disse.

Minha mãe tinha levado Conan para a casa da sua melhor amiga?!

- Você acredita que ele se jogou na piscina? - ela disse.

Não. Eu não estava acreditando naquilo! Não tanto pelas travessuras que Conan tinha aprontado, mas

pela cena que se desenrolava bem em frente ao meu nariz. Minha mãe ia contando as aventuras do Conan enquanto brincava com ele. Algo aconteceu durante aquele fim de semana. Não sei como, nem por que, mas a prova estava ali. Conan havia conquistado o coração da Dona da Casa! Agora ela o chamava pelo nome, achava graça das suas brincadeiras e espremia suas orelhas: óbvios sinais de amizade.

Será que as regras da casa seriam suspensas? Notei que o tapete da sala estava todo enrugado, e nem por isso a Dona da Casa resmungou. Simplesmente o puxou com a ponta do pé, seguiu adiante.

Eu me enchi de esperança.

Naquela noite, antes de me deitar, fiquei de





bobeira pela sala, observando o relacionamento dos dois. Minha mãe estava deitada no sofá, lendo um livro. Conan, quieto entre a porta da cozinha e a sala, dentro do seu limite territorial. Acho que ele também esperava uma brecha para avançar um pouco mais. Resolvi dar o primeiro passo.

– Mãe... Eu estava aqui pensando... Considerando tudo o que aconteceu durante o fim de semana, acho que podemos cancelar o adestramento do Conan.

A Dona da Casa baixou o livro.

– O que foi que aconteceu durante o fim de semana? – ela perguntou.

– Bem... Você sabe...

Pela cara da Dona da Casa, ela não sabia de nada. Fui obrigado a dizer com todas as palavras:

– Você teve oportunidade de conhecer melhor o Conan e perceber que ele é um cachorro legal. Vocês se divertiram... Agora são praticamente amigos. Então pensei que...

– Nada a ver, Ígor. O adestramento continua em pé – ela respondeu.

Retiro o que disse sobre Conan ter conquistado o coração da Dona da Casa.

CRÍ...  
CRÍ...



## 12. Um acidente imperdoável

A única pessoa capaz de explicar aquela incongruência seria vó Ursula.

– Não entendo como minha mãe pode gostar do Conan e querer adestrá-lo ao mesmo tempo – eu disse. – Se você pensar bem, não faz sentido. Depois do fim de semana, ela provou que gosta do





Conan. Mas, mesmo assim, insiste em adestrá-lo. Só que depois do adestramento, Conan não será mais esse Conan que ela conheceu. Ele vai virar um robô teleguiado. Tudo que ela curtiu no Conan será destruído!

– Na verdade, não é bem assim – disse vó Ursula.

Minha vó estava desembaraçando um novelo de lã. Não quis perguntar, mas algo me dizia que era lã para roupinhas de inverno para Conan. Verde-abacate!

– O Barba, por exemplo – ela disse. – Eu o adoro do jeitinho como ele é. Mas que ele podia tirar aquela barba com iguana dentro, ah... isso bem que podia.

Aquele era o maior absurdo que ouvi na vida. Seu Barba sem barba não seria Seu Barba!

– Eu posso perfeitamente gostar dele e imaginá-lo sem a barba – ela continuou. – É um processo de aperfeiçoamento. Isso é típico da natureza feminina.

– E a Gláucia, coitada? – perguntei.

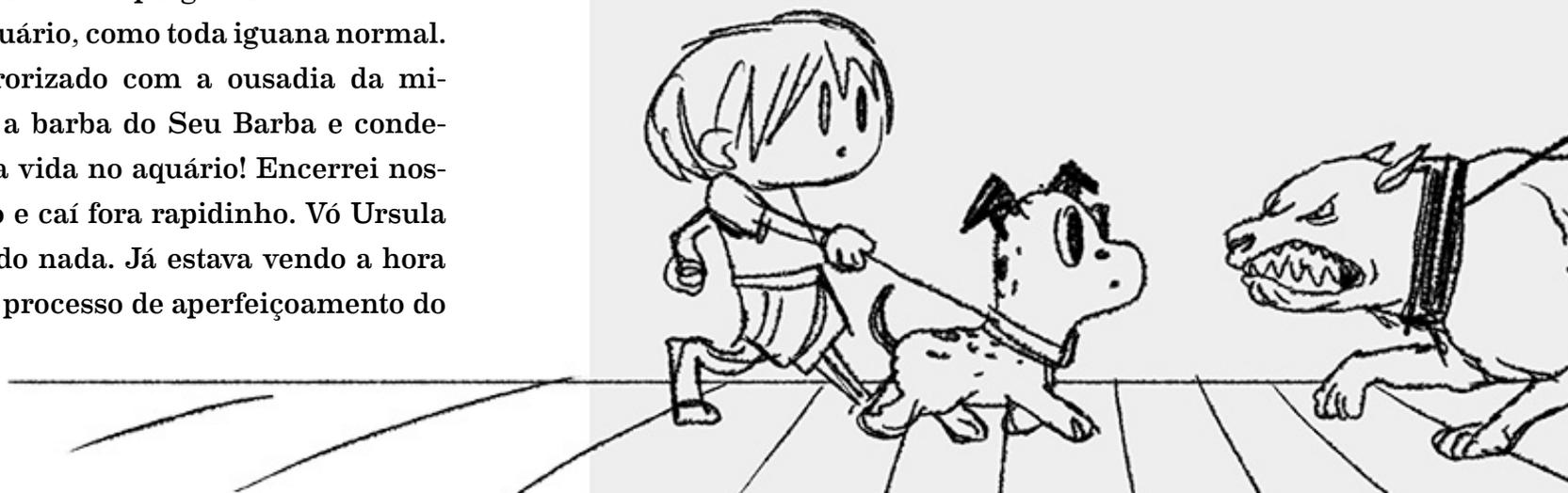
– Ela vai pro aquário, como toda iguana normal.

Eu estava horrorizado com a ousadia da minha vó. Arrancar a barba do Seu Barba e condenar Gláucia a uma vida no aquário! Encerrei nosso papo ali mesmo e caí fora rapidinho. Vó Ursula não tinha entendido nada. Já estava vendo a hora em que ia falar do processo de aperfeiçoamento do

Conan. Se dependesse de mim, não ia ter aperfeiçoamento nenhum.

Conan tinha provado ser capaz de conquistar uma parte do coração da Dona da Casa. Era questão de tempo para conquistá-la de vez. Pensando nisso, uma ideia pipocou no meu pensamento. Conan bem que podia trabalhar um pouquinho para mim. Ele podia, por exemplo, ser agente de aproximação entre Talita e eu. Uma espécie de cupido. Inúmeras vezes eu testemunhei garotas fazendo festinha para cães, enquanto os donos, sorridentes, aproveitavam para retribuir a simpatia. Eu teria de pensar em algo, e rápido. Cada dia de adestramento nas mãos do Herculano significava um dia a menos dos irresistíveis encantos do Conan.

Nesse dia, andando com Conan, passamos por velhos conhecidos de quarteirão; os três poodles históricos da moça ruiva (evidentemente não-ades-trados), o pitbull mal-humorado de um cabeludo





tatuado (adestrado para o mal), o labrador estabonado de um homem que parece estar sempre de pijama (não-adestrado), o fox paulistinha abobado de um garoto da minha idade (adestrado, mas sem efeito) e o pastor alemão responsável de um cego careca (muito adestrado).

Estávamos quase chegando ao parque, quando Conan decidiu que precisava fazer suas necessidades. Implorei para que esperasse um pouquinho. Puxei-o pela guia, mas não adiantou. Ele abriu as pernas e foi agachando, na maior calma do mundo.

– Ah, não, Conan! Aqui, não!

Ele nem olhou para mim. Concentrou-se na única coisa que tinha vontade de fazer. Foi bem no meio da calçada, em frente a uma plaquinha de “Mantenha a cidade limpa!”. Vários adultos testemunharam a cena. Esperavam pela minha reação. Tive a sensação de que a plaquinha começaria a piscar feito um luminoso, e se eu demorasse, ela começaria a buzinar. Cumpri minha obrigação de dono de cão. Era quente e pesado, com umas texturas no meio. ECATI!

Se o episódio acabasse aí, já seria um vexame e tanto. Mas isso foi apenas o começo. Ainda estava recolhendo aquele monte fresquinho de “você sabe o que” quando, do nada, Conan pirou. Ele pisou em cima do monte de “você sabe o que” e de-

pois pulou em mim, me emporcalhando inteiro. Empurrei Conan para longe e continuei a coleta. Agora vários adultos me encararam. Conan, ainda completamente doido, abocanhou o saco plástico e rasgou-o no meio, espalhando um monte de “você sabe o que” por toda calçada.

Tudo isso eu podia suportar, mas o destino queria mais. Nesse instante avistei, lá do outro lado da rua, as duas únicas criaturas que eu não queria ver. Uma era ferret. A outra, Talita. Elas vinham em minha direção. Vi minha vida passar como num clipe. A não ser que eu conseguisse evocar um superpoder obscuro – ficar invisível, correr na velocidade da luz ou me dissolver – a não ser que algo assim acontecesse, elas topariam comigo, coberto de “você sabe o que”, segurando um monte de “você sabe o que” fresco e quente nas mãos, no meio da calçada, no meio da tarde, no meio da minha vida.

Foi o que aconteceu.

– Oi, Igor! Oi, Conan!

– Talita! Gilda! – eu disse.

– Credo, que fedor! – exclamou Talita. – Tá sentindo?

Eu tinha escondido o saco de “você sabe o que” no bolso da calça e enrolado a camiseta na cabeça feito um turbante. Sei lá, no desespero, foi a única coisa que me ocorreu fazer. Podia sentir aquele negócio





quente e nojento espremido, provavelmente vazando.

– É o sistema de esgoto da cidade que não anda muito bom – eu disse. – Li no jornal.

Eu estava sem camiseta e de turbante. Como explicar aquilo? Talita me olhou de um jeito intrigado.

Conforme eu falava, fui andando para trás. Aquilo

estava longe de ser a técnica de sedução canina que eu tinha imaginado. A cada

retropasso que eu dava, só queimava mais e mais o meu filme. Até que

bati contra um poste. O saco de “você sabe o que” foi esmagado e

vazou. Escorreu pela perna da minha calça e espatifou-se no

chão. Talita enrugou o nariz. Não pude mais suportar o

mico. Saí correndo, arrastando Conan pelo pescoço.

Não me despedi, não expliquei nada, não olhei para os

carros na rua. Por um triz não fui atropelado. Conan,

assustado, enroscou-se em mim. Só parei de correr depois

de ter dobrado a esquina. Cheguei em casa mais emporcalhado

que um bicho de goiaba.



## 13. Monstro tem um plano

Nunca mais eu poderia falar com Talita. Depois daquele grotesco ato público, sabia que a tinha perdido para sempre. Ela nunca mais olharia para mim, e com razão. Tive de sacrificar seu amor.

Estava redondamente enganado a respeito dos irresistíveis encantos do Conan. Ele arrancava mameiras de bebezinhos, devorava jantares sem ser convidado, fazia cocô no meio da rua para depois tentar brincar com as próprias fezes. O que há de encantador nisso? Nesse dia, sentado na minha carteira, cheguei à conclusão que um bom adestramento não era tão má ideia, afinal de contas. Passei o resto da aula sem conseguir olhar para o lado, com medo de avistar Talita. Não me lembro de





algum dia ter prestado tanta atenção na professora.

Na hora do recreio, segui emburrado e solitário. Temi que Talita contasse o incidente para a escola inteira. Podia imaginar pelo menos uma meia-dúzia de apelidos que grudariam em mim para nunca mais sair. No meu prédio, no quinto andar, mora um homem de mais de quarenta anos que todos chamam de Tranqueira. Até a síndica. Certa vez, eu estava no elevador, junto com o homem, quando a síndica entrou e disse:

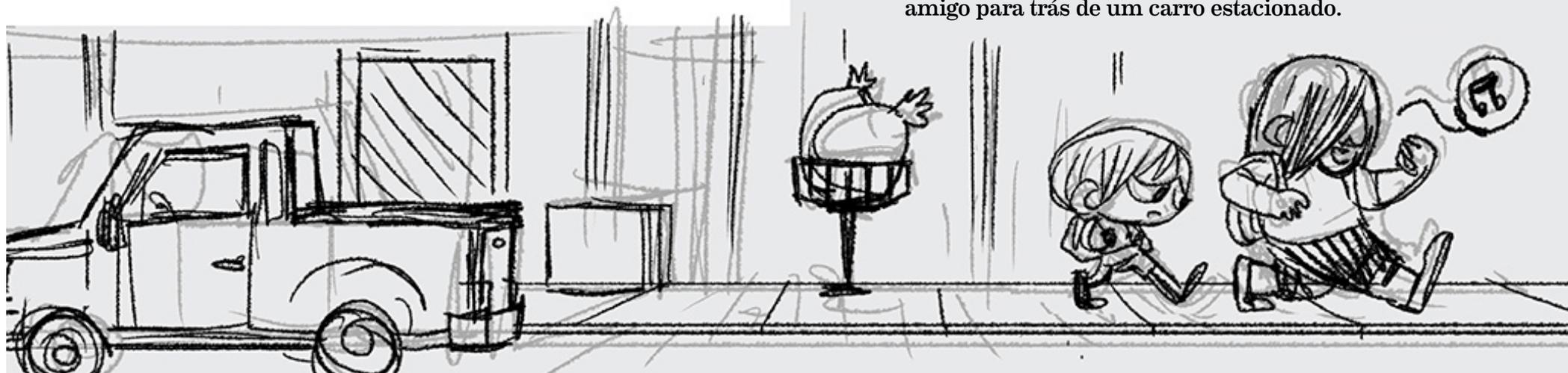
– Boa tarde, Tranqueira.

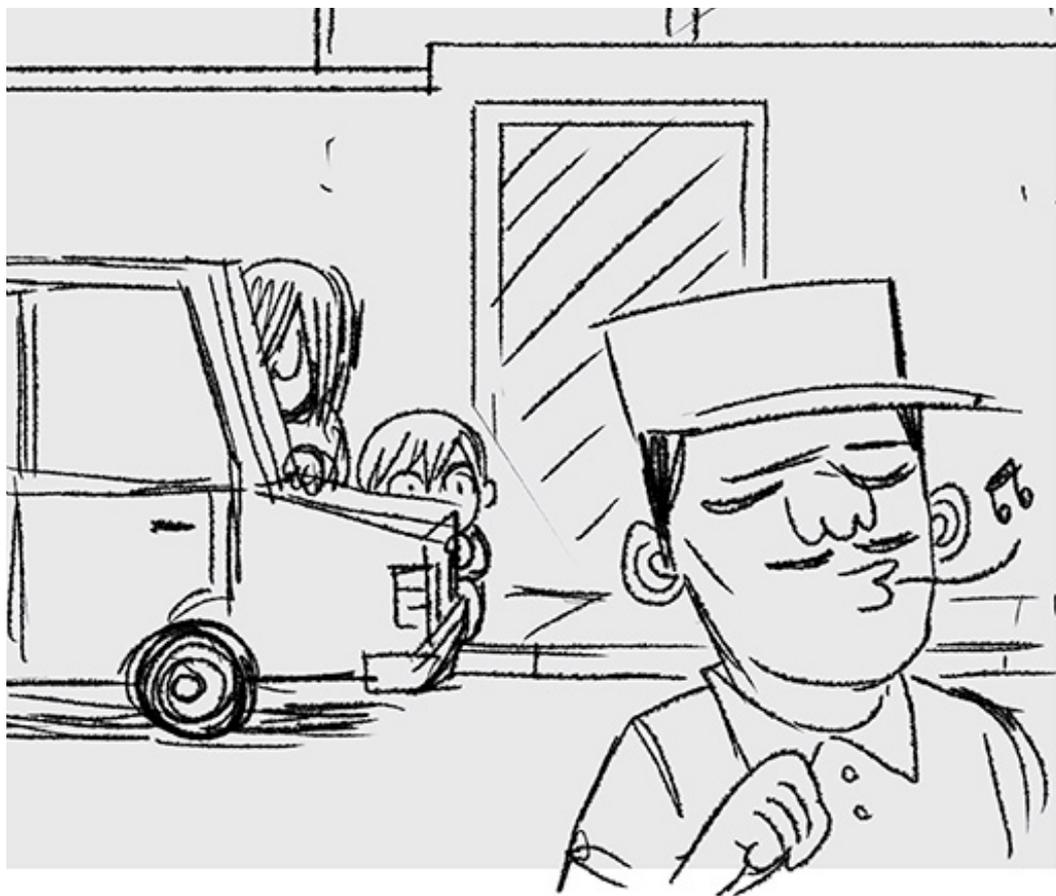
– Boa tarde, Dona Elza.

Tenho certeza que ele pegou o apelido na escola. Não importa para onde esse homem vá, é isso o que será para o resto da vida. No meu caso será infinitamente pior que Tranqueira. Talvez as pessoas nem peguem elevador comigo, com medo das implicações do apelido... Tudo isso por amor a um cão. Quantos donos de cão tiveram de sacrificar a

felicidade da vida futura por amor aos seus bichos? Bem, eu tive. Não que eu estivesse me achando um São Francisco de Assis por causa disso. Muito pelo contrário. Eu me sentia um pamonha.

Monstro sentou-se ao meu lado e ficou ali, ouvindo música e balançando a cabeça. Pensei em lhe contar o que tinha acontecido, mas isso implicaria ter de falar sobre Talita, coisa que eu não podia fazer. Meu amor por ela é segredo de segurança máxima. Quer dizer, agora que tive de sacrificá-lo, não tem importância nenhuma, pois nem existe mais. Mesmo assim, não quis tocar no assunto. No final do dia, sempre cantarolando em meio ao meu silêncio, Monstro me acompanhou balançando a cabeça, de vez em quando soltando uns gritos. Não importava que ele estivesse mergulhado em alguma sonzeira frenética enquanto eu ficava no meu silêncio depressivo. Eu até preferia assim. Estávamos quase no meu prédio, quando avistei Herculano saindo. Empurrei meu amigo para trás de um carro estacionado.





- Esse aí é o adestrador do Conan - disse.

- Vamos segui-lo - sugeriu Monstro, tirando os fones de ouvido.

Herculano assobiava enquanto caminhava com as mãos nos bolsos, cumprimentando as pessoas que encontrava no caminho: porteiros, jornalista, dono da quitanda, taxista.

- Ele vai parar ali - sussurrou Monstro.

De fato, Herculano parou numa van estacionada. Pediu um cachorro-quente e um refrigerante. Monstro me cutucou.

- Viu?

- O quê?

- O pedido.

- O que é que tem?

- Ele vai comer um... - Monstro fez uma pausa, arregalou os olhos e sussurrou - ...cachorro-quente!

- Nós comemos cachorro-quente o tempo todo!

- No caso dele é diferente. É desejo inconsciente.

- De comer cachorros?

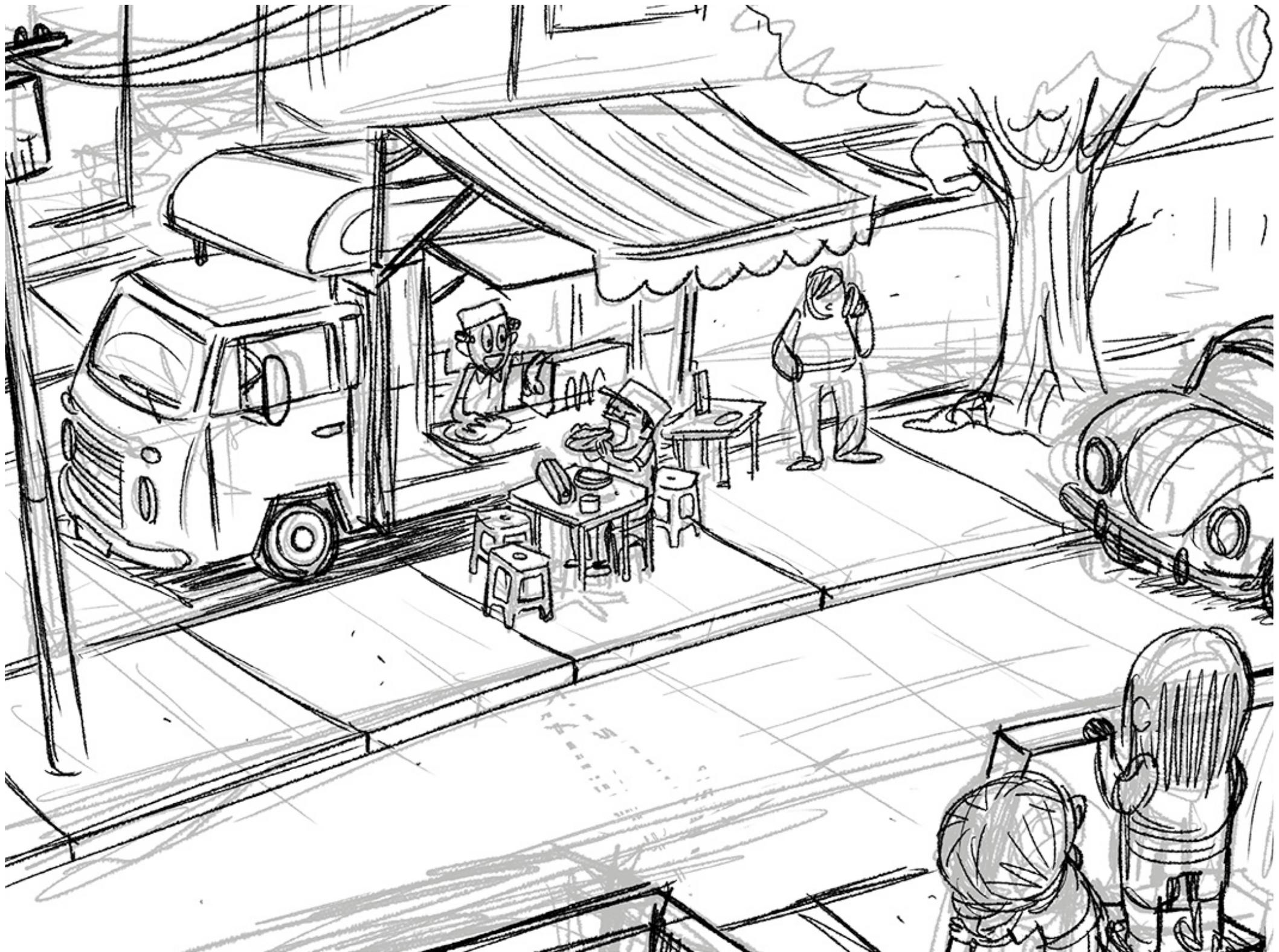
- Claro! Ele vai pedir outro. Olha lá! Pediu! Dois cachorros numa tacada.

Depois de comer os cachorros, Herculano ficou de papo com a mocinha dentro da van. Eu estava verde de fome e comeria um cachorro-quente sem o menor peso na consciência. Mas Monstro não arredaria pé. Permanecemos escondidos até Herculano terminar seu refrigerante, pagar e continuar a caminhada. Valeu a pena, pois sua próxima parada foi numa casa com três labradores.

Uma moça com toalha de banho na cabeça veio atender. Ela parecia um sorvete de casquinha. Passou um relatório das façanhas dos labradores. Disse que Dino tinha engolido o controle da garagem. Com pilha.

- Será que vai dar uma úlcera nele?

Herculano perguntou se Dino tinha vomitado.





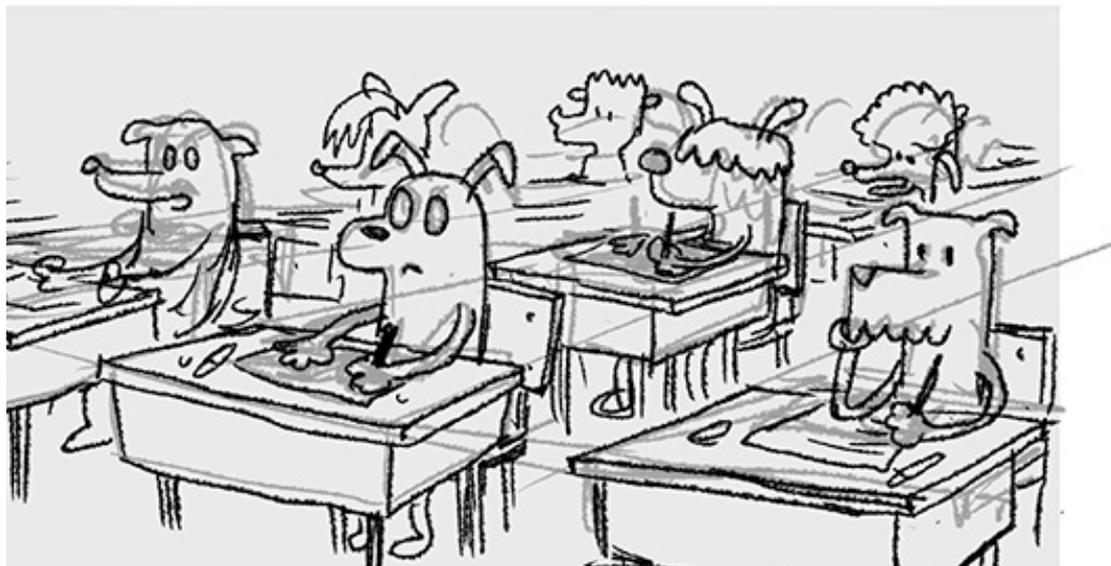
Ela respondeu que só naquele dia, três vezes, num tom laranja fosforescente. Não foi uma conversa agradável de ouvir.

A senhorita Cabeça de Sorvete seguiu contando as peripécias dos seus cães, quando Dino deu um pulo e puxou a toalha. Uma pasta de cabelo lambuzado com meleca vermelha desmoronou. Senhorita Cabeça de Sorvete entregou Dino para Herculano e correu para dentro de casa, deixando pingos no chão da garagem. Foi difícil conter o riso. Por pouco não pusemos tudo a perder.

O adestramento acontecia numa praça. Monstro e eu nos escondemos atrás de um canteiro.

- Agora vamos descobrir tudo que acontece com Conan quando não estamos olhando - sussurrou Monstro.

Eles estavam na aula do “senta”, que nesse caso era do “sienta”.



Será que depois do adestramento eu teria de falar espanhol com Conan? Era o que faltava...

Herculano repetia a mesma coisa sem parar. Pegava Dino e apertava dois pontos no seu quadril. Dizia:

- Sienta!

Dino automaticamente sentava. Herculano fazia um agrado e, muito entusiasmado, lhe dava os parabéns. Era um entusiasmo bem exagerado.

- Isso aí é a técnica do estímulo positivo - Monstro explicou. refrigerante Quando o cachorro obedece, o treinador dá uma recompensa. Pode ser um carinho ou um biscoito.

Se aquilo era um estímulo positivo, isso só podia significar uma coisa: na escola somos treinados por estímulos negativos. Quando ficamos quietos prestando atenção, não recebemos nenhum tipo de recompensa. No entanto, se fazemos bagunça, levamos bronca: estímulo negativo. Nunca vi ninguém ganhar um troféu por tirar notas altas. Mas aí de quando tiramos notas ruins... Pensando bem, em todos esses anos de escola nunca recebi os parabéns por ter um comportamento civilizado, mas na única vez em que bati num colega, fui parar na Diretoria.

Não é preciso ser nenhum Einstein para perceber que o sistema educacional deve ser completamente





alterado para seguir as técnicas caninas de estímulo positivo, o que resultaria em alunos muito mais felizes e, mais adiante, num mundo melhor. A humanidade passaria a fazer coisas boas pelas recompensas que receberia. É claro que não dariam biscoitos para nós. Mas, por exemplo, quem saísse plantando árvores em áreas de desmatamento receberia um dinheiro, em vez de multas por derrubá-las.

Herculano seguiu ensinando Dino a sentar. Era bem chato de assistir. Não havia mais o que fazer ali. Como dois espíões profissionais, deixamos a praça numa sequência de corridas estratégicas, confiando apenas na proteção de árvores e arbustos.

- Tive uma ideia! – disse Monstro, depois que nos afastamos. – Vou desadestrar o Conan pra você.
- Como?
- Vou tirar todos esses comandos idiotas que Herculano está enfiando na cabeça dele.
- Deixa pra lá, Monstro. Já me conformei...
- Nada disso! Deixa comigo. Eu sei o que fazer.
- O que você vai fazer?
- Deixa comigo.

Passsei os dias seguintes imaginando como seria o novo sistema educacional por estímulos positivos para humanos. Enquanto isso, Monstro concebia o Plano Desadestramento Djá para cães.

14.

## Sabedoria ancestral



Herculano passou as duas primeiras semanas só no tal processo de conquistar a confiança do Conan. Depois foi ensinando algumas coisinhas, tudo muito lentamente.

Depois da escola, Monstro e eu encontrávamos com eles a tempo de assistir o fim do treino. Herculano nos passava um relatório das atividades realizadas.

- Ele já anda junto? - perguntei.

Não... Conan ainda não andava junto, mas segundo Herculano, já estava mais compenetrado nas caminhadas, sem se distrair por qualquer coisinha.

- Ele já ataca? - Monstro perguntou.

- Queres que ataque?

- É bom saber, né? - respondi. - Pode ser que um dia ele precise.

Herculano disse que o programa de treinamento não incluía atacar. Nesse caso teríamos de pedir





o consentimento da Dona da Casa. Em outras palavras, esquece atacar...

– Ele vai aprender a desenterrar ossos? – perguntei.

– É! Ossos suspeitos! Ele vai desenterrar ossos suspeitos? – Monstro perguntou.

Herculano pedia para irmos com calma. Interrompeu o relatório e disse que Conan estava indo bem, e que em breve passaria alguns comandos para nós. Era nessa parte que Monstro colocaria seu plano em prática.

Enquanto isso, toda tarde eu continuava levando Conan para o parque. Agora eu já estava bom nesse negócio de coletar fezes. Desenvolvi um método. Depois que Conan fazia o que tinha de fazer, eu o amarrava num banco e recolhia. Essa foi a grande descoberta, pois assim ele não me atrapalhava. Eu metia a mão no saco plástico como se vestisse uma luva, catava tudo e, com a outra mão, fechava o saco. Terminava dando um nozinho e – rapidamente – jogava no lixo. Desse jeito não havia risco de me emporcalhar. Nunca mais passei vergonha, pelo menos não nesse departamento. Em outros departamentos as coisas não iam tão bem. Talita tinha parado de falar comigo. Não é por menos... Depois do acidente, fiquei com tanta vergonha que nunca mais consegui olhar na cara dela.

E lá estávamos nós, no mesmo parque, como dois estranhos.

Gilda fazia um sucesso enorme. As pessoas ficavam loucas pela ferret. Isso, naturalmente, foi deixando Gilda cada vez mais convencida. Ela passou a usar um laço cor de rosa no pescoço e escorregar no escorregador. Os pequenininhos até davam a vez para ela. Ela descia rebolando numa rapidez que me causava arrepios. Pensei que com o tempo eu fosse perder a aflição de ferrets, mas que nada.

Monstro não tinha problemas com Gilda. Botava-a no pescoço, fingindo que ela era uma estola de pele viva. Ficava imitando madames francesas, supondo que madames francesas andassem com ferrets no pescoço. Talita morria de rir. Eu, de ciúmes.

Se ao menos houvesse uma maneira de as coisas voltarem a ser como eram...

Eu já estava perdendo a esperança de restabelecer contato com Talita, quando surgiu a grande oportunidade. E no centro dos acontecimentos estava Conan, meu cão!

Como eu disse, Gilda já era conhecida de todos no parque. Principalmente das crianças menores. Ela virou uma espécie de mascote. Talita, por sua vez, era a fada madrinha.



Acho que Gilda fez o que fez por ter genes de rato. Afinal, veio de um pet shop e tinha custado um bom dinheiro. Foi alimentada com ração de primeira a vida toda, recebeu educação exemplar, só andava de bolsa. Considerando tudo isso, imaginem o susto da Talita quando Gilda fez o que fez. E o que ela fez? Gilda escapou da guia, saiu correndo, atravessou o parque e alcançou a avenida. Se você me perguntar o que ela ia fazer na avenida, eu digo. Gilda ia se enfiar num bueiro e se mandar para o submundo. Ela ficou ali no meio-fio, o focinho buscando loucamente o bueiro mais próximo. Talita gritou por socorro. Foi minha grande chance. Deixei Conan de lado e fui correndo. Mas assim que meu cão percebeu do que se tratava, passou na minha frente.

– PARA, CONAN! – eu gritei.

Tudo aconteceu num flash. Quando vi, Conan abocanhou a ferret!

Eu gelei. Talita, que estava ao meu lado, também parou subitamente. Ninguém mexia um dedo. Era como se qualquer movimento brusco pudesse provocar um desastre irreversível. Com um gesto mínimo, pedi para Talita não gritar, não fazer nada. Conan também estava paralisado. A única coisa em movimento era Gilda, que esperneava e clamava por piedade. Muito devagarinho, fui andando até Conan. Ajoelhei na frente dele e falei bem mansinho:

– Conan, por favor, devolva a Gilda. Por favor, Conan...





Estendi os braços. Conan gentilmente depositou Gilda nas minhas mãos. Nessa hora tive de prender a respiração para não sair gritando de pavor. Senti as patinhas daquele rato espichado. Talita pegou Gilda no colo e a cobriu de beijos.

– Muito bem, Conan! Muito bem! Você foi um bom garoto. Muito bem! – afaguei meu cão.

Conan ficou todo orgulhoso. O parque inteiro havia testemunhado seu ato heroico. Dálmatas são cães de caça. Ele pegou Gilda do mesmo jeito que pegaria um pato ou uma raposa, considerando que Talita e eu fôssemos nobres num dia de domingo. Meu cão apenas seguiu seus instintos ancestrais, mesmo que naquele tempo não existissem ferrets chamadas Gilda, mas isso é uma questão de adaptação.

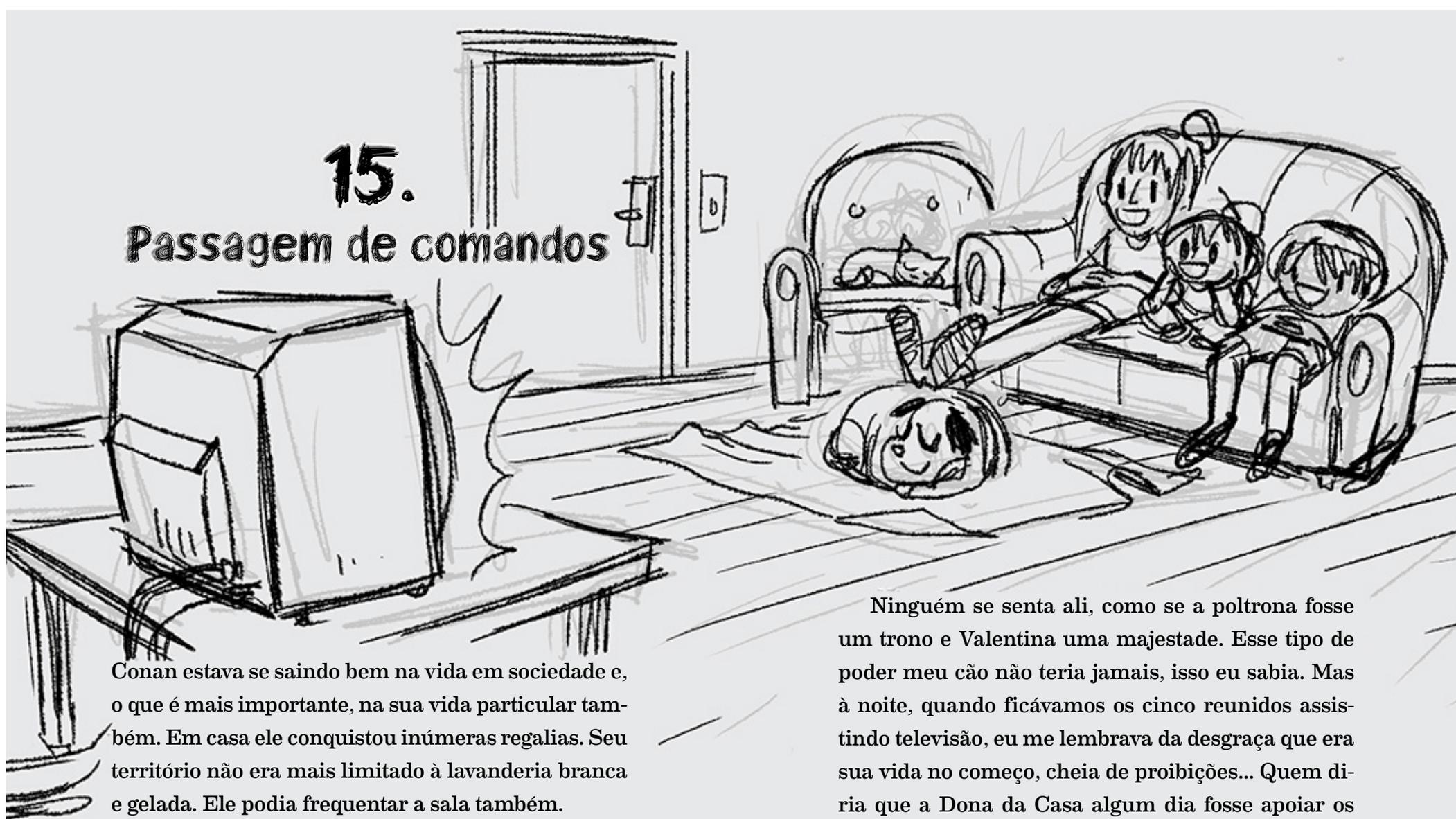
Agora a ferret estava bem segura dentro da bolsa, apenas com a cabeça de fora e dois olhões arregalados. Senti o braço da Talita passar pelos meus ombros. Ela fez um carinho no Conan e me encarou com um lindo sorriso. Deu um beijo estalado na minha bochecha e sussurrou:

– Vocês são os meus heróis!

Da mesma maneira que Conan havia queimado meu filme com Talita refrigerante por ter seguido seus instintos naturais refrigerante agora, seguindo instintos ancestrais, ele remediou a situação!

15.

## Passagem de comandos



Conan estava se saindo bem na vida em sociedade e, o que é mais importante, na sua vida particular também. Em casa ele conquistou inúmeras regalias. Seu território não era mais limitado à lavanderia branca e gelada. Ele podia frequentar a sala também.

Claro que o progresso do Conan não se comparava às conquistas da Valentina. A gata já tinha uma poltrona sua. Era ali que ela tirava suas sonecas à tarde. Quando chegava visita, minha mãe dizia:

– Essa poltrona é da Valentina.

Ninguém se senta ali, como se a poltrona fosse um trono e Valentina uma majestade. Esse tipo de poder meu cão não teria jamais, isso eu sabia. Mas à noite, quando ficávamos os cinco reunidos assistindo televisão, eu me lembrava da desgraça que era sua vida no começo, cheia de proibições... Quem diria que a Dona da Casa algum dia fosse apoiar os pés nas costas do meu cão, como se ele fosse uma mesinha de centro, sendo que a mesinha de centro, muito educada, não se virava para morder?!

Na hora das refeições, quem diria que a Dona da Casa atiraria pedacinhos de carne para o cão?

E este, paradinho à porta da lavanderia, pegaria os pedaços no ar, engoliria e voltaria à posição de alerta, sem jamais voar sobre a mesa, puxar a toalha, atacar nossa comida? Impressionante...

Havia uma explicação para esses milagres comportamentais. Eu passava a tarde inteira na rua, brincando com Conan, passeando e correndo. Quando voltávamos para casa, meu cão estava calmo e contente. Por isso comportava-se bem. O único probleminha é que, por ficar tanto tempo na rua, deixei de fazer as lições de casa. Comecei a ir mal na escola. Bem mal... Quanto mais meu cão evoluía, mais eu decaía. O boletim escolar chegaria em duas semanas, e eu teria grandes problemas pela frente...

Finalmente chegou o dia da passagem dos comandos. Herculano marcou um horário no meio da tarde. Chamei Monstro e Conan, e lá fomos nós!



- En primer lugar es necesario aprender el plan del comando.

Herculano explicou que o cão sabe o que seu dono quer dizer pelo tom de voz. Quando fazemos festa para o bicho, é num tom de voz. Quando damos bronca, é noutro. E quando comandamos, também. Existe uma voz certa para cada coisa. Herculano disse que não podemos esperar que o bicho atenda a um comando choramingado. Ele imitou um comando dengoso. Do jeito que ele fazia, não parecia mesmo um comando. Parecia mais um pedido. O cão podia ir se estivesse a fim. Se não, tudo bem. Depois Herculano mostrou como era a voz de comando.

- ¡DJUNTO! - exclamou Herculano de um jeito forte e determinado.

Não era bravo, mas se eu fosse um cão, ia para junto do Herculano, pois havia alguma coisa



naquele “djunto” que dava a entender que era melhor ir, para meu próprio bem.

Conan assistiu a tudo isso com um sorriso de orelha a orelha. Estava na cara que ele não via a hora de demonstrar tudo que havia aprendido. Seu rabo parecia que ia descolar do corpo. Herculano disse que era minha vez de tentar o comando “senta”. Explicou que primeiro eu tinha de dizer o nome do cão. É muito importante chamar o cão sempre pelo nome. Nada de ficar inventando apelidos. Isso prova que no começo, quando eu sabia quase nada sobre cães, mesmo então eu estava certo: vó Ursula não tinha nada que ficar chamando Conan de Sean Connan. Olhei bem para Conan e tentei o comando:

– Conan, SENTA!

Conan se sentou no ato. Herculano fez um sinal de cabeça e eu entendi que podia dar os parabéns para ele. Conan se levantou e deu uns pulinhos de felicidade. Ele ainda comemorava nosso primeiro comando bem realizado quando Monstro emitiu a ordem:

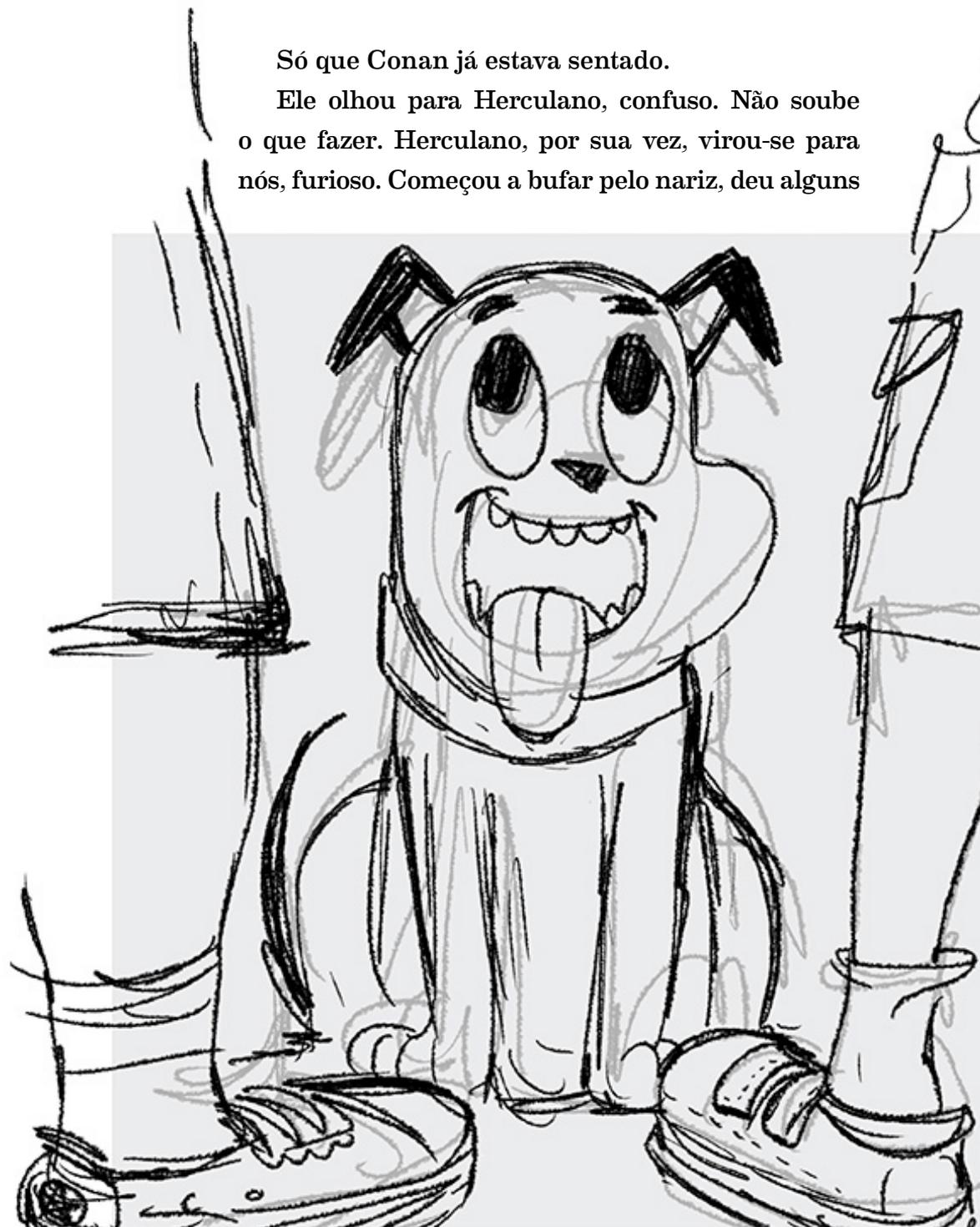
– Conan, SENTA!

Conan imediatamente parou com a festa que fazia para mim e se sentou, olhando para Monstro. Eu quis tirar outra prova.

– Conan, SENTA!

Só que Conan já estava sentado.

Ele olhou para Herculano, confuso. Não soube o que fazer. Herculano, por sua vez, virou-se para nós, furioso. Começou a bufar pelo nariz, deu alguns





passinhos nervosos e subitamente se virou, encarando Monstro e eu:

- ¡Así no! Así no es posible!
- Foi mal... - admiti rapidamente.

Monstro interferiu.

- E aí, vamos continuar?

Herculano quase o fuzilou com o olhar.

- ¿Sabes lo que hiciste? - a pergunta era para mim.

- Eu dei um comando errado - respondi.

- ¡Peor que eso!

- Ele confundiu o Conan! - Monstro gritou.

- Exactamente.

- Já disse que foi mal. Desculpa.

- Es más que malo. Es un error factídico.

Herculano estava realmente nervoso com aquilo. Continuou a andar com as mãos para trás, sem tirar os olhos de nós.

- Siéntense, los dos.

Herculano apontou para um banquinho e lá fomos nós. Conan, o bom aluno, veio atrás.

- Los perros son muy sensibles. Es necesario ser claro y exacto. Claro y exacto, ¿lo comprendes?

- Comprendo. Ele estava sentado e eu mandei ele sentar. Tudo bem... Admito! Errei.

Herculano continuou:



– ¿Sabes cuál es el mayor peligro del adiestramiento?

Não sabíamos.

– ¡El trauma!

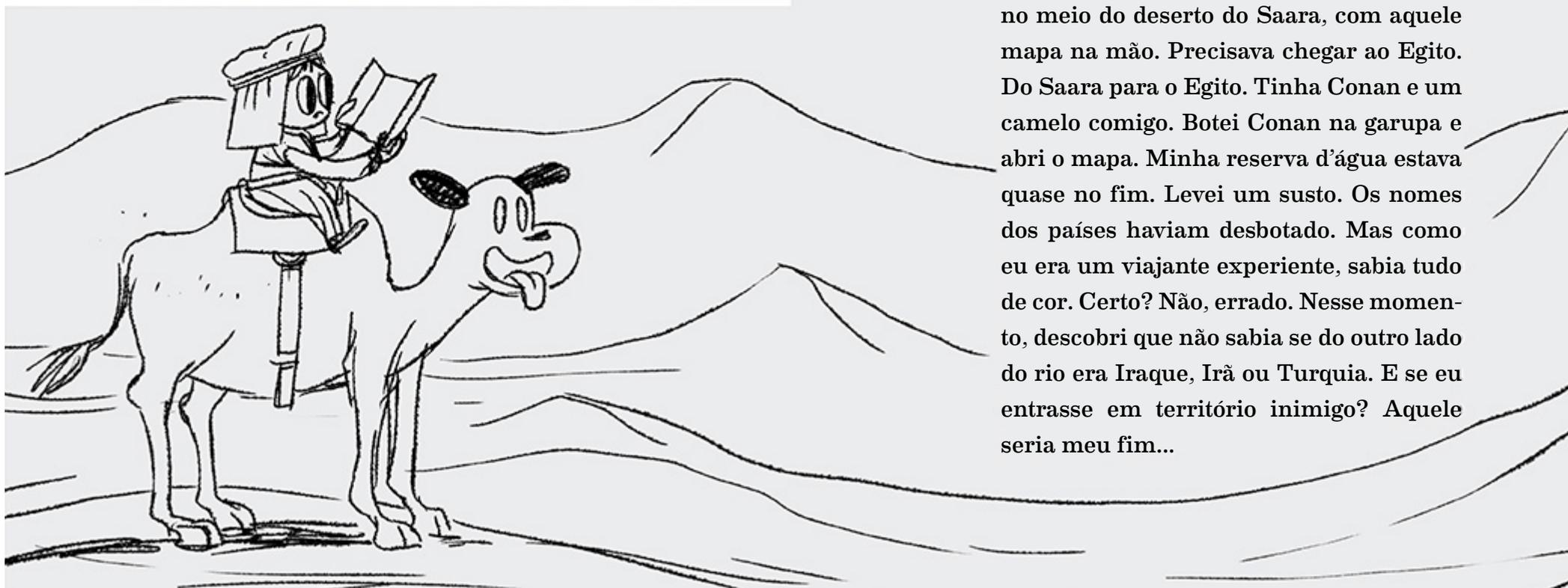
Herculano fez uma explanação sobre “el trauma”. Segundo ele, se durante o período de adestramento um animal sofre um trauma, o bicho imediatamente trava e para de aprender. Daí o adestrador tem de começar tudo do zero. Se o trauma for

realmente sério, esqueça treinamento, o bicho se recusa a aprender de vez. Conan não parecia traumatizado. Sentado ao meu lado, ele acompanhou a explicação. Esperava o momento em que continuaríamos com a passagem de comandos. Ele não ficou chateado por eu ter errado a minha parte. Estava disposto a continuar mostrando tudo que havia aprendido. Sem traumas...

Depois do longo sermão, Herculano meteu as

mãos no bolso e se despediu. A primeira aula de passagem de comandos acabava ali. Do jeito que ele ia embora, com passos duros, tive a sensação de que estava desistindo de mim! Minha vontade era de correr atrás do Herculano e prometer que eu seria mais cuidadoso com os comandos. Nada de confundir meu cão.

Monstro, em compensação, ficou eufórico. Aquilo comprovava que seu plano daria certo. – É como causar pane no computador. A gente faz o bicho travar, e daí recomeçamos do zero!



## 16. Traumatismo estudantil

Poucos dias depois, chegou a minha vez de mostrar o que eu tinha aprendido no semestre. Estava diante de uma prova de Geografia. Olhava para aquele mapa todo em branco, pedindo por nomes. Eu sempre quis viajar pelo mundo. Imaginei estar no meio do deserto do Saara, com aquele mapa na mão. Precisava chegar ao Egito. Do Saara para o Egito. Tinha Conan e um camelo comigo. Botei Conan na garupa e abri o mapa. Minha reserva d'água estava quase no fim. Levei um susto. Os nomes dos países haviam desbotado. Mas como eu era um viajante experiente, sabia tudo de cor. Certo? Não, errado. Nesse momento, descobri que não sabia se do outro lado do rio era Iraque, Irã ou Turquia. E se eu entrasse em território inimigo? Aquele seria meu fim...

- Acabou o tempo! - disse a professora.

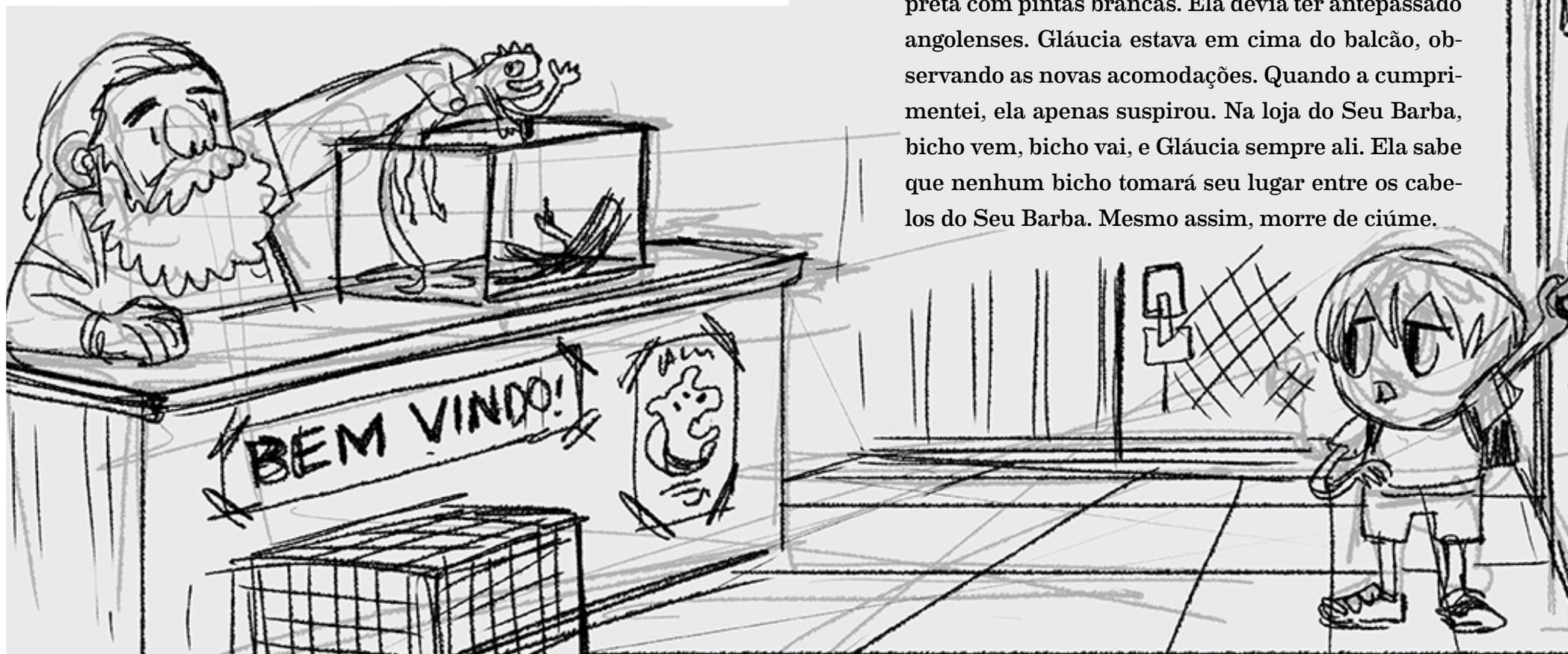
Entreguei a prova com vários desertos em branco.

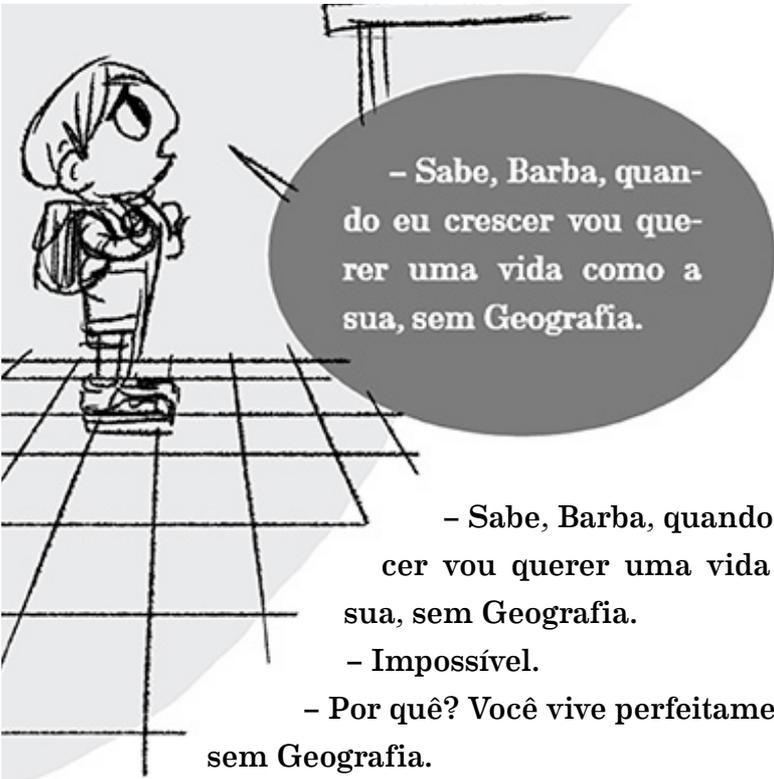
Vislumbrei um zero bem redondo despontando no horizonte. Nunca tinha ido tão mal na escola. Já podia até imaginar a cena. A Dona da Casa dizendo coisas como: “estamos muito preocupados com você, meu filho...”. Meu pai perguntaria: “mas o que aconteceu?”. Minha mãe: “tudo isso começou depois que Conan veio aqui pra casa...”. Podia ouvir vó Ursula oferecendo ajuda: “E se Conan passasse uns dias lá em casa, pro Ígor poder se concentrar

nos estudos?”. A Dona da Casa ia concordar na hora. “Boa ideia, Ursula.” Talvez meu pai percebesse o absurdo da proposta, e tentasse acalmar os ânimos das duas: “Será que não estamos exagerando?”. Mas meu pai é minoria. “Resolvido. Conan vai pra casa da vó Ursula pro Ígor poder estudar.”

Depois da escola fui direto para a loja do Seu Barba. Ele, sim, é um sujeito feliz. Fica lá na loja, cuidando de bichos, sem se preocupar com boletim escolar... Eu invejo os adultos.

Ele tinha acabado de receber uma nova iguana, preta com pintas brancas. Ela devia ter antepassado angolenses. Gláucia estava em cima do balcão, observando as novas acomodações. Quando a cumprimentei, ela apenas suspirou. Na loja do Seu Barba, bicho vem, bicho vai, e Gláucia sempre ali. Ela sabe que nenhum bicho tomará seu lugar entre os cabelos do Seu Barba. Mesmo assim, morre de ciúme.





Seu Barba largou a iguana angolense e voltou para trás do balcão. Tirou um mapa-múndi de dentro da gaveta. Levei um susto! Eu achava que só estudantes tivessem essas coisas.

Seu Barba explicou que os bichos da sua loja só são exóticos porque vêm de outros países, portanto precisam de adaptação. Cabia a ele tentar reproduzir o ambiente de origem. No mapa do Seu Barba, além dos países, havia desenhos de bichos.

No caso das iguanas, usa-se uma lâmpada amarela para imitar o calor do deserto. Os peixes de mar precisam de aquário com água salgada. Escargots gostam de lugares escuros, por isso a caixa

tem de ficar tampada. Se Seu Barba não soubesse nada sobre o lugar de onde vem o bicho, como conseguiria criar o ambiente adequado?

- Aqui eu uso de tudo. Até química. E olha que quando eu era estudante, torcia pra que química fosse abolida do conhecimento humano - Seu Barba confessou. - Tá indo mal na escola, é, Ígor?

- Muito mal. Será que estou com trauma?

- Trauma do quê?

- Sei lá. Herculano disse que se o bicho fica traumatizado, ele para de aprender.

Desenvolvi minha teoria:





– Nós chamamos de educação, mas o que está acontecendo comigo é na verdade uma espécie de adestramento mental. Herculano disse que nesse período é preciso ter muito cuidado. Qualquer erro pode causar trauma no bicho. No meu caso, na pessoa. Então eu posso travar e não aprender mais nada. É isso o que está acontecendo comigo. O que você acha, Seu Barba?

– Acho que você precisa tratar de estudar, Ígor.

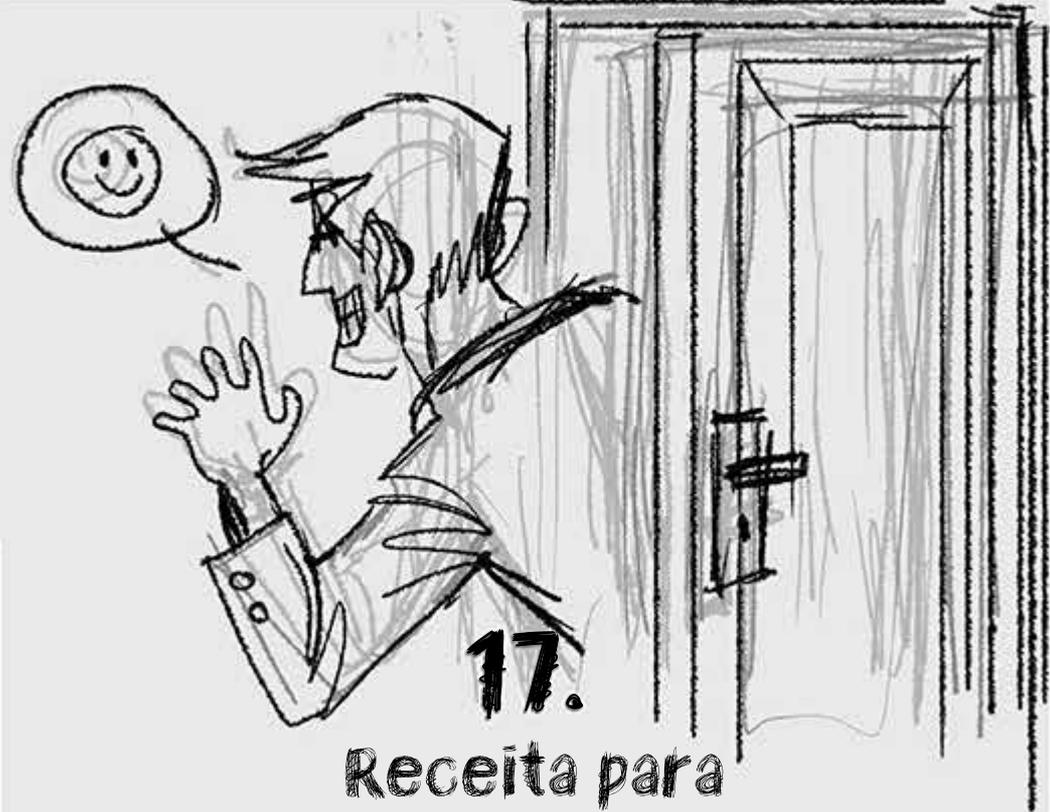
– Não acha que é trauma? – perguntei.

– Não. O que está acontecendo com você é outra coisa.

A-há! Eu sabia que havia uma explicação. Sabia que Seu Barba podia me ajudar.

– É desculpa furada. Tchau, Ígor. Já pra casa.

Por essa eu juro que não esperava...



## 17. Receita para um cérebro atlético

Naquela noite meu pai apareceu em casa para jantar conosco. Uma aparição surpresa, o tipo de coisa que a Dona da Casa odeia.

– Quantos bichos nessa casa! – disse, mal tinha entrado.

Ele não tinha a menor intimidade com Conan. Haviam se visto poucas vezes na vida. Meu cão ficou um bom tempo tentando desvendar quem era aquela nova pessoa. Valentina, por sua vez, evaporou. Só



apareceu na hora da sobremesa. Deu uma voltinha por nossos pés e retornou à poltrona. Ela não perdia um capítulo da novela.

O assunto durante o jantar foi o típico assunto entre pais e filhos. Ele queria saber da escola, coisa que, se você pensar bem, é muito engraçado, pois eu nunca pergunto a ele como está se saindo no trabalho.

- Não estou indo nada bem - respondi. - Estou com um problema sério.

- Como assim, problema sério? - perguntou a Dona da Casa

- Sou todo ouvidos, Ígor - disse meu pai.



Percebi no seu rosto um olhar de preocupação.

- Eu tive um traumatismo - expliquei.

- Craniano? - perguntou Gabriela.

- Não. Estudantil.

Ninguém entendeu do que eu estava falando. Tive de explicar, assim como expliquei para Seu Barba. No meio da explicação minha mãe recolheu os pratos e foi buscar a sobremesa. Nem precisou dizer nada. Pelas caras que fazia, percebi que, como Seu Barba, ela achava que meu traumatismo era desculpa furada.

- Igor, você deve ter percebido que comecei a fazer musculação - meu pai disse.

Hã? Eu estava contando sobre um grave bloqueio



mental e meu pai vem falar dos seus músculos? Agora era eu que não estava acreditando!

- Até tirei as medidas. Já ganhei três centímetros de bíceps.

- Deus do céu... - minha mãe resmungou, lá da cozinha.

- Parabéns - eu disse.

Nem meu próprio pai se importava com o fato do meu cérebro ter travado... Que triste...

- E por que estou ganhando tanta massa muscular? - perguntou. - Treino!

- Sei...

- Treino diário - ele acrescentou.

- Que ótimo... - minha mãe sempre disse que meu pai é um narcisista.

- O cérebro é como um músculo - ele continuou.

Gabriela olhou bem para o topo da cabeça do meu pai. Continuava do mesmo tamanho.

- O cérebro também pode ser exercitado. Aliás, ele precisa de exercícios.

Nunca tinha ouvido falar disso.

- O melhor exercício é a leitura - ele disse. - Gente que lê tem melhor memória, mais rapidez de pensamento, faz mais conexões. Enfim, fica mais inteligente. Não sou eu que estou dizendo. Isso já foi provado cientificamente.



- É verdade - minha mãe concordou, com pratinhos de sobremesa na mão.

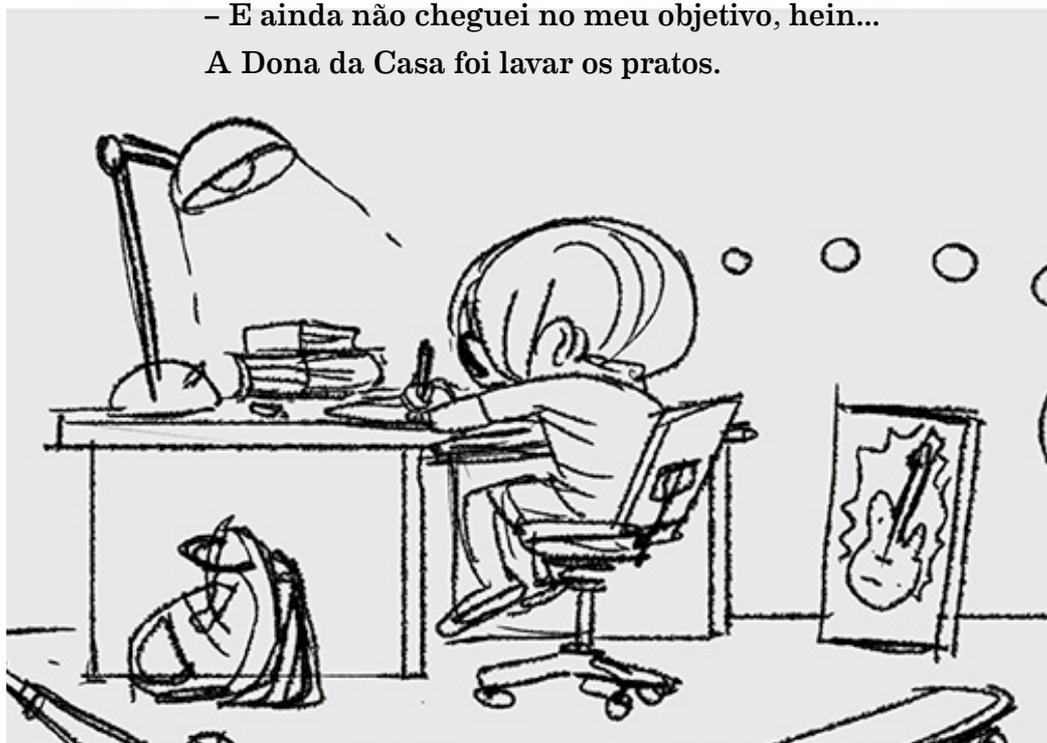
- O contrário também acontece. Teve o caso de duas meninas no Irã que foram trancafiadas pelo pai. Passaram onze anos isoladas do mundo, sem ir à escola, sem televisão, sem livros. Viviam enjauladas. E o que aconteceu quando foram encontradas? Descobriram que elas tinham idade mental de três anos.

A Dona da Casa emendou uma história sobre crianças que aprenderam a escrever aos quatro anos de idade e a partir daí aprenderam tudo mais rápido, porque estavam com o cérebro mais exercitado.

Meu pai mostrou o muque. Estava fortão mesmo!

- E ainda não cheguei no meu objetivo, hein...

A Dona da Casa foi lavar os pratos.



Eu não fazia questão de ficar musculoso, mostrando muques por aí, mas aquilo que meu pai falou me deixou encafifado... Talvez não fosse traumatismo. Podia ser bem pior! Eu havia parado de estudar. Será que meu cérebro estava atrofiando?

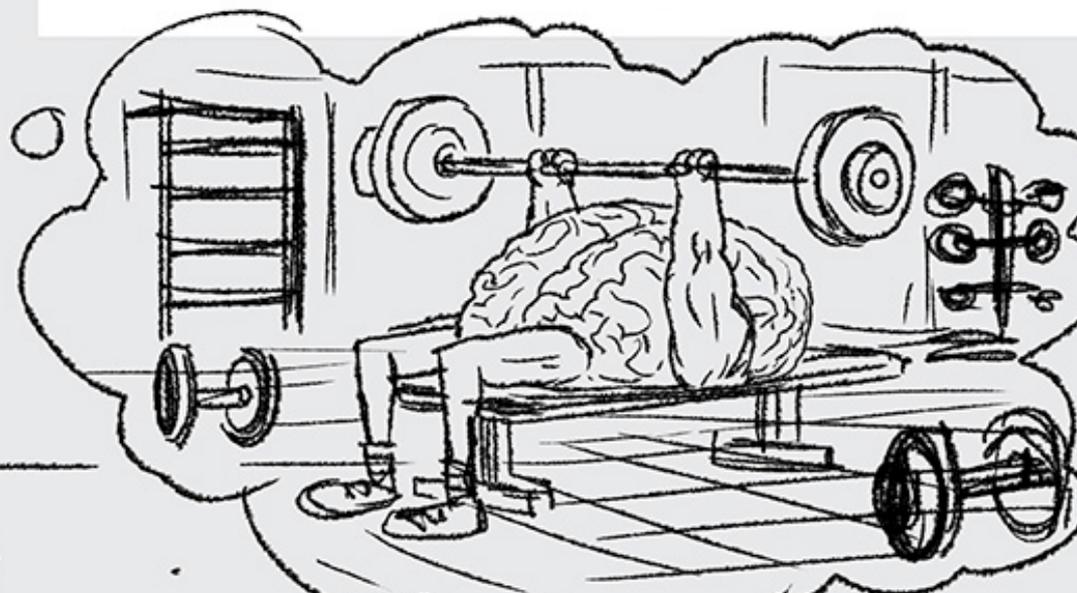
Naquela noite mesmo, antes de dormir, coloquei a lição de casa em dia.

No dia seguinte, ainda remoendo a possibilidade de cérebros atrofiados, fui tirar uma dúvida com Herculano. Perguntei se Conan tinha facilidade para aprender. Ele respondeu exatamente o que eu já desconfiava. Disse que meu cão repetia inúmeras vezes a mesma coisa, até aprender.

- É cansativo pra ele? - perguntei.

- Un poquito.

Meu cão, um aluno exemplar, tinha treinamento três vezes por semana. Eram treinos puxados, que





- Pronto pra Operação Desadestramento?

exigiam grande força de vontade da parte do Conan. Mesmo assim ele ia. A cada dia ficava mais esperto. Estava se esforçando. E eu? Bem, eu me tranquei no meu quarto e fiz o que devia ter feito há tempo. Não demorou muito para que Monstro tocasse a campainha.

- Pronto pra Operação Desadestramento?

Conan pulou e abanou o rabo. Estava mais que pronto.

- Muito bem, Conan! Em breve você estará do jeitinho que queremos.

Monstro brincou com Conan. Contou o que havíamos preparado para ele.

- Nós vamos tirar todos aqueles comandos de você, tá amigão?

- Au au!

Conan estava ansioso para começar a desaprender. Olhou para mim com jeito de quem diz: “vamos?”. Correu para a porta.

- Vamos? - disse Monstro.

Não consegui me mexer. Os dois me encararam sem entender. Quando o elevador chegou, dei um berro:

- NÃO!

Desmarquei o desadestramento. Disse que era porque eu tinha de estudar. Monstro argumentou que eu podia estudar depois. Respondi que não dava. Ele insistiu em ir adiante, pois já estava tudo combinado.



- A gente descombina - falei.

Monstro não viu a menor graça em descombinar o desadestramento. Foi embora batendo pé. Conan ficou igualmente decepcionado. Voltei para os estudos. Foram vários dias de fuga. Eu praticamente fugi de Monstro. Nem abria mais a porta para ele. Pedia para minha mãe dizer que eu estava estudando. Do meu quarto, ouvia quando Conan o recebia, animava-se para sair e depois choramingava, percebendo que não ia mais. Nesses dias, foi a Dona da Casa quem o levou para passear. Não devia ser tão legal quanto passear comigo, mas pelo menos eu estava eliminando os desertos das minhas provas. Meu boletim não seria um mar de notas vermelhas.

Depois que terminaram as provas, Monstro voltou a aparecer em casa.

- Agora já podemos começar o desadestramento. Vamos?

## 18. Tudo sob controle

Conan me ensinou muitas coisas desde que veio para a nossa casa. Acho que a principal lição foi a da lealdade. Quando o chamava para passear, ele ia. Quando atirava um pedaço de pau, ele buscava. Quando chegava em casa, ele se alegrava. Lealdade é assim. Você sabe o que esperar do outro e o outro faz, do jeitinho que estava previsto. Não tem erro. Agora meu melhor amigo queria dar início ao Plano Desadestramento Djá, e eu, que já tinha topado, devia fazer conforme combinado. Então, por que eu recusava a ir? Por que ficava ali encolhido num canto do meu quarto, morrendo de medo do toque da campainha? Eu sei por que. Isso acontecia porque com humanos a coisa é mais complicada. Eu estava no meio de um dilema. Não queria mais desadestrar o Conan e não tinha coragem de dizer isso ao meu melhor amigo.

Segui para o parque feito um zumbi. Monstro chamou e eu fui, sem conseguir dizer que não queria ir. Conan saltitava ao lado do meu amigo. Assisti a tudo que aconteceu em seguida como se fosse um filme, fingindo não estar ali.

Monstro emitiu o primeiro comando:

– Sienta!

Conan se sentou e Monstro deu uma bronca. Pegou Conan pelas patas e fez com que ele se deitasse. Então gritou “sienta”! Conan tentou se levantar para sentar, mas Monstro o segurou, forçando-o a ficar deitado. Conan olhou para mim, orelhas baixas, tristonho. Olhei para o lado. Monstro continuou:

– Vou lhe mostrar como é, Conan. Quando eu digo “sienta”, você deita.

Uma mãe que empurrava um carrinho de bebê estacionou num banco ali perto, tirou uma mamadeira de dentro da sacola e deu de mamar ao filho. Conan sentiu o cheiro de leite, mas manteve-se deitado, do jeito que Monstro queria.

– Muito bem! Vamos tentar novamente – disse Monstro.

– Conan, sienta!

Conan sentou.

Uma menina apontou para Conan e gritou para a mãe:

– Olha, mãe, que bonitinho! Um cachorrinho que entende português!

– NÃO, Conan! – gritou Monstro, e lhe deu um tapa no traseiro.

Conan me encarou novamente, pedindo uma

intervenção. Baixou a cabeça e fez um som de choro. Quis vir para junto de mim, mas Monstro o puxou pela coleira.

– Ígor, você não vai ajudar?

– Acho que ter dois treinadores vai confundi-lo.

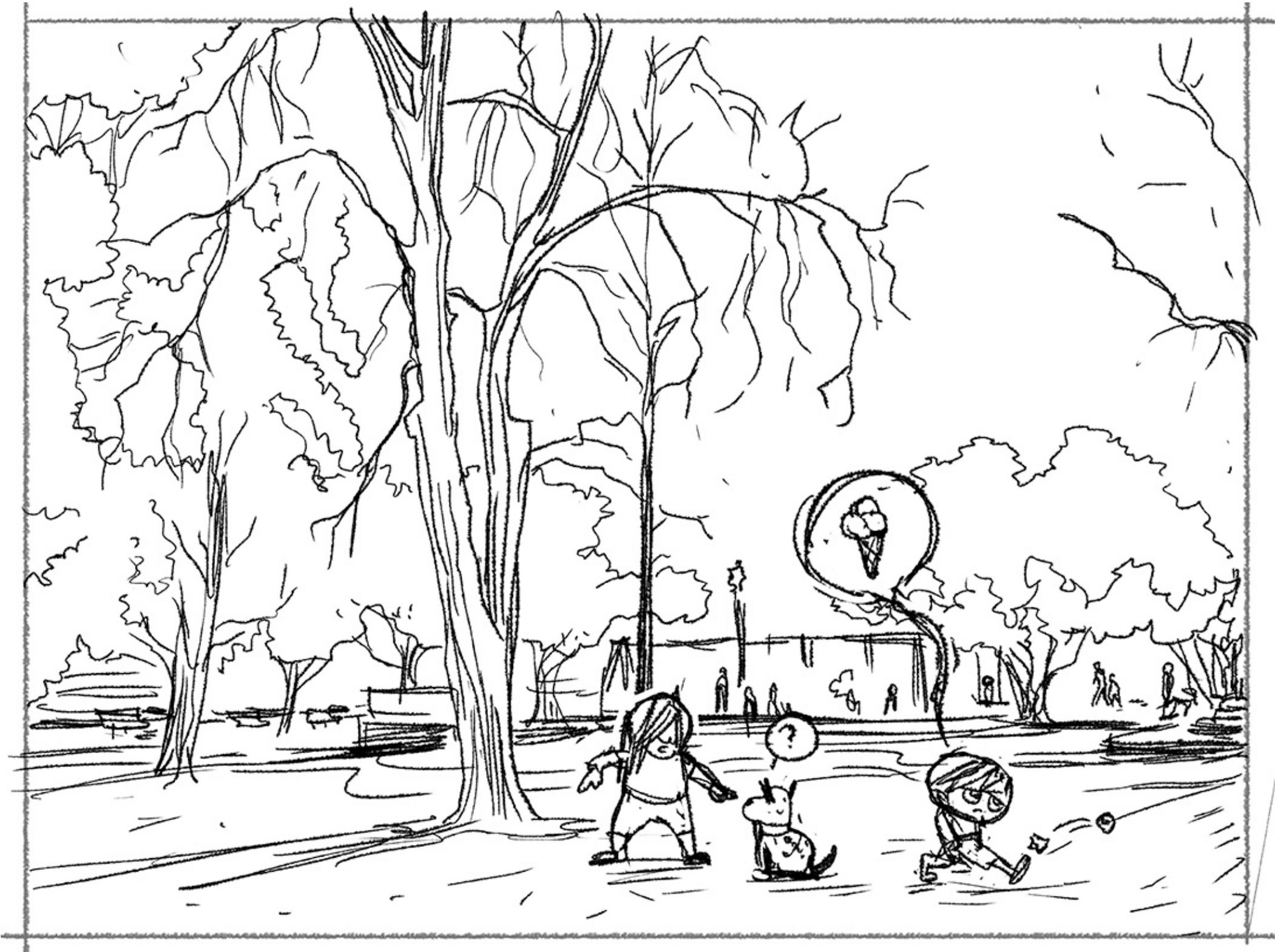
– Mas a ideia é essa!

Como não me mexi, Monstro continuou sem mim. Pela terceira vez, Conan obedeceu perfeitamente ao comando. Assim que se sentou, Monstro o forçou a deitar. Conan me encarava, bravíssimo. Ele se debatia tentando sentar de qualquer jeito. Queria me mostrar que sabia o que fazer ao comando sentar, mesmo que Monstro tivesse enlouquecido. Assim que ele o soltou, Conan se sentou como que dizendo: “isso é sentar, entendeu?”.

Não consegui continuar assistindo.

– Vou comprar um sorvete e já volto – eu disse.

Deixei meu cão ali, indefeso, pronto para sofrer um trauma irreversível. Fui andando pelo parque me sentindo o pior dos humanos. De vez em quando eu dava uma olhadinha e via a mesma cena se repetir. Conan era teimoso. Ele tinha certeza do que fazer e não se deixava confundir. Isso era o que mais me agoniava. Eu também sabia o que fazer e no entanto, lá estava, feito um adulto confuso, no meio de um dilema, num parque cheio de criancinhas.





A mãe que há pouco dava mamadeira para seu bebê, colocou-o no chão. O bebê estava naquele estágio dos primeiros passinhos, andando meio cambaleante. A mãe, orgulhosa, acompanhava o progresso do filhote. Foi aí que tive uma luz!

- Monstro! Para tudo!

Não precisei insistir duas vezes.

Monstro estava exausto. Conan, muito irritado. Assim que seu

desadestrador o soltou, ele sentou, mostrando para nós, pela milésima vez, o sentido de “sentar”.

- Descobri uma coisa! O desadestramento não vai funcionar.

- Vai, sim!

Monstro era tão teimoso quanto Conan.

- Não vai por um motivo muito simples. Isso vai contra a natureza. Olha só o que eu descobri!

Apontei para o bebê cambaleante.

- Monstro!  
Para tudo!



- Aquele bebê está aprendendo a andar, certo? - eu disse.

- E daí?

- Imagine que a mãe dele resolveva que quer desensinar o bebê a andar.

Impossível. Imagine agora que alguém resolve que vai nos desensinar a falar.

Monstro não retrucou. Bom sinal! Prossegui com a argumentação:

- Ou que alguém quisesse nos desensinar a jogar futebol. Ou a ler. Nós nunca vamos desaprender a ler, não importa o que aconteça.

- Tá... Tudo bem - Monstro resmungou. - Mas então como você explica que logo depois que entrego uma prova, já não lembro de mais nada que estudei?

- Simples! É porque você não aprendeu de verdade. Você só decorou pra prova. Quando a gente aprende, é irreversível.

Monstro ficou pensativo durante um tempo. Acho que procurava exemplos para me contradizer. Olhava para Conan, que por sua vez observava o bebê nos seus primeiros passos. A mamadeira estava logo ali no banco, e ele nem se importou. Parecia estar torcendo secretamente pelo sucesso do bebê, para o momento em que ele largasse da mão da mãe e seguisse sozinho.





- Nunca tinha pensado nisso... - Monstro disse. Na verdade, eu também não. Se não fosse pelo Desadestramento Djá, talvez nunca parasse para pensar nessa questão.

- Então você concorda comigo? - perguntei.

Monstro estendeu a mão e fez sua proposta:

- Missão desadestramento abortada por invalidez!

- Por violação das leis naturais de aprendizado - acrescentei.

- Por completa burrice do seu criador e por estimular o maltrato de animais.

- Por não levar a nada!

- Por provar que os descontrolados somos nós! - finalizou Monstro, rindo.

- Au au! - arrematou Conan, dando à sua história um merecido final feliz.



## EPÍLOGO

O fato de não termos conseguido desadestrar Conan não implicou em desistirmos de outras desadestrações. Durante aquelas férias Monstro e eu desenvolvemos um método para desadestrar nossos professores.

Eles precisavam de uma drástica mudança de mentalidade. Elaboramos o “Plano de Educação Estudantil por Estímulo Positivo”, que consistia em recompensar ações desejadas em vez de punir ações indesejadas.

No primeiro dia de aula, no meio do recreio, subi numa mureta e apresentei o método para a escola toda. Os alunos aprovaram na hora! Já os professores, não quiseram nem saber. Estavam fechados para novas ideias. Seria um sinal de atrofia cerebral?





## AUTORA E OBRA



Certos personagens são tão abusados que não se contentam com um único livro. Ígor é desses. Depois que terminei de escrever “Saga animal”, ele não se deu por satisfeito. Queria mais.

– O que mais você quer de mim, Ígor? – perguntei. – Você queria um bicho de estimação e eu escrevi uma saga inteira pra você. No fim ainda te dei um dalmata. Agora me deixa. Quero escrever outros livros, com outros personagens.





Mas ele me acordava no meio da noite. Ficava pipocando nos meus pensamentos. Fazia aparições na rua. Por onde eu olhava, via Ígor e seu dalmata. No fundo, eu também tinha saudades de trabalhar para eles. Também ficava imaginando como seria o relacionamento deles. E a Dona da Casa? Eu ficava imaginando as reações da coitada. Quanto mais pensava a respeito, mais me dava conta de que ainda tinha muita história para contar. Foi assim que me rendi à insistência do Ígor e me sentei para escrever “Um dalmata descontrolado”.

No começo foi um pouco difícil, pois eu nunca tive um cachorro. Para conseguir escrever este livro tive de ir atrás de cães descontrolados que pudessem me servir de inspiração. Uma coisa eu aprendi, quando o assunto é cachorro, a realidade dá de mil a zero na ficção. Também confirmei minha predileção por gatos. Mil vezes, gatos.

Se você quiser conhecer um pouco mais sobre a minha escrita, visite meu site: [www.livrosdaindigo.com.br](http://www.livrosdaindigo.com.br). Ali você encontrará a lista completa dos meus livros.

Também publiquei “Saga animal”, “O colapso dos bibelôs” e “A maldição da moleira”. Em “O colapso dos bibelôs” faço um exercício de imaginar o que aconteceria caso tivéssemos uma crise de te-

lefonía e ficássemos incomunicáveis por uma semana inteira. “A maldição da moleira” é um livro narrado por um bebê de colo que comenta o mundo à sua volta, com interesse especial no estranho comportamento dos adultos. “Saga animal” é onde tudo começa, quando Ígor decide conseguir seu bicho de estimação, enfrentando tudo e todos, até alcançar seu objetivo.

indigo 

